

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

**A CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA DE MENORES CARENTES QUE VIVEM  
EM ENTIDADES FILANTRÓPICAS DE MACEIÓ**

Renata Livia de Araújo Santos

MACEIÓ/AL  
2010

RENATA LÍVIA DE ARAÚJO SANTOS

**A CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA DE MENORES CARENTES QUE VIVEM  
EM ENTIDADES FILANTRÓPICAS DE MACEIÓ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, sob orientação da Profa. Dra. Maria Denilda Moura.

MACEIÓ/AL  
2010

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale**

S237c Santos, Renata Livia de Araújo.  
A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió / Renata Livia de Araújo. – Maceió, 2010.  
144 f.

Orientadora: Maria Denilda Moura.  
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2010.

Bibliografia: f. 135-140.  
Anexos: f. 141-144.

1. Linguística. 2. Língua portuguesa – Concordância. 3. Língua portuguesa – verbos. 4. Variáveis linguísticas. 5. Entidade sem fim lucrativo – Maceió(AL).  
I. Título.

CDU: 806.90-25

 UFAL	<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS</b> <b>FACULDADE DE LETRAS</b> PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA	 PPGL
---	---	---

## TERMO DE APROVAÇÃO

RENATA LÍVIA DE ARAÚJO SANTOS

Título do trabalho: "A CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA DE MENORES CARENTES QUE VIVEM EM ENTIDADES FILANTRÓPICAS EM MACEIÓ"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

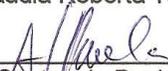


\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Denilda Moura (PPGL/UFAL)

Examinadores:



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares da Silva (UFPE)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGL/UFAL)

Maceió, 03 de fevereiro de 2010.

Esta pesquisa foi financiada por uma bolsa CAPES.

*Dedico este trabalho aos meus queridos pais, José Hélio dos Santos e Márcia Cecília de Araújo Santos, e aos meus irmãos, Artur Eugênio de Araújo Santos e Flávia Cecília de Araújo Santos, que contribuem decisivamente para que minhas conquistas sejam alcançadas. Minha vitória é nossa!*

## AGRADECIMENTOS

*Mais que especiais:*

A Deus, pela realização de mais um sonho, pela força e pela benção diárias, que me fazem vencer os obstáculos e que me permitem continuar trilhando meu caminho.

A meus pais, José Hélio e Márcia Cecília, a quem sou eternamente grata pela base sólida, pelo exemplo de vida, pelo amor, respeito, cuidados, ensinamentos..., que me possibilitam alcançar as conquistas e que me tornam forte nos momentos difíceis.

A meus irmãos, Artur Eugênio e Flávia Cecília, pela amizade e pelo apoio inestimável, pela compreensão e paciência nas horas difíceis e pelas inúmeras e valiosas revisões textuais.

*Especiais:*

À Profa. Dra. e Orientadora, Maria Denilda Moura, a quem serei eternamente grata, pela confiança em mim depositada desde a graduação, por sua valiosa orientação, por sua compreensão, carinho e cumplicidade com os quais sempre pude contar, pelo exemplo de profissional competente e que luta por seus objetivos.

*Importantes:*

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, por permitir a concretização desta dissertação.

A CAPES, pelo importante apoio financeiro.

Às entidades filantrópicas, Lar Batista Marcolina Magalhães e Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O'Neal, aos seus diretores, funcionários e membros, especialmente, aos colaboradores desta pesquisa, pela oportunidade de desenvolvimento da coleta dos dados.

À Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães, pela disposição em ler este trabalho, pelas valiosas discussões e contribuições, pelas referências sugeridas e por ter sido como uma coorientadora neste trabalho.

Ao Prof. Dr. Aldir Santos de Paula, pelas discussões sociolinguísticas, pelas referências sugeridas, pela disposição em ler esta pesquisa e pelas valiosas contribuições.

À Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva, pela disposição em ler este trabalho e pelas importantes contribuições.

À minha amiga, Solyany Soares, pela amizade verdadeira, pela troca de experiências, conhecimentos, angústias e emoções, pelos conselhos, por todo apoio ofertado e pelas discussões sociolinguísticas.

À amiga, Elyne Giselle, pelas discussões sociolinguísticas, pelas referências sugeridas, pelo apoio e pela dissertação desenvolvida na nossa área, que serviu de exemplo para este trabalho.

Ao meu amigo, Cristiano Soares, pela amizade e ajuda especial na construção do abstract e nas traduções das citações em inglês usadas nesta pesquisa.

Aos meus amigos, Fernando Augusto, Jeylla Salomé, Emanuelle Camila, Priscila Rufino, Sandra Lamenha e Selma Bezerra pela troca de conhecimento, pelas discussões sociolinguísticas, pelo apoio e pela amizade.

Aos amigos, Adeilson Pinheiro e Marcelo Amorim, pelo exemplo, companheirismo, apoio e pelos valorosos conselhos.

Ao Grupo de Pesquisa em Sociolinguística (GRUPES), pelas valiosas discussões sociolinguísticas e por todo apoio ofertado.

A todos que, direta ou indiretamente, me fortaleceram neste momento em que qualquer gesto e palavra de carinho se tornam uma alavanca de motivação.

*“É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca”.*

Leite; Callou (2002, p. 7)

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar a concordância verbal na fala de crianças e adolescentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió. Selecionamos a Teoria Sociolinguística Variacionista, de Labov (2008 [1972]), a fim de compreender melhor o comportamento linguístico dessas crianças. Para isso, escolhemos a posição do sujeito, o número de elementos entre o sujeito e o verbo e número/pessoa como fatores linguísticos. Os fatores extralinguísticos selecionados foram a escolaridade, o tempo de permanência na entidade filantrópica e a localidade, referente ao local em que o colaborador vivia antes de ir para a instituição. Dessa forma, realizamos algumas reflexões teóricas e metodológicas a fim de alcançar, da forma mais coerente possível, nosso objetivo. Discutimos também alguns estudos sociolinguísticos sobre a concordância verbal e percebemos que alguns deles apontam que a variável dependente estudada é, estatisticamente, influenciada por fatores linguísticos, como por fatores extralinguísticos. O *corpus* desta pesquisa é constituído por gravações de entrevistas e narrativas, estratificadas de acordo com os fatores extralinguísticos selecionados para análise. O programa computacional Goldvarb X foi utilizado para a análise quantitativa dos dados. Assim, realizamos a análise linguística desses dados e constatamos que há variação entre ausência e presença de marcas de concordância verbal na fala de crianças e adolescentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió e que essa variação é influenciada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Palavras-chaves: Português brasileiro, concordância verbal, variação linguística, entidades filantrópicas.

## ABSTRACT

The objective of this research is analyzing the verbal agreement in the speech of children and teenagers who live in philanthropic entities of Maceió. We chose Labov's (2008 [1972]) Variationist Sociolinguistics Theory, in order to better understand the linguistic behavior of these children. In order to do that, we chose the position of the subject, the number of elements between the subject and the verb and number/person as linguistic factors. The chosen extra linguistic factors were: schooling, the period of attendance in the philanthropic entity and the locality - regarding the location where the collaborator lived before going to the institution. Thus, we performed some theoretical and methodological reflections aiming at getting to our objective, as coherently as possible. We also discuss some Sociolinguistic studies on verbal agreement and we noticed that several expound that the studied variable is statistically influenced by linguistic factors, like by extra linguistic factors. The *corpus* of this research is composed of recordings of interviews and narratives, stratified according to extra linguistic factors chosen for the analysis. The Goldvarb X computer program was used for the quantitative analysis of the data. Thus, we carried out the linguistic analysis of the data and concluded that there is variation between subject and verb in the speech of children and teenagers who live in philanthropic entities of Maceió and which this variation is influenced by linguistic and extra linguistic factors.

Keywords: Brazilian Portuguese, verbal agreement; variation; philanthropic entities.

## LISTA DE TABELAS

- Tabela 1: Distribuição dos colaboradores segundo fatores extralinguísticos **74**
- Tabela 2: Distribuição das variáveis linguísticas segundo a variável dependente ‘ausência e presença de marcas de CV’ **75**
- Tabela 3: Resultado total das variantes ausência e presença de marcas de concordância verbal **87**
- Tabela 4: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal na variável ‘número/pessoa’ e o peso relativo obtido através da aplicação da variante presença de marcas de CV na referida variável **92**
- Tabela 5: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal na variável ‘ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ e o peso relativo obtido através da aplicação da variante presença de marcas de CV na referida variável **98**
- Tabela 6: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal na variável ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ e o peso relativo obtido através da aplicação da variante presença de marcas de CV na referida variável **103**
- Tabela 7: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal na variável ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ e o peso relativo obtido através da aplicação da variante presença de marcas de CV na referida variável **107**
- Tabela 8: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal na variável ‘escolaridade’ e o peso relativo obtido através da aplicação da variante presença de marcas de CV na referida variável **112**
- Tabela 9: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal na variável ‘localidade’ e o peso relativo obtido através da aplicação da variante presença de marcas de CV na referida variável **117**
- Tabela 10: Cruzamento de dados feito entre as variáveis ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ e ‘ausência e presença de elementos intervenientes entre sujeito e verbo’ em relação à variável dependente **120**

Tabela 11: Resultados do cruzamento de dados feito entre as variáveis ‘escolaridade’ e ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ em relação à variável dependente **123**

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Resultado total das variantes ausência e presença de marcas de concordância verbal na fala de menores carentes da cidade de Maceió **88**

Gráfico 2: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal tomando por base a variável ‘número/pessoa’ **91**

Gráfico 3: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal tomando por base a variável ‘ausência e presença de elementos entre sujeito e verbo’ **97**

Gráfico 4: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal tomando por base a variável ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ **102**

Gráfico 5: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal tomando por base a variável ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ **106**

Gráfico 6: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal tomando por base a variável ‘nível de escolaridade’ **111**

Gráfico 7: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal tomando por base a variável ‘localidade’ **116**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	17
<b>CAPÍTULO 1 – Referencial teórico</b>	20
<b>1.1 Sociolinguística Variacionista</b>	20
<b>1.2 Concordância verbal</b>	29
<b>1.2.1 Visão normativa</b>	30
<b>1.2.2 Visão sociolinguística</b>	34
<b>CAPÍTULO 2 – Procedimentos metodológicos</b>	49
<b>2.1 A metodologia da pesquisa em Sociolinguística Variacionista</b>	49
<b>2.2 Hipóteses e objetivos da pesquisa</b>	54
<b>2.3 Constituição do <i>corpus</i></b>	55
<b>2.3.1 A comunidade de fala</b>	55
<b>2.3.1 Entidade filantrópica</b>	56
<b>2.3.1.2 Menores carentes</b>	64
<b>2.3.2 Coleta de Dados</b>	69
<b>2.3.2.1 Os encontros</b>	71
<b>2.3.2.2 O <i>corpus</i></b>	73
<b>2.3.3 Transcrição e quantificação</b>	76
<b>2.4 Variável dependente e variáveis independentes</b>	80

<b>CAPÍTULO 3 – Descrição e análise dos dados</b>	87
<b>3.1 Variável dependente</b>	87
<b>3.2 Variáveis significativas</b>	89
<b>3.2.1 Número/pessoa</b>	90
<b>3.2.2 Ausência/Presença de elementos entre sujeito e verbo</b>	96
<b>3.2.3 Tempo de permanência na entidade filantrópica</b>	100
<b>3.2.4 Posição do sujeito em relação ao verbo</b>	105
<b>3.2.5 Nível de escolaridade</b>	110
<b>3.3 Variável não significativa</b>	115
<b>3.3.1 Localidade</b>	115
<b>3.4 Cruzamentos</b>	119
<b>3.4.1 Cruzamento de dados feito entre as variáveis linguísticas ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ e ‘ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’</b>	119
<b>3.4.2 Cruzamento de dados feito entre as variáveis extralinguísticas ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ e ‘escolaridade’</b>	122
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	126
<b>REFERÊNCIAS</b>	135
<b>ANEXOS</b>	141
<b>1. Ficha social</b>	141
<b>2. Roteiro-guia</b>	142
<b>3. Convenções de transcrição</b>	143

## APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, o avanço das telecomunicações se deu de forma acelerada. O surgimento de novos meios de comunicação, sem dúvida, provoca impactos na linguagem e na cultura de uma sociedade, que passa a ver o conhecimento e a informação como instrumentos essenciais para a sobrevivência em um mundo cada vez mais competitivo.

Levando em consideração a influência da fala na escrita e somando isso ao fato de que a comunicação através da fala e da escrita é realizada por diversos meios de veiculação, podemos dizer que o resultado dessa interferência pode ser considerado como uma das causas da heterogeneidade da língua.

A teoria linguística que tem como objetivo principal estudar a diversidade linguística na tentativa de sistematizá-la é a Sociolinguística Variacionista também conhecida por Sociolinguística Quantitativa, que tem William Labov (2008 [1972]) como seu principal representante. Para essa vertente teórica, a língua é um sistema intrinsecamente heterogêneo e socialmente determinado, subtendendo que ela possui uma função comunicativa.

A Sociolinguística afirma que essa diversidade linguística é passível de ser estudada, já que a língua passa por um processo de variação e/ou mudança sistemático e contextualizado. Essa teoria reconhece que tanto fatores internos à língua, como externos influenciam o sistema linguístico. Portanto, para a Sociolinguística Variacionista, a língua deve ser estudada como estrutura dentro do contexto social de uma comunidade de fala, “um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008 [1972], p. 188).

Para a realização de nossa pesquisa, escolhemos os menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió como a comunidade de fala a ser analisada. Longe dos avanços

tecnológicos e de um convívio diário com a família, esses menores são privados do direito de ir e vir, uma vez que são acolhidos por instituições de caráter filantrópico que trabalham com regime de semi-internato. Essas instituições ao mesmo tempo em que aparecem como uma opção viável, já que os menores vivem muitas vezes em situações degradantes nas ruas ou nas próprias casas, são, por outro lado, questionadas por afastarem os menores do convívio com seus familiares.

Além da condição social que cerca a vida dessa comunidade, há um outro motivo que nos incentivou a realizar esse estudo na comunidade referida: a escassez de estudos referentes à fala de comunidades marginalizadas.

Para a realização do referido estudo, selecionamos as entidades filantrópicas Lar Batista Marcolina Magalhães, que abriga meninas na idade de sete a dezoito anos, e Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O'Neal, que, como o próprio nome diz, abriga meninos também com a faixa etária de sete a dezoito anos. Dentre os membros dessas instituições, selecionamos dezesseis colaboradores para participar da pesquisa, levando em consideração a escolaridade, o tempo de permanência na instituição e a localidade.

A fim de conhecermos a fala dessa comunidade, selecionamos o estudo sobre a concordância verbal (doravante CV), uma vez que o grande número de pesquisas nessa área nos sugere que a variação entre ausência e presença de marcas de CV ocorre com frequência na fala dos brasileiros. Assim, realizamos a coleta e a transcrição dos dados e, em seguida, a análise dos mesmos com o intuito de verificarmos se na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió essa variação também ocorre. De modo geral, o que constatamos foi que esses menores também fazem uso frequente dessa variação, ratificando a relevância do estudo dessa variabilidade. Assim, a seleção do estudo sobre a CV se deu com o intuito de realizarmos reflexões e discussões que permitam uma melhor compreensão do uso da variação entre ausência e presença de marcas de CV.

Para isso, dividimos o trabalho em três capítulos. O primeiro é dedicado às reflexões teóricas sobre a Sociolinguística Variacionista, enfatizando as discussões que melhor enquadram o presente estudo. Realizamos também, através das visões normativa e sociolinguística, uma discussão sobre o fenômeno em análise e apresentamos alguns estudos sociolinguísticos que abordam tal fenômeno e que podem contribuir para esta pesquisa.

No segundo capítulo, abordamos os aspectos metodológicos da pesquisa em Sociolinguística Quantitativa, apresentando as hipóteses e os objetivos do presente estudo, descrevendo a comunidade de fala e a realidade que a cerca, a constituição da coleta do *corpus*, da transcrição e da quantificação, e as variáveis dependente e independente utilizadas nesta pesquisa.

O terceiro capítulo deste trabalho procura descrever e analisar os dados empíricos coletados a fim de compreendermos a variação linguística em estudo.

Por fim, destinamos as últimas laudas deste trabalho a algumas considerações, reflexões e apontamentos sobre o estudo em foco.

## **CAPÍTULO 1 – Referencial teórico**

Neste capítulo, reunimos os principais pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1975]) que consideramos relevantes para o presente trabalho. Apresentamos o fenômeno em estudo de acordo com as visões normativa e sociolinguística. Na visão sociolinguística, reunimos alguns trabalhos, que servirão de base para a análise dos dados desta pesquisa. Neste capítulo também justificamos a escolha da comunidade de fala para analisarmos a variação entre ausência e presença de marcas de CV.

### **1.1 Sociolinguística Variacionista**

A Sociolinguística tem como precursor o linguista americano William Labov e surgiu em meados do século XX, fixando-se em 1964, devido ao fato de as correntes anteriores como o estruturalismo e o gerativismo excluírem de seus estudos a heterogeneidade linguística. Labov, portanto, se preocupa com o estudo dessa heterogeneidade e procura dar conta desse fenômeno levando para os estudos linguísticos o papel dos fatores sociais. Assim, esse teórico, de certo modo, se opõe aos pensamentos de Saussure 2004 [1916], que vê a língua como sistema homogênea, e de Chomsky (1957), que acredita que a língua é característica natural do código genético do homem e que esse código é igual para todo ser humano.

A partir da Sociolinguística

se passa a conhecer várias realidades linguísticas antes ignoradas, tais como: a) a ideia de que a língua é heterogênea e de que essa heterogeneidade pode ser sistematizada; b) o desenvolvimento de bilinguismo em nações socialmente complexas; c) a obsolescência e a assimilação de línguas minoritárias; d) as regras que condicionam os comportamentos dos falantes nos eventos de fala; e) a influência de fatores extralinguísticos no uso da língua, como classe social, escolaridade, sexo, faixa etária, entre outros; f) a ideia de que a variação linguística não é livre e sim condicionada por restrições linguísticas e sociais; g) a classificação de variados modos de fala em variedades linguísticas; h) o porquê das crianças provenientes de classes menos favorecidas não “acompanharem” o modelo tradicional de ensino; i) a inadequação das gramáticas normativas para o ensino de língua materna, entre outros (VITÓRIO, 2008, p. 45).

Tendo em vista que a Sociolinguística abrange diversas áreas de interesse e que “o trabalho científico consiste em observar e descrever os fatos a partir de determinados pressupostos teóricos formulados pela Linguística, ou seja, o linguista aproxima-se dos fatos orientado por um quadro teórico específico” (PETTER, 2002, p. 13), nosso recorte faz-se necessário. Iremos nos deter, a partir de então, na Teoria da Variação Linguística.

Um interesse crescente nos estudos sociolinguísticos ocorreu no final dos anos sessenta e início dos anos setenta. Conforme Sá (2007, p. 40),

a ênfase à sociolinguística tem se prolongado com o desenvolvimento da Teoria da Variação a partir da proposta de Labov, Weinreich & Herzog em 1968 e, através dessa teoria atribuir-se-iam valores sociais às regras linguísticas, plenamente variáveis, permitindo que as estruturas variantes revelassem certos padrões de regularidade.

Dessa proposta originou-se um modelo de descrição e análise linguística, teórico e metodologicamente consistente, que se preocupa com a língua e o uso social dela – Teoria Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa.

É dado a Labov o título de precursor dessa teoria, devido ao fato de que, através de seus estudos, pôde-se comprovar que a heterogeneidade presente na língua é sistemática. Para esse teórico, “heterogeneidade e estrutura não são incompatíveis, ao contrário, são necessárias para o funcionamento real de qualquer língua. Prova-se isso pela capacidade e competência do indivíduo

em codificar e decodificar essa heterogeneidade” (LUCCHESI, 2004, p. 171). Para Labov, a competência do falante reside no fato deste saber qual forma da língua usar em variados contextos de fala.

Para a Teoria Variacionista, a concepção de língua se orienta como sistema socialmente determinado, ou seja, um sistema heterogêneo, cuja variação estrutural está relacionada às alterações das normas culturais e ideológicas de uma comunidade de fala. O sistema linguístico é caracterizado “por sua heterogeneidade estruturada, e é funcionalmente diferenciado dentro da comunidade de fala” (LUCCHESI, 2004, p. 175).

A noção de comunidade de fala é fundamental para a Sociolinguística Variacionista uma vez que, para Labov, a língua, que é intrinsecamente heterogênea, está inserida dentro de um sistema, a sociedade, também heterogêneo, em que um é influenciado por outro. Assim, para a análise da diversidade linguística, objeto de estudo da referida teoria, é preciso selecionar em que comunidade ela será analisada. Apesar dessa relevância e da complexidade de conceituação de comunidade de fala, essa noção é muito pouco discutida.

Labov (2008 [1972], p. 150) discute em seus trabalhos o termo comunidade de fala, afirmando que ela

não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso.

Os trabalhos em Sociolinguística, de forma geral, fazem um intercâmbio no uso dos termos ‘comunidade de fala’ e ‘comunidade linguística’ indistintamente, como se fossem sinônimos. Contudo, observando os últimos elementos desses sintagmas nominais, podemos dizer que esses termos podem ser interpretados de maneira diferente.

Portanto, entendemos por comunidade linguística

um termo que se refere a qualquer grupo de pessoas que fazem uso de uma ou várias línguas como forma de organização ou diferenciação social. Ao passo que comunidade de fala é um termo que identifica e estabelece fronteiras sociolinguísticas que diferenciam comunidades (VIANA, não paginado).

Ou seja, quando falamos em comunidade de fala, não nos referimos apenas a “um grupo heterogêneo de pessoas e comportamentos linguísticos, mas a um grupo heterogêneo que interage e possui o sentimento de fazer parte de uma mesma comunidade, compartilhando *normas*” (Idem). Bortoni-Ricardo (2008, p. 362) afirma que “as correntes mais modernas da Linguística, de natureza funcional, atribuem a fatores extralinguísticos a importância devida e consideram uma comunidade de fala mais como uma entidade social do que linguística”.

A comunidade de fala é marcada por fronteiras que a distinguem dentro de uma comunidade linguística, assim, há diversas comunidades de fala dentro de uma mesma comunidade linguística. O falante pode pertencer a mais de uma comunidade de fala. No Brasil, um professor de linguística, por exemplo, faz parte da comunidade linguística do português brasileiro<sup>1</sup> e da comunidade de fala dos professores de forma geral, como também da dos professores de linguística, compartilhando traços linguísticos específicos de cada comunidade. Percebemos, portanto, que o número de comunidades diversificadas é imensurável. Não há como controlar as associações de uma pessoa com outras, o que torna complicada a marcação geográfica e social de uma comunidade de fala.

A concepção laboviana do termo ‘comunidade de fala’ vem sofrendo críticas por parte de alguns teóricos (MILROY, J., 1982; FIGUEROA, 1994; entre outros), que apontam a dificuldade em conceituar comunidade de fala. Essas críticas envolvem a amplitude da definição de Labov, a

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, quando nos referimos ao Português Brasileiro e ao Português Europeu não estamos tomando uma posição favorável ou contrária a nenhuma teoria que aborda as discussões sobre o Português Brasileiro e o Português Europeu.

priorização de aspectos linguísticos em detrimento dos sociais na delimitação de uma comunidade de fala, a fluidez entre comunidade de fala e indivíduo, já que este pode participar de mais de uma comunidade, entre outros aspectos. Há, ainda, os que podem sugerir uma não existência de comunidades de fala na sociedade, acreditando serem desnecessárias as buscas por uma definição mais adequada desse termo.

Há também os que acreditam que conceitos como redes sociais e comunidades de prática podem contribuir para a análise de uma comunidade de fala. A partir “da consciência da amplitude de um estudo a partir da noção de comunidade de fala, sociolinguistas têm valorizado as relações ainda mais estreitadas dessa noção para níveis menores, como o de ‘rede social’ e de ‘comunidade de prática’” (VANIN, 2009, p. 152).

Segundo Lesley Milroy (2002, p. 553), rede social “it is a notion which is focussed on the individual speaker”<sup>2</sup>, corresponde aos relacionamentos pessoais e varia de indivíduo para indivíduo, que faz uso da língua de acordo com cada tipo de interação. Para Vanin (2009, p. 151), “ao optar por estudar a língua em redes sociais – vista como uma categoria real e concreta de análise –, o estudioso se concentra na avaliação de indivíduos reais em situações interativas”.

Comunidade de prática, conforme Eckert (2000 apud WIEDEMER, 2008, p. 29), “consiste na ideia de um conjunto de pessoas reunido em torno de um empreendimento particular, negociando e aprendendo práticas que contribuem para a satisfação de um objetivo comum”. De acordo com Vanin (2009, p. 151), dizer que os indivíduos que pertencem a uma mesma comunidade compartilham repertórios de práticas, quer dizer que eles compartilham inclusive as linguísticas. “As variantes linguísticas assumiriam significação social, havendo relação direta

---

<sup>2</sup> “é uma noção que está focalizada no falante individual”. Devemos destacar que as traduções apresentadas neste trabalho são de nossa responsabilidade.

entre língua e sociedade, e os estilos individuais ocupariam lugar central na investigação da variação linguística” (VANIN, Idem).

Milroy (2002) sugere o estudo de redes sociais por acreditar que o grau de intimidade entre os membros de uma rede é responsável pelo uso de variantes locais; e Eckert (2000) acredita que o conceito de comunidade de prática, valorizado por pesquisas de microanálise, pode contribuir na análise de uma comunidade de fala porque a participação social pode provocar diferentes falas.

Desse modo, apesar dessas noções contribuírem, de certa forma, para os estudos sociolinguísticos, acreditamos que a definição de Labov de comunidade de fala é satisfatória para a área da Sociolinguística Variacionista, justamente por ser ampla, permitindo, assim, o estudo de várias comunidades de fala, sejam elas pequenas ou não, uma vez que quanto mais comunidades forem estudadas, mais fiel será o quadro sociolinguístico de uma comunidade maior, como um país.

A Sociolinguística Variacionista, portanto, estuda a língua falada dentro das comunidades de fala. A partir de um contato linguístico e sociocultural entre as comunidades de fala, o repertório linguístico do falante vai alterando-se e, algumas vezes, modificando-se. É justamente essa descoberta de uma realidade nova que impulsiona esse processo de variação. Segundo Alkmin (2001, p. 41) “o contato cultural com outros povos, o conhecimento de novos conteúdos ou de realidades até então desconhecidas são o motor da elaboração de novos conceitos e da produção de novas palavras”.

Essa teoria acredita que a língua é formada por um conjunto pequeno de regras gramaticais, o categórico, compartilhado por todos os falantes, sendo que estes não podem infringir essas regras, e um maior, o variável, compartilhado a partir do uso da língua (MONTEIRO, 2000, p. 58). É neste segundo conjunto que Labov delimita seu estudo. Dessa

forma, há um leque de possibilidades de fala à disposição do falante, que pode expressar uma mesma coisa de várias formas. A cada uma dessas formas linguísticas alternativas dá-se o nome de variante e ao seu conjunto chamamos de variáveis.

Dessa forma, a Sociolinguística Variacionista procura mostrar que na língua há variações e que isto significa dizer que todas as variações devem ser respeitadas. “Diferentes grupos sociais têm diferentes maneiras de falar, mas nenhuma dessas maneiras é deficitária, já que cada uma dessas formas de comunicar-se é lógica e estruturada. O fracasso tem raízes socioculturais” (MOURA, 2007, p. 13).

Assim, de acordo com essa teoria, a língua passa por um processo de variação, em que duas formas estão em competição, isto é, são usadas pelos membros da comunidade de fala. Essa variação ordenada, algumas vezes, pode se transformar em uma mudança, em que uma das variantes passa a ser usada em detrimento da outra. “As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado” (CALVET, 2002, p. 89). Assim, “ao integrar, na concepção de língua como sistema heterogêneo, estrutura e mudança, a sociolinguística busca construir uma representação teórica do fenômeno linguístico que articule as suas dimensões estrutural e histórica” (LUCCHESI, 2004, p. 198).

Labov apresenta, portanto, um conceito de mudança linguística diferente da visão do estruturalismo de saussureano sobre esse termo. Para Saussure, há uma impossibilidade de se formar um sistema fechado, por isso, a mudança linguística é considerada como algo impossível de ser analisada, representando tanto a mudança, como a variação linguística. Para Labov, quando há mudança, quer dizer que ela foi gerada devido à existência da variação entre duas ou mais formas, contudo, quando falamos em variação, não se pode afirmar que, necessariamente, haverá mudança. Dessa forma, existem variações estáveis, coexistência no sistema linguístico da

alternância entre duas ou mais formas, porém não podemos apontar se uma dessas formas desaparecerá ou se modificará; e mudanças em progresso, quando podemos fazer esse apontamento. Assim, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p.116) romperam “com as fronteiras entre sincronia e diacronia, ao identificar junto com elas a mudança como face sincrônica da variação”.

Dessa forma, a mudança linguística, que “não é vista como exterior ao sistema, mas parte integrante do seu caráter normalmente heterogêneo” (LUCCHESI, 2004, p. 199), é estudada pela Sociolinguística através de estudos diacrônicos a partir do tempo real, onde se observa o processo de mudança na língua ao longo do tempo, e a partir do tempo aparente, que é uma projeção, onde a mudança é observada em um determinado tempo, ou seja, onde se tenta apreender o tempo real. Os estudos sincrônicos e diacrônicos têm como objetivo verificar a origem, a extensão e a propagação das formas variantes. Todavia, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p.116) destacaram que “a interpretação dos dados em termos de mudança linguística depende da inteira estrutura sociolinguística, e não simplesmente da distribuição no tempo aparente ou real”.

Desse modo, ao proporem uma teoria da variação e da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]) nos mostram que é fundamental observarmos a relação das variáveis linguísticas e extralinguísticas implicadas no processo de variação linguística.

Os estudos das regras variáveis, que a princípio se limitavam a dados de ordem fonológica, foram posteriormente ampliados. Percebeu-se que na associação de fatores linguísticos e extralinguísticos deveria haver espaço para estudos a níveis morfológico, sintático, entre outros. Essa possibilidade, sugerida a partir da pesquisa de Weiner e Labov (1983), ao estudarem a alternância ativa/passiva no inglês, foi contestada por Lavandera (1978), que também questiona a influência dos fatores sociais na variação linguística.

Sua argumentação é que a definição da variável sintática “requires a series of preliminary steps directed at eliminating all cases in which the two alternant forms contrast, i. e. do not say the same thing”<sup>3</sup> (LAVANDERA, 1978, p. 11). Para a autora, é impossível “to consider all the ways available of saying the same thing if all we are applying is the truth-value criterion”<sup>4</sup> (Idem, p.13). A crítica de Lavandera recai, portanto, no fato de que, para a autora, duas variantes sintáticas não têm mesma equivalência semântica. Dessa forma, Lavandera propõe a substituição do conceito ‘equivalência semântica’ por ‘comparabilidade funcional’ (CAMACHO, 2003, p.60). As variantes sintáticas, portanto, possuem uma função sintaticamente comparável. Quanto aos fatores sociais, ela acredita que seu estudo é desnecessário, afirmando que a variação ativa/passiva no inglês representa uma variação linguística e não sociolinguística, considerando, portanto, que essa variação não possui nenhum significado social.

Labov, em resposta às questões de Lavandera, apresenta a noção de significado representacional, que ele chama de “estados de coisas”. “To be more precise, I would like to say that two utterances that refer to the same state of affairs have the same truth-value, and follow Weinreich in limiting the use of “meaning” to this sense”<sup>5</sup> (LABOV, 1978, p. 2). Para a importância que Lavandera diz que Labov destina aos fatores sociais, o autor afirma que no estudo da variação linguística não devem ser levados em consideração apenas fatores sociais, que podem ou não ser influentes nessa variação. Para ele, a busca pela descrição e caracterização da estrutura da língua revela-se mais importante para a Teoria da Variação Linguística.

Assim, para Labov, em toda comunidade de fala, não importando a sua extensão, há variação linguística. Esta é gerada pela correlação entre fatores linguístico e extralinguístico,

---

<sup>3</sup> “requer uma série de passos preliminares voltados à eliminação de todos os casos em que as duas formas alternantes contrastam, por exemplo, não dizem a mesma coisa”

<sup>4</sup> “considerar todas as maneiras possíveis de dizer a mesma coisa se tudo que aplicamos for o critério de valor de verdade”

<sup>5</sup> “Para ser mais preciso, gostaria de dizer que duas declarações que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade e seguem Weinreich em limitar o uso de “significado” para este sentido.” (tradução nossa)

sendo possível, portanto, o estudo da variação não só em nível fonológico, mas também em níveis morfológico, sintático, entre outros.

Tendo em vista o exposto, a Teoria da Variação Linguística tenta dar conta dos fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a fala, uma vez que, para essa teoria

“os padrões linguísticos são descritos, e explicados (na medida em que objetos dessa natureza podem ser explicados), em termos de uma gramática de regras variáveis que operam com probabilidades associadas a fatores sociais e restrições hierarquizadas da estrutura linguística” (LUCCHESI, 2004, p. 196).

Dessa forma, levando em consideração que a língua varia conforme o contexto em que ela é enunciada, e, assim, que ela sofre influências não só internas ao seu sistema, mas também externas a ele, realizamos um estudo sociolinguístico sobre a concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, por acreditarmos que a concordância verbal é uma regra variável e que suas variantes são usadas pelos falantes dessa comunidade.

## **1.2 Concordância verbal**

A concordância verbal na língua portuguesa, assim como em outras línguas, é realizada entre o sintagma sujeito e o verbo. Aquele possui marcas de número e pessoa, que também aparecem neste e que permitem a identificação do sintagma sujeito mesmo quando ele não está realizado foneticamente na oração. Percebemos, portanto, uma redundância de marcas de concordância.

- a. Nós *gostamos*<sup>6</sup> de conversar durante a aula.<sup>7</sup>
- b. *Gostamos* de conversar durante a aula.
- c. Nós *gosta* de conversar durante a aula.

Percebemos em a. que o sintagma sujeito (Nós) possuem marcas de concordância com o seu verbo (gostamos), já em b. o sintagma sujeito não está realizado foneticamente, contudo, podemos identificá-lo. No exemplo c., observamos que há ausência de marcas de concordância verbal. Essa ausência nos parece ser mais um caso de omissão de redundância do que de falta de CV. Contudo, a ausência da flexão verbal é considerada pela visão normativa como uma forma desprestigiada e, portanto, estigmatizada, tanto quando ocorre na linguagem escrita, quanto na oral.

Veremos adiante duas visões distintas acerca da CV. A primeira está preocupada com o estudo da língua escrita, enquanto a segunda, com a observação da língua, seja ela falada, escrita, de sinais, entre outras.

### **1.2.1 Uma visão normativa**

A Gramática Normativa (doravante GN) tem como pretensão prescrever a língua culta. Para isso, baseia-se na distinção entre essa língua, “utilizada nas camadas que gozam de prestígio

---

<sup>6</sup> Neste trabalho, os elementos sublinhados correspondem ao sintagma sujeito e os que estão em itálico, à estrutura analisada (sintagma sujeito mais verbo).

<sup>7</sup> Os exemplos a., b. e c. foram criados para ilustração. Os demais exemplos numerados apresentados nesta pesquisa são trechos retirados do nosso *corpus*.

intelectual” (DUBOIS et al, 2006, p. 434) e a língua popular, utilizada nas camadas que não gozam desse prestígio. Desse modo, a GN procura estabelecer a norma padrão da língua, ou seja, estabelecer um sistema de instruções que define a forma “correta” dessa língua. Por considerar a língua falada um caos linguístico e um sistema difícil de ser estudado, a GN se detém ao estudo da língua escrita padrão.

Quando observamos o objetivo da GN, parece ficar claro o reconhecimento da variação linguística, porém esta é vista como um “desvio”, isto é, algo que fere as regras da norma padrão. A GN insere, conseqüentemente, nos estudos sobre a linguagem, as formas consideradas “corretas” e “incorretas”. Esta última forma é tida como uma má formação, sendo socialmente estigmatizada pela sociedade. Assim, na tentativa de evitar o “erro”, a GN elabora regras, derivadas das convenções e dos valores sociais, que “levam” a uma forma “correta”.

Observando a CV na GN, mais especificamente, na *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara (2004), e na *Nova Gramática do português contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2008), que iremos tomar como representativas, percebemos que, através de conceitos abrangentes e de formulações de regras contestáveis, frutos da tentativa de alcançar o mais próximo possível a forma padrão, a GN aborda a ausência de marcas de CV como uma falha, que deve ser evitada, e a presença dessas marcas como a forma correta, que deve ser seguida.

Antes de prosseguirmos, é preciso que deixemos claro que a escolha pelas referidas gramáticas deve-se ao fato de seus autores serem nacionalmente reconhecidos como autores representativos dessa área. Quanto a Bechara, o autor diz ser funcionalista em sua gramática, no entanto, segundo Bagno (2008),

sua Moderna Gramática deixa transparecer o vaivém do autor entre duas atitudes contrapostas: o descritivismo que analisa a língua pela ótica de uma teoria científica (no caso, uma vertente do funcionalismo) e a atitude normativa que tenta preservar o que ele chama de “língua exemplar” (adjetivo muito eloquente por si só).

Sendo assim, Bechara (2004, p. 543) define concordância verbal como aquela “que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração”, dividindo o estudo da CV em três partes: A – Concordância de palavra para palavra, B – Concordância de palavra para sentido e C – Outros casos de concordância verbal.

Conforme o autor, “a concordância de palavra para palavra será total ou parcial {também chamada atrativa}, conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo dos vocábulos determinados numa série de concordância” (Idem). Essa parte é subdividida de acordo com a quantidade de sujeitos da oração: “1) Há um só sujeito: a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo”, como em “Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade”; “b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural”, como em “Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados”; e “2) Há mais de um sujeito: Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo”, como podemos ver nesta sentença “Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia” (Idem, p. 554, grifo do autor).

Na parte ‘B’, a concordância de palavra para sentido é feita quando o sujeito simples é um nome ou um pronome que tem uma ideia de coleção ou grupo. Bechara diz que “o verbo pode ir ao plural” (Idem, p. 555), como, por exemplo, ‘A gente vamos’, mas enfatiza que “a língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa desagradável ao ouvido” (Idem). Nota-se que, ao afirmar isso, Bechara não está sendo funcionalista, mas purista, preocupado com a “pureza” da linguagem.

Já a parte ‘C’ é constituída de uma série de outros casos de concordância, totalizando vinte e dois casos. Destacamos três. O primeiro diz respeito ao sujeito formado por pronomes pessoais:

se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1ª pessoa do plural: ‘*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu’. Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2ª pessoa do plural: ‘E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.e, tu, ele) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus...’ (Idem, p. 555-556, grifo do autor).

O segundo caso em destaque está relacionado ao sujeito que é “representado por expressões do tipo *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural” (Idem, p. 557, grifo do autor). Segundo Bechara, quando isso ocorre, o verbo pode ir para o singular ou plural.

O outro caso diz respeito à concordância do verbo *ser*: “Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número” (Idem, p. 558, grifo do autor). O autor também faz uma ressalva: “Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural” (Idem, grifo do autor).

Cunha e Cintra (2008, p. 510) reconhecem que há uma “variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito” e que “a *concordância* evita a repetição do sujeito, que pode ser indicada pela flexão verbal a ele ajustada: ‘**Eu acabei** por adormecer no regaço de minha tia. Quando **acordei**, já era tarde, não **vi** meu pai’” (Idem, grifo do autor).

Os autores apresentam como regras gerais os subtópicos: ‘Com um só sujeito’, quando “o verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido: ‘**A paisagem ficou espiritualizada. Tinha adquirido** uma alma’” (Idem, p. 511, grifo do autor), e ‘Com mais de um sujeito’, quando “o verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural” (Idem, grifo do autor). Neste tópico, há três itens que mostram que o verbo que tem mais de um sujeito, quanto à pessoa, pode ir: “a) para a 1ª pessoa do plural, se entre os sujeitos figurar um da 1ª pessoa: ‘Só **eu e Florêncio ficamos calados**, à margem’” (Idem), “b) para a 2ª

pessoa do plural, se, não existindo sujeito da 1ª pessoa, houver um da 2ª: ‘**Tu ou os teus filhos vereis** a revolução dos espíritos e costumes’” (Idem, p. 512, grifo do autor), e c) para a 3ª pessoa do plural, se os sujeitos forem da 3ª pessoa: ‘Quando **o Loas e a filha chegaram** às proximidades da courela, logo se **anunciaram**’” (Idem, grifo do autor).

Em seguida, são apresentados inúmeros casos particulares: oito casos quando há sujeito simples e mais oito casos quando há sujeito composto. Vale destacar apenas o caso ‘concordância com o sujeito mais próximo’: “o verbo que tem mais de um sujeito pode concordar com o sujeito mais próximo: a) quando os sujeitos vêm depois dele: ‘Que te **seja** propício **o astro e a flor**’ (Idem, p. 523, grifo do autor).

Após essa tentativa de mostrar como a GN, a partir das gramáticas selecionadas, aborda a CV, podemos afirmar que, para essa gramática, a concordância entre sujeito e verbo, na língua portuguesa, é uma regra obrigatória. Dessa forma, são estabelecidas inúmeras regras, pouco criteriosas, que tentam sistematizar esse assunto, porém, o que se vê é que também há um grande número de exceções, comprovando que tal sistematização é complexa, principalmente, quando se se leva em consideração tal abordagem.

Assim, vários estudos linguísticos surgiram e contribuíram para um certo enfraquecimento da visão normativa. Interessa-nos a visão sociolinguística acerca da concordância verbal, que evidencia, através da observação da língua usada no cotidiano, o contraste entre a visão normativa e a realidade em que a CV se apresenta.

### 1.2.2 Uma visão sociolinguística

A Sociolinguística Laboviana, como vimos anteriormente, é o ramo da Linguística que estuda a gramática das comunidades de fala a fim de comprovar que a língua é governada por diferenças linguísticas e extralinguísticas sistemáticas. Assim, sua atenção recai sobre a heterogeneidade linguística, que, nessa área, não só é reconhecida, mas assumida como objeto de estudo.

Para a sociolinguística, a língua apresenta um dinamismo próprio, possuindo formas diferentes, mas que são semanticamente equivalentes. Essas formas, diferentemente da visão normativa, não são consideradas desvios. A língua permite a construção das mesmas e por isso devem ser respeitadas. Cabe ao falante usar a forma mais apropriada em cada contexto. Esse contexto diz respeito, por exemplo, ao local em que a língua está sendo utilizada e ao grau de formalidade.

Partindo desse pensamento, percebemos que na visão sociolinguística não há espaço para preconceitos linguísticos, uma vez que essa área tenta dar uma explicação plausível para a ocorrência dos chamados “desvios” da gramática normativa. A sociolinguística se preocupa com a língua falada no cotidiano, mas não descarta ou estigmatiza as demais modalidades da língua, pelo contrário, há alguns trabalhos que estudam a língua escrita e outros a língua dos sinais, por exemplo. O que interessa à Sociolinguística é a descrição das variações linguísticas. Logo, a principal crítica da sociolinguística aos estudos normativos recai sobre o fato de eles descartarem de seus estudos a característica de que a língua é intrinsecamente heterogênea.

Preocupados com essa diversidade linguística, muitos estudos vêm sendo desenvolvidos de acordo com os pressupostos teóricos da Sociolinguística, ou seja, levam em consideração que a língua varia conforme o contexto em que ela é utilizada, e, assim, que ela sofre influências não só internas ao seu sistema, mas também externas a ele.

Dentre esses estudos, destacam-se as pesquisas que dizem respeito à concordância sujeito-verbo no português brasileiro (Naro; Scherre, 1996, 1999; Pedrosa; Hora, 2000 e outros). A concordância verbal chama a atenção devido à grande quantidade de regras, estabelecidas pela GN, que não são aplicadas na língua falada. Dessa forma, a variação de CV na língua portuguesa tem sido amplamente registrada pelos estudos sociolinguísticos, que vêm demonstrando que a regra de CV é uma regra variável e que essa variabilidade vai depender da influência de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Moura (2007, p. 20) afirma que “segundo a ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) no português brasileiro, a concordância é estabelecida entre o sujeito e o verbo”. A autora reconhece “que a concordância verbal pode ser considerada uma regra variável, mesmo em se tratando da norma culta da língua”. Bechara (2004, p. 544) também destaca essa flexibilidade: “é preciso estar atento à liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece”. Porém, fica clara a diferença entre as duas falas, em que Bechara (Idem) faz a ressalva a fim de que se tenha cuidado com essa liberdade para “não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo”, enquanto Moura (2007) procura destacar a variação a fim de que a concordância entre sujeito e verbo possa ser abordada de maneira adequada nas escolas, segundo os pressupostos sociolinguísticos.

Como já dissemos, as pesquisas sociolinguísticas evidenciam um português falado no Brasil que varia de acordo com fatores internos e externos à língua. Os principais fatores linguísticos considerados como influentes para a variável CV que vêm sendo apontados por essas pesquisas são a saliência fônica, a posição do sujeito em relação ao verbo, a ausência e a presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo, o paralelismo formal, entre outros. Faz-se necessário, portanto, apresentarmos algumas dessas pesquisas para que possamos ter uma visão melhor acerca da variação entre ausência e presença de marcas de CV.

Pesquisas que estudam a variável número/pessoa

A variável ‘número/pessoa’ é bastante estudada nas pesquisas sobre a concordância verbal. Os sintagmas pronominais e nominais com valor de primeira e terceira pessoas do plural parecem chamar mais a atenção desses estudos. Assim, a marcação ou não de plural é algumas vezes relacionada à influência da saliência fônica.

Scherre, Naro e Cardoso (2007), no conjunto global dos dados da pesquisa que realizaram, observam que “a única característica do verbo que influencia a concordância plural é a saliência fônica da oposição singular/ plural”. Eles ainda vão além, afirmando que, como característica intrínseca ao verbo, nada mais parece ser relevante na análise dos dados da referida pesquisa e acrescentam que “o tipo de verbo, em especial, não revela efeito sobre a concordância” (Idem).

Scherre e Naro (1998, p. 3) apresentam uma síntese da escala da saliência fônica e afirmam que “a hierarquia da saliência deve ser estabelecida em função de critérios: (1) presença ou ausência de acento na desinência e (2) quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da forma plural”. Os autores compararam os resultados obtidos nos dados de sua amostra com os obtidos por Naro (1981) e perceberam que, apesar dos dados deste se referirem a dados de analfabetos e os deles se referirem a dados de falantes com 1 a 11 anos de escolarização, esses resultados são semelhantes, já que em ambos os casos “os níveis<sup>8</sup> mais baixos da hierarquia da saliência favorecem a concordância menos do que os níveis mais altos” (1998, p. 4). Contudo, Scherre e Naro (Idem) observaram que “os resultados da análise de Naro (1981) evidenciam uma

---

<sup>8</sup> Quando falamos em níveis, estamos nos referindo aos seis níveis da escala de hierarquia da saliência fônica apresentados por Scherre e Naro (1998, p. 3-4).

amplitude de variação maior, apresentando uma separação mais nítida entre as diversas categorias de cada um dos níveis”.

Oliveira (p. 8), constata nos seus resultados, fruto de uma investigação sobre a CV de terceira pessoa do plural na cidade de Vitória da Conquista/BA, uma forte tendência a não marcação de plural nos verbos de oposição não acentuada, o que “se dá em virtude de esse ser um contexto fônico menos saliente, conseqüentemente, menos perceptível, logo, menos marcado”.

Naro e Scherre (2007), ao observar pesquisas a respeito do português europeu, verificam que a concordância verbal também é uma regra variável. No livro *Origens do português brasileiro* (2007, p. 135-136), os autores retomam a pesquisa de Peixoto (1968) como exemplar “no que diz respeito a uma das principais origens da ampla variação na concordância de número que se observa no Brasil (...) para o efeito da saliência fônica na posição singular/plural da forma verbal” (p. 100). Segundo Naro e Scherre (2007, p. 100), esta pesquisa mostra “inicialmente a perda da nasalidade em ambientes onde se preserva a marca explícita de plural, produzindo formas como *eles comero*” (grifo do autor).

Percebemos, portanto, a preferência pelo estudo da saliência fônica. Contudo, como a fala da comunidade analisada nesta pesquisa é cientificamente desconhecida, acreditamos que o estudo da variação número/pessoa não deve ser limitado apenas ao estudo da saliência fônica. Procuramos entender o condicionamento dessa variável de uma forma geral.

Pesquisas que estudam a variável posição do sujeito em relação ao verbo

Os estudos sociolinguísticos vêm mostrando que o sujeito quando aparece imediatamente antes do verbo favorece a presença de marcas de CV. Por outro lado, sendo o sujeito posposto ao verbo, vindo imediatamente ou não, ele desfavorece a presença dessas marcas.

A já referida pesquisa de Naro e Scherre (2007, p. 95) mostrou que “nove dos 12 autores pesquisados apresentam exemplos de ausência de concordância de plural ou variante zero de plural com *sujeito à direita do verbo* no português europeu não padrão: quatro se referem explicitamente ao contexto de variação”: ‘... punhom-se pela cabeça, condo **morria pessoas** de uma família chigada...’ (grifos do autor).

Nos dados de Costa (1994, p. 319), podemos ver que “a posição do sujeito parece decisiva no controle da variabilidade da concordância verbal”. A autora particulariza: “Nas estruturas em que o sujeito se encontra posposto ao verbo, detectei, mais frequentemente, ausência de concordância” (Idem), exemplo: ‘...ela tinha que... que... *ficava as duas coisas* na cabeça e tudo... (...)’ (Idem, p. 317, grifo do autor). Vale destacar que o *corpus* dessa pesquisa é constituído por cem textos produzidos por informantes de diferentes níveis de escolaridade.

Silva (2008, p. 36), ao analisar redações escolares, observa que, tanto na oitava série, quanto no ensino médio, o sujeito anteposto e próximo ao verbo é a condição preferida para a presença de marcas de CV. “Em apenas 3% desse contexto (6 ocorrências em 207), as formas usadas não seguiram o padrão formal, como, por exemplo, em ‘um deles não *foram*’” (grifo do autor).

Em sua pesquisa, Oliveira (p. 8) verifica que a ordem sujeito-verbo, “bem como a proximidade entre o sujeito e o verbo são os contextos que mais favorecem o uso da forma padrão de CV” em terceira pessoa do plural, como, por exemplo, ‘Eles ficaM observando’, ao passo que a ordem verbo-sujeito e a distância entre sujeito e verbo alteram tal tendência para o uso da variante não-padrão (cf. Idem). Para este caso, a autora não apresenta exemplos.

Notamos, portanto, que algumas pesquisas abordam essa variável observando se o sujeito aparece imediatamente ou não antes do verbo ou se ele aparece imediatamente ou não depois do

verbo. Outras analisam esses fatores a partir de variáveis separadas, nomeando-as ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ e ‘distância do sujeito em relação ao verbo’.

Pesquisas que estudam a variável ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo

A variável ausência e presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo também vem sendo apontada pelas pesquisas como condicionante decisiva na variação entre ausência e presença de marcas de CV. Nos estudos sobre essa variável, ora observa-se apenas se há elementos entre sujeito e verbo, ora investiga-se não só se há elementos, mas também a quantidade de elementos intervenientes nessa relação.

A pesquisa de Graciosa (1991, p. 69) sobre a CV na fala culta carioca mostrou que os sintagmas nominais mais distantes do verbo inibem a concordância, enquanto que, quando há “proximidade linear entre SN e SV<sup>9</sup> há maior garantia de a regra se aplicar”. A saber: [SN afastado] ‘É verdade que *essas duas horas* que eu dou hoje em dia no Instituto de Química *quer* muito tempo de estudo’ e [SN próximo] ‘*os portugueses* *conhecem* como sopa de entulho’<sup>10</sup> (grifo nosso).

O trabalho de Santos (1999) sobre a CV na fala de alunos de 1<sup>a</sup> à 5<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental da cidade de Maceió obteve como resultado que o uso de marcas de CV tende a ocorrer mais quando existe material interveniente entre o sintagma nominal sujeito e o sintagma verbal (.43 e .68 de peso relativo, respectivamente). A autora destaca que esta variável “apresentou comportamento diferente de alguns resultados constatados na literatura pertinente, por vários pesquisadores do país” (Idem, p.65) e afirmou que “o enviesamento desses resultados

---

<sup>9</sup> As siglas SN e SV significam, respectivamente, sintagma nominal e sintagma verbal.

<sup>10</sup> Exemplos retirados do trabalho de Graciosa, 1991, p. 48-49.

deve-se ao fato da grande diferença de casos existentes entre o primeiro fator e o segundo” (Idem, p.30).

Pesquisas que estudam a variável paralelismo formal

O paralelismo formal, tendência à repetição sucessiva de formas na mesma estrutura linguística, também aparece em algumas pesquisas que se preocupam com o estudo da variável CV.

A já referida pesquisa de Santos (1999) aponta que a presença da forma plural zero em todos os elementos do sintagma nominal sujeito é um fator linguístico que condiciona a presença de marcas de CV na fala desses alunos. A exemplo, a autora (Idem, p. 51) apresenta sentenças retiradas do *corpus* da sua pesquisa: ‘*a gente ficou se a turma todinha (ficou) sem i pro recreio*’ (grifo do autor).

Os resultados obtidos pela pesquisa de Graciosa (1991, p. 79) mostraram que o paralelismo formal “detona a repetição da marca de plural nos verbos; se o primeiro for marcado, os seguintes o acompanharão”, exemplo: ‘As moças arranjam os problemas delas, lá fora e voltam pra casa pra mamãe criar o que elas arranjaram lá fora, não é?’ (Idem, p. 52, grifo do autor).

Nos dados de Vieira (1994, p. 325), a hipótese levantada pela autora de que “as marcas do SN sujeito conduzem a marcas do SV, conforme o princípio do Paralelismo” pôde ser confirmada.

Podemos notar, de forma geral, que as pesquisas acima evidenciam que a saliência fônica, a posição do sujeito em relação ao verbo, a ausência/presença de elementos intervenientes na

relação entre sujeito e verbo e o paralelismo formal exercem uma influência significativa sobre a variação ausência e presença de marcas de CV.

Nesta pesquisa, selecionamos a posição do sujeito em relação ao verbo, a ausência e presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo e número/pessoa como fatores linguísticos que podem exercer influência significativa na variação entre ausência e presença de marcas de CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió. Para essa seleção, foram levados em consideração não só os estudos sociolinguísticos já realizados, mas, principalmente, os dados coletados para a realização deste estudo.

Quanto aos fatores externos ao sistema linguístico, as pesquisas sociolinguísticas também apontam para uma língua que varia não só de acordo com os fatores internos, mas também com os externos. Merecem destaque, uma vez que vêm sendo mostrados pelas pesquisas nessa área como fatores que influenciam ou não a variação entre ausência e presença de CV: a faixa etária, a escolaridade e a localidade.

Pesquisas que estudam a variável faixa etária

A faixa etária também é uma variável estudada pelas pesquisas sociolinguísticas variacionistas que se preocupam com a variação entre a ausência e a presença de marcar de CV. O objetivo é verificar qual faixa etária tende a influenciar mais o uso de uma variante em detrimento da outra.

O artigo *Parâmetros Sociolinguísticos do Português Brasileiro*, de Lucchesi (2006, p. 103), constata que na comunidade rural afro-brasileira de Helvécia, situada no extremo sul do estado da Bahia,

o nível de variação é mais alto entre os membros mais velhos da comunidade de fala, chegando a 35% de falta de concordância entre os falantes de mais de 60 anos. E essa falta de concordância vai diminuindo progressivamente à medida que se passa para as faixas etárias mais jovens.

No decorrer da já citada pesquisa de Vieira (1994, p. 326), a faixa etária, junto com outros grupos de fatores, não se mostrou relevante para o condicionamento da concordância verbal.

Santos (1999) teve como objetivo observar se os fatores sociais sexo, faixa etária e escolarização são condicionantes na variação entre ausência e presença de marcas de CV. Essa pesquisa mostrou que, com referência à idade, o fator que obteve menos marcas de CV foi a faixa etária de 8 a 10 anos (33%).

Pesquisas que estudam a variável escolaridade

A variável ‘escolaridade’ sempre despertou interesse para os sociolinguistas, que procuram verificar de que maneira essa variável se correlaciona com os fatores linguísticos e qual a limitação dessa correlação.

Tendo em vista que a escola incute padrões e normas linguísticas, estéticas e morais, podemos dizer que a influência dessa variável é correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança (Cf. VOTRE, 2003, p. 51), revelando-se, assim, importante para os estudos sociolinguísticos.

Um dos resultados alcançado por Vieira (1994, p. 326) é a conclusão de que

nos segmentos da população brasileira que gozam dos direitos da cidadania e possuem um grau de escolaridade elevado, o estigma que recai sobre a ausência da regra de concordância inibe tendências latentes de simplificação na estrutura morfosintática da língua. Já entre os segmentos da base da pirâmide social, observa-se um quadro amplo de variação cuja origem estaria no processo de transmissão linguística irregular.

Pedrosa e Hora (2000, p. 106), ao realizarem uma pesquisa que se propõe a observar a ordem sujeito/verbo na comunidade de João Pessoa, chegam à conclusão de que “mesmo discretamente, os informantes com nenhum ano de escolarização favorecem a ordem VS” e, como já vimos, essa ordem parece influenciar a ausência de marcas de CV. Dessa forma, podemos dizer que esses informantes tendem a usar a forma não-padrão.

Costa (1994, p. 320), em seu artigo, destaca “que a ocorrência ou não da concordância verbal parece não ser influenciada pelo grau de escolaridade do informante”, indo de encontro ao que as pesquisas, de forma geral, apresentam.

No já mencionado trabalho, Santos (1999, p. 64) pôde verificar o mesmo comportamento da variável ‘faixa etária’ na ‘escolaridade’, chegando à conclusão de que “há uma relação de dependência muito forte de uma variável sobre a outra”, uma vez que os falantes que estão na faixa etária de 8 a 10 anos se encontram no início da escolarização.

#### Pesquisas que estudam a variável localidade

O fator social ‘localidade’, que também pode ser conhecido como regional ou geográfico, e está relacionado “às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas” (ALKMIM, 2001, p. 34), se revela igualmente importante para a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, uma vez que a investigação desse fator poderá apontar possíveis variações e conseqüentes mudanças na língua, já que esta muda gradualmente com o passar do tempo.

É fato também que há diferenças entre o falar de um indivíduo que mora na capital e no interior de um estado ou na zona urbana e na zona rural. Pesquisas sociolinguísticas mostram que os falantes da capital e da zona urbana, quando comparados com os do interior e da zona rural,

respectivamente, costumam preservar a forma padrão, enquanto os falantes interioranos e da zona rural tendem a usar menos essa forma.

No estudo de Vieira (1994), destacou-se como condicionadora da CV a localidade a que pertencem os informantes. Esse trabalho procurou investigar a concordância de 3ª pessoa do plural em dialetos populares de três comunidades pesqueiras do Norte-fluminense, localizadas no Rio Paraíba do Sul. O *corpus* analisado foi constituído por dezoito inquéritos do arquivo sonoro do projeto APERJ (Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro), que foram distribuídos nessas comunidades. Após a análise dos dados, percebeu-se

uma diferença de comportamento linguístico entre os falantes das localidades pesquisadas. São João da Barra, cidade localizada no litoral do Estado, apresentou uma menor tendência à não-concordância (.34), seguida de São Fidélis (.42), consideravelmente afastada do litoral. Itaocara, a cidade mais distante do litoral, apresentou a maior tendência a não-concordância (.76) (Idem, p. 326).

A variável localidade é pouco estudada no que diz respeito a trabalhos que investigam a variação entre ausência e presença de marcas de CV, ao contrário da variável escolaridade, que vem sendo frequentemente estudada e é considerada como uma variável significativa no uso dessa variação.

Observando essas pesquisas, podemos pontuar que alguns fatores extralinguísticos em um determinado estudo são apontados como significativos para a investigação do uso da variação entre ausência e presença de marcas de CV, enquanto em outros são apontados como não significativos. Todavia, isso pode ser explicado devido às características específicas de cada trabalho como, por exemplo, o fato de alguns analisarem essa variação na língua falada e outros na língua escrita e de cada um investigar comunidades de fala diferentes.

## Variável tempo de permanência na entidade filantrópica

A variável social ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ é bastante característica da comunidade de fala em estudo. Como as crianças são retiradas das ruas e passam a viver em uma instituição, que incentiva o conhecimento da forma culta da língua por parte dos seus membros, parece interessante observarmos se esse tempo de permanência tem alguma influência significativa sobre o uso de marcas de CV, forma em estudo que é considerada padrão.

É interessante ressaltarmos que essa variável pode, de certa forma, estar relacionada à variável escolaridade, já que os membros das instituições, em sua maioria, passam a frequentar a escola, na medida em que ingressam nessas entidades. Assim, consideramo-lá importante para o presente estudo.

Após a observação de algumas pesquisas, o que podemos dizer é que estudos sociolinguísticos vêm mostrando que os fatores extralinguísticos influenciam o sistema linguístico. Cabe aos pesquisadores dessa área verificarem quais desses fatores são relevantes para o estudo sobre a variação de um determinado fenômeno linguístico numa determinada comunidade de fala.

Neste trabalho, selecionamos a escolaridade, a localidade e o tempo de permanência na entidade filantrópica a fim de observarmos se exercem influência sobre a variação entre ausência e presença de marcas de CV. Tendo em vista as pesquisas sociolinguísticas já realizadas e as características sociais da nossa comunidade de fala, tais fatores foram escolhidos.

Acreditamos, portanto, que todos os estudos citados acima nos mostram uma visão geral do quadro sociolinguístico sobre a concordância verbal no Brasil e ratificam a variabilidade da língua e o condicionamento relevante de fatores internos e externos ao sistema linguístico, comprovando, portanto, que a abordagem normativa da língua está longe de dar conta dessa

heterogeneidade linguística a partir de regras que só levam em consideração apenas uma única forma da língua, a padrão. Todavia, para este trabalho, a abordagem da visão da GN sobre a CV revela-se importante, uma vez que a Sociolinguística Variacionista, de modo geral, faz uso dos conceitos estabelecidos por essa gramática para definir a variável dependente em estudo. Por exemplo, para a definição da variável CV, utilizamos o critério estabelecido pela GN do que é padrão, a presença de marcas de CV, e do que não é padrão, a ausência dessas marcas. Assim, acreditamos que é necessário termos conhecimento de como esses conceitos são abordados pela GN.

Tendo em vista a variabilidade da concordância verbal apresentada acima e a ampla documentação de estudos diversos sobre esse fenômeno linguístico, objetivamos com este trabalho mostrar que a variação entre ausência e presença de marcas de CV constitui um processo passível de sistematização ao ser correlacionado com variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Logo, selecionamos a visão sociolinguística variacionista para conduzir nossa observação sobre o uso da variação entre ausência e presença de marcas de CV na fala de menores carentes da cidade de Maceió, tendo em vista os estudos mencionados acima. Nosso intuito é, não apenas colaborarmos com a montagem do quadro sociolinguístico (de Maceió, Alagoas, Brasil), mas também incentivarmos, de alguma forma, estudos sobre comunidades de fala socialmente estigmatizadas pela sociedade.

Cabe analisarmos, portanto, a variável concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, observando alguns fatores linguísticos, levantados como significativos no condicionamento dessa variação. Cabe-nos, da mesma forma, explicitar a relação entre esse fenômeno linguístico e as variáveis extralinguísticas definidas para o presente estudo.

Selecionamos também o estudo sobre a fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió pelo fato de essa fala, em Alagoas, ser desconhecida, gerando deduções linguisticamente não fundamentadas a respeito dela. Desmistificar a ideia de que essa comunidade fala de forma diferente da sociedade que a cerca, que essa fala é feia e errada, nos impulsionou a realizar a presente investigação.

## Considerações

Neste capítulo, procuramos reunir os aparatos teóricos que envolvem esta pesquisa. Primeiramente, abordamos os princípios teóricos da Teoria da Variação Linguística e mostramos que o estudo do fenômeno linguístico proposto por este trabalho é possível dentro dessa teoria.

Em seguida, realizamos uma discussão sobre a concordância verbal a partir de duas visões: a normativa e a sociolinguística. Abordamos, assim, alguns trabalhos que observam a variação entre ausência e presença de marcas de CV a fim de compará-los, mais adiante, com os resultados obtidos nesta pesquisa.

Acreditamos que tais discussões são necessárias, uma vez que fornecerão suportes teóricos para que possamos desenvolver a descrição dos dados e compreender melhor o uso da variação entre ausência e presença de marcas de CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió.

## **CAPÍTULO 2 – Procedimentos metodológicos**

Neste capítulo, discutimos uma das várias maneiras de desenvolver a metodologia de pesquisa da Teoria Variacionista. Apresentamos as hipóteses e os objetivos da pesquisa, a comunidade de fala e a realidade que cerca a vida dessa comunidade. Além disso, mostramos como o *corpus* foi constituído e como foi realizada a coleta dos dados. Descrevemos os procedimentos de transcrição e quantificação, bem como a variável dependente e as variáveis independentes utilizadas no presente estudo.

### **2.1 A metodologia da pesquisa em Sociolinguística Variacionista**

Toda pesquisa é regida por, pelo menos, uma teoria científica. Para cada teoria, há procedimentos metodológicos, que são os caminhos adequados a serem seguidos em busca de resultados mais confiáveis possíveis. Portanto, a metodologia é um conjunto de regras que facilita a condução da pesquisa a fim de que os resultados alcançados sejam coerentes aos pressupostos teóricos.

Assim, tendo em vista que há procedimentos metodológicos que guiam e interferem em uma observação para que essa seja confiável e de qualidade, selecionamos a metodologia da Sociolinguística, mais especificamente da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008 [1972]), como base para a discussão, por reconhecermos a importância de trabalhos quantitativos que utilizam dados que refletem o uso da língua em um contexto social heterogêneo.

Essa metodologia é utilizada basicamente para coletar e analisar os dados. É válido destacar que abaixo descrevemos um caminho possível, dentre vários, de como utilizar essa metodologia para a realização de pesquisas sociolinguísticas.

No desenvolvimento de pesquisas sobre a linguagem, nos deparamos, inicialmente, com uma importante dificuldade: “a linguagem pouco se presta à experimentação, já que só se manifesta na espécie humana, que é dificilmente manipulável para fins de pesquisa” (OLIVEIRA E SILVA, 2003, p. 117). Portanto, a observação surge como um relevante método para a coleta de dados. Mas, para a realização dessa coleta, é necessário tomarmos uma série de decisões quanto à comunidade de fala que será analisada, ao número de falantes que serão observados e à seleção desses falantes.

Em alguns casos, o sociolinguista pode ir à comunidade de fala a fim de investigar um determinado fenômeno linguístico. Em outros, ele pode se interessar primeiramente por uma comunidade de fala, realizar a descrição dos dados e a partir da análise desses dados, selecionar o fenômeno linguístico a ser estudado.

É preciso também que se tenha consciência de que uma pesquisa não consegue englobar todos os falantes de uma comunidade. Assim, o que se obtém é uma amostra representativa da fala dessa comunidade.

Outro passo a ser tomado é a seleção dos falantes, que pode ser feita a partir de dois métodos: o aleatório simples, que parte do princípio de que “todos os indivíduos têm exatamente igual probabilidade de escolha” (Idem, p. 120) e o aleatório estratificado, que estratifica a amostra, dividindo a população em ‘células’, “compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais” (Idem, p. 121). O número recomendável de indivíduos por cada célula é de cinco falantes. Esse número de indivíduo, para uma montagem da amostra, depende:

- a) da homogeneidade da população, que deve compartilhar um grupo de regras de usos

linguísticos e culturais; b) da quantidade de variáveis analisadas; c) do fenômeno, tendo em vista que há fenômenos mais homogêneos que outros; d) do método (Cf. Idem, p. 199-120); e) do número de membros da comunidade, e de outros aspectos.

Tendo decidido em relação aos procedimentos acima, é preciso refletirmos sobre o contato com os colaboradores da pesquisa e o número suficiente desse contato para a coleta dos dados. “Basicamente existem três tipos de contato: interações livres, entrevistas e testes” (Idem, p. 124). Campoy e Almeida (2005, p. 119) apresentam mais alternativas: enquetes e questionários postais, eletrônicos e presenciais. Os autores (Cf. Idem, p. 131-140) abordam também alguns tipos possíveis de entrevistas (individual programada, anônima fugaz e telefônica) e de testes (de disponibilidade léxica e de escalas de nível). Cada um desses contatos possui vantagens e desvantagens, portanto, essa seleção dependerá do fenômeno linguístico de cada pesquisa. O que podemos afirmar é que qualquer tipo de contato exige recursos tecnológicos e uma preparação prévia, principalmente no caso de entrevistas, em que o pesquisador entra em contato direto com os falantes. Como o objetivo da Sociolinguística é observar a fala no cotidiano, deve-se ter muito cuidado para que a fala em observação não seja artificial.

Captar uma fala natural é um dos maiores desafios encontrado por um sociolinguista, uma vez que este faz uso de recursos tecnológicos como o gravador. Sabemos que a utilização desse equipamento inibe de imediato o entrevistado, que passa a se preocupar mais com a sua fala, tentando evitar os chamados “erros”. Essa inibição pode também fazer com que o entrevistado fale pouco. Nesse momento, o pesquisador encontra-se no paradoxo do observador: “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (LABOV, 2008 [1972], p. 244). E esse fato se agrava se o entrevistador for uma pessoa desconhecida dentro da comunidade em estudo. Contudo, “la Sociolinguística ha

desarrollado técnicas para superar la paradoja del observador, o al menos reducir sus efectos, y obtener muestras de habla lo más natural posible”<sup>11</sup> (CAMPOY; ALMEIDA, 2005, p. 115).

Portanto, o pesquisador deve tomar uma série de cuidados para conseguir registrar uma fala que seja a mais natural possível. Uma técnica para isso é ter contato com os colaboradores da pesquisa, os entrevistados, antes da realização da coleta de dados. Esse contato prévio contribuirá para uma maior familiarização com a comunidade.

Para a sociolinguística, o social não pode estar separado da língua. Há, além dos linguísticos, fatores externos à língua que a influenciam. Assim, reforçamos a importância do contato prévio com a comunidade de fala para se obter informações não só linguísticas, mas também sociais e culturais de cada indivíduo. Para isso, a ficha social surge como um forte recurso auxiliar.

Feita a coleta de dados e uma pré-análise dos mesmos, a próxima etapa da pesquisa é transcrever os dados, a fim de poder analisá-los de forma mais consistente, uma vez que “não conseguimos estudar o oral através do próprio oral” (Idem, p. 135). Para que se possa ter uma análise, a mais fiel possível da fala do indivíduo, existem estratégias e regras que devem ser seguidas. Há dois tipos de transcrição, a ortográfica e a fonética, que vai ser desenvolvida conforme os objetivos da pesquisa. Realizada a transcrição, podemos montar o *corpus* da pesquisa.

A próxima etapa constituirá a análise dos dados com o intuito de observar quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem estar influenciando a fala da comunidade em estudo. Em seguida, devemos fazer o levantamento dos dados que serão postos em análise, procedimento

---

<sup>11</sup> “a Sociolinguística tem desenvolvido técnicas para superar o paradoxo do observador, ou ao menos reduzir seus efeitos, e obter amostras de fala o mais natural possível”.

que requer muito cuidado. Vale ressaltarmos que a análise consiste em usar os dados como evidência e não como ilustração.

Após essa etapa, há a possibilidade de realizar a quantificação dos dados, através do VARBRUL, “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105) que nos permite utilizar um *corpus* levantado e transcrito, facilitando o trabalho do pesquisador.

Além de todas essas precauções, o pesquisador deve levar em consideração o tempo estimado para a realização da pesquisa. Esse tempo, normalmente, é curto, não sendo suficiente para a concretização da investigação do objeto de estudo da Sociolinguística. Por isso, há estudos transversais (tempo aparente) e longitudinais (tempo real):

Por médio de una metodología de *tiempo aparente*, el habla de los informantes más viejos se compara –desde alguno(s) de sus distintos niveles de análisis lingüístico, contextual y sociodemográfico –con la de los más jóvenes, mientras que mediante una metodología de *tiempo real*, el habla de una población determinada es comparada desde, al menos, dos puntos diferentes em el tiempo<sup>12</sup> (CAMPOY; ALMEIDA, 2005, p. 41, grifo do autor).

Percebemos, portanto, que estamos trabalhando com uma metodologia quantitativa, que envolve números e estatísticas e com uma ciência empírica, que trabalha com dados reais de fala. Logo, para essa metodologia, o fator quantitativo, que permite ao pesquisador apreender a sistematicidade da variação linguística, “seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística, é determinante para caracterizar uma variação. Por outro

---

<sup>12</sup> “Por meio de uma metodologia de *tempo aparente*, a fala dos informantes mais velhos se compara – desde algum(ns) de seus distintos níveis de análises linguístico, contextual e sociodemográfico – com a dos mais jovens, enquanto que mediante uma metodologia de *tempo real*, a fala de uma população determinada é comparada desde, ao menos, dois pontos diferentes no tempo”.

lado, a metodologia qualitativa não é descartada, uma vez que também podemos utilizá-la para analisar linguisticamente os dados.

## **2.2 Hipóteses e objetivos da pesquisa**

A presente pesquisa pretende estudar, a partir da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 2008 [1972]), o comportamento das variações de concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió. A fim de alcançarmos o objetivo geral pretendido, temos como objetivos principais observar se há variação entre ausência e presença de marcas de CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió e verificar se há fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam essa variação.

Com o intuito de alcançarmos esses objetivos, levantamos como hipóteses, com base nos estudos sobre CV, que há variação entre ausência e presença de marcas de CV na fala da comunidade em análise e que essa variação é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Portanto, temos como objetivos específicos observar se os fatores ‘sujeito anteposto ao verbo’, ‘ausência de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ e ‘1ª e 3ª pessoas do singular’ condicionam a forma padrão e se os fatores ‘sujeito posposto ao verbo’, ‘presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ e ‘1ª e 3ª pessoas do plural’ condicionam a ausência de marcas de CV na fala da comunidade em análise.

Quanto aos fatores extralinguísticos, pretendemos verificar se os falantes que estão no final do ciclo do ensino fundamental, que viviam na capital de Alagoas antes de irem para a

entidade filantrópica e que possuem mais de cinco anos nessa entidade usam com mais frequência as marcas de CV e se os falantes que estão no início do ciclo do ensino fundamental, que viviam em cidades do interior de Alagoas antes de irem para instituição filantrópica e que possuem menos de cinco anos nessa instituição tendem a usar menos essas marcas.

Levando em consideração que a fala é influenciada por fatores linguísticos, levantamos as hipóteses de que, na fala dessa comunidade, os fatores ‘sujeito anteposto ao verbo’, ‘a ausência de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ e ‘as 1ª e 3ª pessoas do singular’ condicionam a presença de marcas de CV; e, conseqüentemente, que os fatores ‘sujeito posposto ao verbo’, ‘a presença de elementos intervenientes na relação entre o sujeito e o verbo’ e ‘as 1ª e 3ª pessoas do plural’ condicionam a ausência dessas marcas.

Tendo em vista que a fala também sofre influências de fatores extralinguísticos e que alguns estudos afirmam ser a escolarização um fator preponderante, as seguintes hipóteses foram levantadas: os falantes que estão no ciclo final do ensino fundamental (6º ao 9º ano), que viviam na capital de Alagoas antes de irem para a entidade filantrópica e que possuem mais de cinco anos nessa entidade tendem a usar mais a forma padrão, enquanto que os falantes que estão no início do ciclo do ensino fundamental (1º ao 5º ano), que viviam em cidades do interior de Alagoas antes de irem para instituição filantrópica e que possuem menos de cinco anos nessa instituição tendem a realizar com menos frequência a forma não-padrão.

## **2.3 Constituição do *corpus***

### **2.3.1 A comunidade de fala**

Neste trabalho, o primeiro procedimento realizado foi a escolha da comunidade de fala, menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió. Algumas condições sociais, como o baixo nível de escolaridade, despertaram-nos o interesse em observar se essas condições sociais exercem alguma influência sobre a fala dessa comunidade, mais especificamente, sobre o uso da variação entre ausência e presença de marcas de CV.

Tendo em vista que a entidade filantrópica é o ambiente em que os menores carentes vivem, descrevemos, inicialmente, esse ambiente e, em seguida, a comunidade de fala em estudo, pois consideramos essa descrição relevante para a compreensão da realidade social que cerca a vida dessa comunidade.

### **2.3.1.1 Entidades filantrópicas**

A pobreza e a degradação no Brasil são evidentes, mas há, ao mesmo tempo, riqueza e poder. Este cenário nos revela mundos dicotômicos. Por questão de recorte e, sem dúvida, de preocupação, nos detivemos, abaixo, na realidade cruel que cerca o mundo economicamente carente.

Segundo uma pesquisa realizada em 2008 pela Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS), que tem como meta “o cumprimento da tarefa histórica de consolidar o direito à Assistência Social em todo o território nacional” (Cf. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, não paginado), há 31.922 adultos vivendo em situação de rua nos 71 municípios pesquisados.

Essa pesquisa, de abrangência nacional, foi desenvolvida no período de agosto de 2007 a março de 2008 e teve como público-alvo

peças com 18 anos completos ou mais vivendo em situação de rua. O levantamento abrangeu um conjunto de 71 cidades brasileiras. Desse total, fizeram parte 48 municípios com mais de 300 mil habitantes e 23 capitais, independentemente de seu porte populacional. Entre as capitais brasileiras não foram pesquisadas São Paulo, Belo Horizonte e Recife, que haviam realizado pesquisas semelhantes em anos recentes, e nem Porto Alegre que solicitou sua exclusão da amostra por estar conduzindo uma pesquisa de iniciativa municipal simultaneamente ao estudo contratado pelo MDS (Idem, 2008).

Assim, embora expressivos, os resultados dessa pesquisa não devem ser tomados como o número total e real de população vivendo em situação de rua no país, já que a mesma foi conduzida em um conjunto de municípios brasileiros, e não em sua totalidade.

Contudo, como já foi destacado, os números dessa pesquisa revelam-se significativos, principalmente quando somamos a eles os resultados de outras pesquisas como os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo IBGE, de 1992 a 2004, que mostra “que Alagoas é hoje o Estado mais pobre do Brasil. É o que possui a menor renda real média e a maior proporção de pobres” (INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRABALHO E SOCIEDADE, não paginado). Os da pesquisa de Índice de Desenvolvimento Infantil (IDI), realizada pela Unicef, que apontam Alagoas como o estado que “tem o mais alto índice de crianças e adolescentes pobres do país – 78,4%, enquanto que o índice do Brasil é de 50,3% (...) É em Alagoas que crianças têm as piores chances de vida” (RODRIGUES, 2008, não paginado), “principalmente as crianças pobres e negras, mais vulneráveis às violações de direitos” (Idem). E os da pesquisa de Índice de Desenvolvimento Social (IDS), realizada pelo Instituto Nacional de Altos Estudos (Inae), que mostra que em 2006, nenhum Estado apresentou IDS inferior a 5,

número que caracteriza baixo desenvolvimento social, porém a pior classificação foi a de Alagoas, com 6,22.<sup>13</sup>

Na tentativa de diminuir, de alguma forma, esse elevado número de moradores de rua, surgem as entidades filantrópicas. Entendemos por ‘entidade beneficente’ “aquela que se destina, conforme indicado em seu objeto, a atividades com conotação de: assistência e caridade; ajuda espontânea oferecida por sentimento de solidariedade particular” (Cf. CASTRO, não paginado) e por ‘filantropia’, “amor à humanidade (...) caridade” (FERREIRA, 1975, p. 627).

O conceito de Entidade Filantrópica é relativamente antigo e foi consolidado na Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS. Resumidamente uma Entidade é considerada Filantrópica quando não tem finalidade lucrativa, presta serviços à sociedade, não cobra os serviços prestados a beneficiários carentes (Cf. DIAGNÓSTICO GRATUITO, não paginado).

No Brasil, há aproximadamente 250 mil entidades que prestam algum tipo de serviço à comunidade, conhecidas pelo termo genérico de Organização Não Governamental (ONG) (Idem). “As ONGs têm desempenhado um importante papel na mobilização da sociedade civil tanto em escala local e nacional como mundial” (MOREIRA, 2002, p.439).

Haja vista o exposto, selecionamos duas entidades filantrópicas pertencentes à Convenção Batista Alagoana (CBA) para a presente investigação, a saber: Lar Batista Marcolina Magalhães e Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O’Neal, levando em consideração que tivemos, inicialmente, como característica básica para tal escolha que a entidade filantrópica selecionada abrigasse, em regime de internato, meninos e meninas carentes que viviam nas ruas antes de irem para essa instituição e que seus membros vivessem nesse lar integralmente. Porém, não foi possível encontrar entidades com regime de internato que trabalhassem com ambos os sexos, por isso, tivemos que selecionar dois ambientes para a análise. Assim, o fator principal para a escolha

---

<sup>13</sup> Conferir a pesquisa do IDS em: DANTAS, F. *Regiões convergem nos indicadores sociais*. In: O Estado de S. Paulo, 2008. Disponível em <[http://desafios.ipea.gov.br/003/00301009.jsp?ttCD\\_CHAVE=4798](http://desafios.ipea.gov.br/003/00301009.jsp?ttCD_CHAVE=4798)>. Acesso em 19 de mai. 2009. Não paginado.

das duas instituições referidas foi o fato de ambas trabalharem com regime de semi-internato, terem características parecidas, como o número de membros e a faixa etária deles e de possuírem membros que viviam nas ruas antes da institucionalização, como veremos mais adiante.

Devemos ressaltar que as duas entidades selecionadas para este estudo se denominam ‘Lar’, porque oferecem uma moradia para seus membros. Todavia, utilizamos também as palavras ‘orfanato’ e ‘internos’ para nos referirmos às instituições e aos seus membros, respectivamente, tendo em vista que essas entidades, apesar de permitir o contato externo, de certa forma, impedem que seus membros tenham plena liberdade para ir e vir.

Abaixo, descrevemos, inicialmente, o Lar Marcolina Magalhães<sup>14</sup>. Este Lar foi criado oficialmente em outubro de 1953, na Assembleia Anual da União Feminina Missionária Batista Alagoana com o nome de Orfanato Evangélico Alagoano. Posteriormente, passou a ser chamado de Lar Batista Marcolina Magalhães em homenagem à primeira jovem batista alagoana que se decidiu pelo trabalho religioso em Campo Missionário.

Esse lar foi criado por algumas senhoras batistas, pertencentes à Igreja Batista do Farol, que tinham a intenção de ajudar meninas órfãs. Assim, a instituição nasceu com a finalidade de amparar e educar órfãs, com idade a partir dos sete anos, através dos princípios evangélicos, bem como do ensinamento de uma profissão para que pudessem se manter futuramente, já que as internas permaneceriam no Lar até atingir a idade de dezoito anos.

A primeira sede, em 1957, ficava no bairro de Bebedouro. No dia 04 de novembro de 1965, foi adquirido um terreno no Tabuleiro do Martins, onde o Lar Batista funciona até hoje. Mas, conforme nos foi relatado pela atual diretora, só em 2 de janeiro de 1966, após uma luta

---

<sup>14</sup> A descrição do Lar Marcolina foi feita a partir de uma entrevista realizada com a diretora da instituição, além do que foi observado por nós nas várias visitas à entidade.

constante, contando com o apoio da missionária Irmã Edna Schneider O'Neal, o orfanato abre as portas e recebe as primeiras crianças.

O orfanato teve como primeiro diretor o Pastor Aurino Ferreira de Souza e como primeira filha uma menina chamada Lia. Hoje, a instituição está sob a direção da Irmã Aurinice de Macedo Uchoa Beiriz e abriga em suas instalações vinte e seis meninas, que permanecem na instituição, se necessário, até completarem a maioridade.

Conforme nos foi relatado pela diretora da instituição, o Lar é mantido por Igrejas Batistas alagoanas e pela sociedade em geral, contando também com a colaboração de empresas públicas e privadas e com a participação de nove funcionários remunerados: diretora, professora, psicóloga, assistente social, cozinheira, jardineiro e três monitores.

Quanto à estrutura do abrigo, percebemos que ele contém uma ampla área externa, arborizada e conservada. As garotas desse Lar dormem em quartos coletivos, onde cabem de três a quatro camas e um armário. Há uma biblioteca com diversos livros infantis e um quarto cheio de brinquedos, além de um pátio, destinado à recreação. O Lar possui também uma sala de costura e uma horta. Esses ambientes são utilizados para a aprendizagem e o aprimoramento de trabalhos profissionais. Há um amplo refeitório e cozinha, onde as meninas também aprendem, por exemplo, a cozinhar.

Por outro lado, observamos que há uma grande carência quanto aos recursos tecnológicos e alimentos perecíveis. Há uma sala de computação com cerca de seis computadores, mas todos são bastante antigos e uma parte deles não tem condições de uso. Com relação aos alimentos, grande parte é fruto de doações, porém, a maioria é alimento não perecível, causando uma escassez dos demais produtos, que, normalmente, são adquiridos pela própria entidade.

Faz-se necessário destacar que as crianças chegam na instituição através do Conselho Tutelar e do Juizado de Menores. Este também é o responsável por um ano de acompanhamento das crianças, quando elas deixam o orfanato.

A fim de preparar e inserir essas adolescentes na sociedade, o Lar Marcolina Magalhães desenvolve sete projetos, que tentam englobar diversas áreas como lazer, educação, cidadania, entre outras. A título de informação, citaremos os seguintes projetos: Papo-cabeça, que procura discutir temas (família, namoro, economia etc.) de interesse das moradoras; Renascer, que visa detectar os possíveis traumas sofridos pelas menores carentes através de conversas com psicólogas; projeto Ler e Aprender, que procura incentivar a leitura e a escrita a partir de realizações de leituras de livros escolhidos pelas próprias moradoras e de resumos escritos pelas mesmas.

Além dos projetos sociais, todos os membros do Lar Marcolina Magalhães têm acesso às escolas públicas da cidade. Junto a isso, o próprio orfanato oferece ensino de reforço, realizado diariamente.

Como podemos perceber, o Lar Batista Marcolina Magalhães abriga somente crianças e adolescentes do sexo feminino, já o Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O'Neal<sup>15</sup>, como o próprio nome sugere, abriga apenas meninos. Vale informar que alguns membros dessas instituições são parentes, irmãos, possuindo uma vinculação.

O Lar masculino Pastor Boyd O'Neal também é uma instituição sem fins lucrativos que tem como objetivo o desenvolvimento físico, intelectual, moral, espiritual e social de meninos de sete a dezoito anos de idade, admitidos na instituição, a partir dos sete anos, por se encontrarem em situação social de risco.

---

<sup>15</sup> A descrição do Lar Boyd O'Neal foi feita a partir das respostas enviadas por e-mail pelo diretor da instituição, que respondeu às questões elaboradas previamente para uma entrevista, que seria realizada pessoalmente. Para essa descrição, também foi levado em consideração o que foi observado por nós nas várias visitas à entidade.

O Lar Boyd O’Neal, ao contrário do Lar Marcolina Magalhães, existe há pouco tempo, tendo seu início no ano de 2004, a partir da iniciativa da organização americana, International Christian Children Homes, que é mantida por doações provenientes de igrejas cristãs evangélicas de diversas denominações nos Estados Unidos, com predominância dos batistas. O nome do Lar foi dado em homenagem ao Pastor e missionário americano Boyd O’Neal, que morou no estado de Alagoas por trinta anos.

Atualmente, a capacidade de abrigo é de vinte e quatro meninos, uma vez que a entidade dispõe de um dormitório com seis quartos amplos e arejados, havendo em cada quarto quatro camas e um banheiro. A infra-estrutura total é composta de um dormitório, um amplo refeitório, área de esporte e lazer, lavanderia, escritório, almoxarifado, sala de aula, sala de áudio e vídeo, onde os meninos assistem a filmes em um telão projetado por um data-show, uma carpintaria e banheiros coletivos. Segundo o atual diretor da instituição, Pastor Jadiel, os meninos têm Internet à disposição para fazerem pesquisas escolares, ao mesmo tempo em que desenvolvem a habilidade de trabalhar com o computador. Na área de lazer e esporte, merecem destaque a piscina, o campo de futebol e a quadra de vôlei, estes de areia, além de uma ampla área externa arborizada.

É necessário ressaltarmos que não tivemos acesso a todos esses ambientes, porém, tendo em vista aqueles com os quais tivemos contato, pudemos perceber que a mobília da instituição é antiga. A sala de aula encontra-se em um estado precário, com mesas, cadeiras, estantes e livros velhos, um quadro negro pequeno e com pouca iluminação.

Acreditamos que, apesar de todo o empenho das instituições, ainda é necessário que haja uma melhora no sentido de oferecer mais capacitação técnica e profissional para os meninos, assim como para as meninas que vivem no Lar Marcolina Magalhães, uma vez que essa capacitação é essencial para a vida de cada membro após a passagem pelo orfanato.

A entidade conta com um quadro de sete funcionários remunerados: um diretor, uma professora, uma cozinheira, um jardineiro e três monitores. Assim, percebemos a carência de mais funcionários, problema que o próprio diretor destacou: voluntários, estagiários universitários, professores de educação física, uma psicóloga e uma assistente social.

Assim como o Lar Marcolina Magalhães, o Lar Boyd O'Neal também é mantido por Igrejas Batistas alagoanas e pela sociedade em geral. Conforme o diretor do Lar, eles recebem pouca assistência governamental, contando, esporadicamente, com algumas doações de gêneros alimentícios e de roupas feitas por escolas e igrejas.

Faz-se necessário ressaltarmos que as crianças abrigadas no Lar Boyd O'Neal são encaminhadas, geralmente, pelo Juizado de Menores ou por algum Conselho Tutelar ou outro abrigo, que solicita o ingresso da criança ou do adolescente na entidade.

Ao chegarem à instituição, os meninos passam a ter aulas de reforço e aulas de inglês, tendo a oportunidade de praticá-lo quando os grupos de americanos que mantêm a entidade visitam-nos, o que ocorre, ao menos, duas vezes por ano. O diretor destaca que esse intercâmbio cultural é importante na vida desses menores.

Os membros da referida instituição também têm direito à escola pública. O Lar também conta com a disponibilização de bolsas de estudos em algumas escolas mantidas por igrejas. Nesse Lar também são desenvolvidos trabalhos que visam à habilidade técnica de carpintaria (fabricação de bancos, mesas e púlpitos para as igrejas batistas) e a aprendizagem do processo de limpeza da piscina, além de trabalhos domésticos.

Conforme nos foi relatado pelo atual responsável pela instituição, ao longo dos quatro anos de existência do Lar Boyd O'Neal, localizado próximo ao Aeroporto Zumbi dos Palmares, houve apenas uma adoção, sendo esta, internacional, além de reintegrações de alguns meninos às suas famílias ou transferências para outras instituições. Nesse tempo, apenas um dos internos

chegou à idade de dezoito anos, idade máxima de permanência no abrigo, e está em processo de admissão no exército.

Os ambientes descritos acima, apesar de proporcionarem uma boa qualidade de vida, formam um cenário que precisa de reparos na sua estrutura física e nas instalações, mas principalmente nos mobiliários e nos recursos tecnológicos, que estão defasados.

As duas instituições ao mesmo tempo em que se aproximam uma da outra, também se distanciam, possuindo cada qual virtudes e dificuldades peculiares. É nítida que a grande preocupação das duas entidades é a vida após a instituição, uma vez que o número de adoções é pequeno. Assim, procura-se oferecer aos internos o desenvolvimento físico, moral, social, intelectual e espiritual.

Dessa forma, acreditamos que toda entidade filantrópica deve ter um espaço no qual cada um de seus membros se sinta bem e disponha de todos os elementos necessários para seu desenvolvimento intelectual, social e cultural, servindo de base para que eles continuem tendo uma vida de qualidade após sua saída do orfanato.

### **2.3.1.2 Menores carentes que vivem em entidades filantrópicas**

Após termos compreendido melhor os ambientes em que nossos colaboradores vivem, descrevemos, mais adiante, os colaboradores selecionados para esta pesquisa e a vida que os cerca.

É fato que as políticas socioeconômicas brasileiras não apresentam resultados efetivos à condição de vida da população. Com a globalização e “a prática de políticas neoliberais, tem

aumentado a desigualdade social, mesmo nos países desenvolvidos” (MOREIRA, 2002, p. 369). Devido às exigências da globalização mundial, o processo de exclusão social vem se intensificando nos últimos tempos. O que se observa é que esses fatores, que constituem a situação atual, provocam um quadro cruel em que não há mais lugar para todos na sociedade.

Essa classe excluída é formada por pessoas comuns, porém impedidas pelo sistema capitalista de viver dignamente e de usufruir seus direitos. Nesse contexto, insere-se a população em situação de rua, “grupo populacional heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas que têm em comum a condição de pobreza absoluta e a falta de pertencimento à sociedade formal” (COSTA, 2005, p. 3). Esse mundo social

não é criado ou escolhido pelas pessoas que vivem nas ruas, pelo menos inicialmente, mas para o qual foram empurradas por circunstâncias alheias ao seu controle. Partilham, contudo, do mesmo destino, o de sobreviver nas ruas e becos das grandes cidades (Idem, p. 4).

Em meio a essa classe, uma se revela com maior urgência: a de crianças que já nascem nesse contexto, que são acostumadas desde muito cedo a conviver com situações degradantes.

Menores carentes são crianças e adolescentes oriundos das classes baixas da população. Muitos deles moram nas ruas, tendo que trabalhar desde criança para ajudar seus familiares; outros são abandonados e não têm uma base familiar necessária para uma boa educação.

As entidades filantrópicas, que surgem como uma oportunidade para esses menores terem uma vida mais digna, procuram desenvolver ações de cunho assistencial, voltadas para o desenvolvimento do cidadão, através de um processo de formação de crianças e jovens desassistidos de políticas públicas. Logo, atividades de caráter social, cultural, profissional e pedagógico surgem como métodos alternativos para alcançar os objetivos esperados.

As crianças institucionalizadas são privadas, cronicamente, de vínculo afetivo, de privacidade e de um convívio cotidiano com a sociedade. A institucionalização de crianças é um

dispositivo jurídico que pretende proteger a infância, mas que deve ser recorrido em caso extremo, uma vez que todo cidadão tem direito ao convívio familiar e social.

Tentamos descrever abaixo a situação real das crianças e adolescentes que se encontram institucionalizados nos Lares Marcolina Magalhães e Boyd O'Neal. É nesse contexto específico que vivem os colaboradores selecionados para esta pesquisa.

Os fatores que levam as crianças e os adolescentes a esses lares são vários, sendo o fator econômico e a desestruturação familiar dois dos fortes determinantes para a institucionalização. Os problemas encontrados entre os colaboradores foram: abandono, desemprego, crianças cujos pais já haviam falecido, pais que não possuem condições de sustentar os filhos, pais com problemas de alcoolismo e/ou drogas, entre outros.

Alguns casos nos chamaram a atenção: uma menina que vive em orfanato desde os dois anos de idade; um garoto, segundo nos informaram, que sofreu abuso sexual pelo próprio pai; irmãos de sexo oposto, que vivem nas referidas instituições, mas não se conhecem; e crianças e adolescentes que não possuem nenhum vínculo familiar conhecido.

Os selecionados para a pesquisa eram moradores de rua antes de ir para as instituições. Segundo Machado (2000, p. 7)

falar de 'menino de rua' requer muito cuidado e precaução, porque a expressão não remete a referente uniforme, a um conceito unívoco. (...) Há, pelo menos, três categorias: o menino que vai às ruas para realizar algum trabalho e volta toda noite para casa e para sua família; o menino que vive nas ruas, sem elo contínuo com a família mas que mantém ainda algum contato; e o menino que está completamente nas ruas, já perdeu esses vínculos familiares e vive do modo como lhe é possível.

Constatamos que os colaboradores desta pesquisa podiam ser enquadrados nas categorias 'estava completamente nas ruas', a maior parte deles, e 'vivia nas ruas', já que alguns tinham uma casa para morar, mas, por diversos fatores, viviam mais nas ruas do que em casa, mantendo

pouco contato com a família. Atualmente, alguns poucos recebem visita dos pais, outros conhecem os pais, mas não têm contato com eles. O número de internos que não quer voltar a viver com a família de origem é grande, preferindo ser adotado.

Percebemos que a grande maioria dos internos possui pele escura e está abaixo do peso e da altura para a idade que tem. A metade declarou que não gosta de estudar. Como essas crianças passam a frequentar a escola apenas quando ingressam na entidade filantrópica, o nível de escolarização está muito aquém do esperado: entre o primeiro e o sexto ano, com exceção de dois meninos, que cursam o sétimo ano, e de uma menina, que está cursando o oitavo ano do ensino fundamental. Alguns, inclusive, da faixa etária de sete a doze anos, ainda não sabem ler e escrever, mesmo possuindo um nível escolar em que não se espera mais encontrar essa situação.

É importante ressaltarmos que a maioria dos colaboradores ingressou na instituição aos sete anos de idade, mas há casos em que os colaboradores passaram a fazer parte da entidade apenas com dez anos de idade, por exemplo. Isso reflete diretamente o problema de baixo nível escolar, que vimos anteriormente. Quanto ao aspecto psicológico, alguns moradores dessas instituições têm reações emocionais sérias, o que parece causar o desinteresse pelos estudos e a falta de perspectiva de vida.

A vida dos membros dos Lares Marcolina Magalhães e Boyd O'Neal segue um cronograma rígido. Durante a semana, no horário da manhã, enquanto alguns vão para a escola, outros cuidam dos afazeres domésticos e atividades escolares. À tarde, os papéis são invertidos, porém, as tarefas da escola podem ser feitas durante a aula de reforço, que é ofertada só no horário vespertino, na própria instituição. No período noturno, eles podem ver televisão e brincar na sala de brinquedos. Já o final de semana é destinado para o lazer.

Os internos também possuem um horário para dormir, que é estabelecido conforme a idade, assim como os programas televisivos que podem ser assistidos. Um fato interessante diz

respeito ao programa de televisão preferido das meninas: ‘Chiquititas’, uma novela que possui um orfanato, a princípio, de meninas, como cenário principal. Já os meninos parecem não ver televisão com frequência. Outra atividade programada são as refeições, em que todos comem no mesmo horário.

Dentre os momentos de lazer, as meninas destacaram, além de assistir televisão, os passeios, que são oferecidos com pouca frequência às internas que possuem um bom comportamento durante um determinado período; as conversas entre elas; e as brincadeiras infantis como, ‘pula corda’ e ‘queimado’. Os meninos, por sua vez, enfatizaram a preferência pelo jogo de futebol, além dos jogos com ximbra, dos banhos de piscina e dos passeios, também realizados com pouca frequência.

O quadro relatado acima nos mostra uma vida digna ou, pelo menos, melhor do que essas crianças, provavelmente, tinham antes de irem para a entidade filantrópica. Porém, é importante destacarmos que elas não veem a situação de estarem nesses lares como a mais perfeita. A maioria gostaria de estar vivendo dignamente com seus familiares. Como vimos, no orfanato tudo é monitorado. Os internos devem seguir uma programação, previamente estabelecida, tendo, assim, horário para todas as atividades que são ofertadas. Desse modo, as condições sociais e econômicas, além da própria condição de vida em um orfanato com regime de semi-internato, revela-se um tanto interessante e instigante.

Assim, temos consciência de que as crianças e os adolescentes institucionalizados, mesmo adotados, carregam as vivências da entidade, assim como quando eles chegam a esses orfanatos, trazem experiências do convívio pré-instituição. Logo, esses fatos não devem ser descartados em nossa análise.

Tendo em vista que já conhecemos melhor a comunidade de fala em análise e a vida que cerca essa comunidade, passaremos para os demais procedimentos metodológicos.

### 2.3.2 Coleta de Dados

Definida a comunidade de fala, realizamos a coleta dos dados a fim de conhecermos a fala dessa comunidade. Antes, porém, realizamos a coleta das condições sociais que cercam a vida dessa comunidade a fim de traçar um perfil da mesma, uma vez que a montagem de um quadro social poderá facilitar a compreensão da situação dessa comunidade. Essas informações foram coletadas a partir de fichas sociais<sup>16</sup> e de entrevistas realizadas com os responsáveis pelas instituições.

Os dados de fala foram coletados através de entrevistas e narrativas gravadas em um aparelho MP4, cujos tópicos consistem em perguntas sobre o cotidiano da comunidade em estudo como, por exemplo, Como são seus amigos? O que você mais gosta de fazer no Lar? (perguntas da entrevista) e falar sobre a brincadeira que mais gosta e a vida no Lar (temas da narrativa). Para facilitar a execução dessa etapa, foi elaborado um roteiro guia<sup>17</sup>. Vale ressaltarmos que o tempo de duração de cada gravação, que corresponde à realização de uma entrevista mais uma narrativa, foi de, no máximo, sete minutos. Essas gravações foram feitas em ambientes fechados, todavia, confortáveis. No Lar masculino, realizamo-las sentados em um sofá para que os colaboradores ficassem à vontade, já no Lar das meninas, como não dispúnhamos de um sofá, realizamo-las sentadas em cadeiras, mas vale destacarmos que tentamos evitar a caracterização de uma entrevista formal.

---

<sup>16</sup> Ver ficha social em Anexo 1.

<sup>17</sup> Ver roteiro-guia em Anexo 2.

Aparentemente, apesar da aproximação com os colaboradores, obtida com sucesso, pelo fato de eles não terem feito objeção em participar das gravações e de terem expressado uma certa curiosidade em relação à atividade desenvolvida, a parte da narrativa não teve o objetivo esperado, já que acabou parecendo mais uma entrevista do que uma narrativa, tendo interferências a todo o momento por parte do entrevistador. Essas interferências foram necessárias haja vista que os entrevistados falavam pouco.

É possível que essa falha tenha ocorrido pelo fato de termos realizado as narrativas após as entrevistas, logo, os colaboradores podem não ter entendido a nova situação ou mesmo terem se habituado à outra. Ainda podemos apontar o fato de que os membros das entidades filantrópicas parecem estar habituados a entrevistas relacionadas ao processo de adoção. Nelas, provavelmente, as crianças tentam transmitir uma melhor imagem e, logicamente, o falar “bem” é um dos principais critérios para que isso seja alcançado.

Em um outro momento, esse problema foi comentado com alguns funcionários das instituições. Então, a psicóloga do orfanato das meninas sugeriu que ela mesma poderia realizar a narrativa com os colaboradores, já que ela desenvolve conversas informais uma vez por semana com os membros da instituição.

Consideramos a ideia proveitosa, tendo em vista que ela possui um maior grau de familiaridade com esses membros, que se sentiriam mais à vontade durante a gravação. Assim, orientamo-la quanto ao procedimento da gravação e a outros aspectos relevantes como, por exemplo, os temas das narrativas, a saber, as inquietações e os desejos dos colaboradores em relação à vida e ao orfanato, que foram definidos pela própria funcionária.

Podemos considerar que essa ideia deu certo, pelo menos, em relação à primeira tentativa de gravação das narrativas. Logo, sugerimos a uma funcionária do orfanato dos meninos o desenvolvimento das gravações. Os mesmos passos foram tomados. Os dados coletados a partir

dessas gravações foram somados aos anteriores. É válido destacarmos que o tempo total das gravações foi de, no máximo, doze minutos.

Todos esses cuidados foram tomados com a finalidade de coletarmos uma fala natural, para que, assim, os objetivos pretendidos pudessem ser alcançados.

### **2.3.2.1 Os encontros**

Para a realização da coleta dos dados foram necessárias cinco visitas. É válido ressaltar que, para os colaboradores, nos apresentamos como estudantes de uma escola a fim de realizar uma atividade que diz respeito à vida deles no Lar. Essa ideia foi tomada para que pudessemos nos aproximar dos nossos colaboradores, que são estudantes, uma vez que acreditamos que a presença de universitários, mestrandos e doutorandos pudesse impedir a tentativa de aproximação.

O primeiro encontro foi realizado em agosto de 2007 com o intuito de conseguirmos autorização para a possível realização da pesquisa, que nos foi concedida sem nenhum problema por ambas as instituições. Podemos dizer que fomos muito bem recebidos, mas, sem dúvida, ocorreu uma certa preocupação inicial por parte das entidades, afinal, elas precisavam compreender o objetivo da pesquisa.

A segunda visita ocorreu no final do mês de fevereiro do mesmo ano e tinha a finalidade de conhecer melhor a comunidade e os seus membros. Nesse encontro, tivemos contato com os possíveis colaboradores e conversas informais com alguns funcionários dos lares, como psicóloga e assistente social. É válido ressaltarmos que essa visita se fez extremamente necessária, haja

vista que é primordial diminuirmos a distância entre os membros e o pesquisador para que possamos coletar a fala do cotidiano.

A terceira visita no Lar Batista Marcolina Magalhães deu-se no dia 7 de julho de 2008 e foi a primeira visita destinada à coleta dos dados. Nesse dia, foram realizadas as entrevistas e as narrativas, cujos temas tentavam abordar o cotidiano dos colaboradores, além do preenchimento da ficha social, usado para coletar alguns dados sociais relevantes para o estudo. Como era período de férias escolares, algumas das meninas não se encontravam no orfanato, pois estavam com seus familiares. Tendo esse fato em vista, decidimos realizar essa etapa apenas com as meninas menores, já que todas se encontravam no lar. A entrevista com as maiores foi marcada para o dia 16. Já as entrevistas e as narrativas no Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O'Neal foram todas executadas no dia 14 do referido mês.

O quarto encontro ocorreu primeiro no Lar Marcolina Magalhães no dia 26 de novembro. Dessa vez o objetivo era entrevistar a diretora da instituição para colhemos informações sobre a entidade. Foi elaborada previamente uma série de perguntas que consideramos necessárias a fim de contribuir para uma melhor compreensão da comunidade de fala em estudo. Além disso, aproveitamos para tirar fotos do lar, a fim de conhecermos a estrutura externa e interna e de registrar fatos que poderão surgir como fatores importantes no decorrer da pesquisa. O mesmo foi feito no Lar Boyd O'Neal no dia 5 de dezembro, porém, a entrevista não pôde ser realizada. Assim, ficou acertado que o diretor dessa instituição iria responder e enviar as questões da entrevista por e-mail.

A quinta visita fez-se necessária devido ao não alcance do objetivo pretendido com a realização da narrativa, como vimos anteriormente. Assim, retornamos aos lares no mês de junho de 2009 a fim de realizar outra narrativa, cujos dados seriam somados aos dados da entrevista e da narrativa desenvolvidas anteriormente.

É necessário que destaquemos dois pontos: um é que todas as visitas foram antecipadamente marcadas através de telefonemas e o outro diz respeito ao grau de intimidade com as instituições. Como foi dito, a pesquisa foi bem aceita e foram poucos os problemas que surgiram. Porém, houve uma aproximação maior e mais rápida com o lar das meninas, já que a atual diretora é formada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Assim, tínhamos assuntos em comum que facilitaram a realização da pesquisa. Já com o orfanato que abriga os meninos, encontramos alguns empecilhos, que acreditamos terem ocorrido devido à mudança de direção. Durante esse período tivemos contato com três gestões distintas.

### **2.3.3 O *corpus***

Para se obter uma amostra representativa da comunidade de fala em estudo, os colaboradores selecionados para a montagem do *corpus* desta pesquisa foram crianças e adolescentes que vivem em entidades filantrópicas da cidade de Maceió. Foram entrevistados dezesseis colaboradores, uma vez que o número de falantes para cada célula foi de dois falantes, tendo em vista os fatores sociais, a quantidade de membros das duas instituições selecionadas para o estudo, quarenta membros, no total, e o tempo de realização desta pesquisa.

A escolha dos colaboradores deu-se de forma aleatória estratificada, dividindo os falantes por célula. Essa estratificação foi realizada de acordo com os fatores extralinguísticos selecionados. Dentre os colaboradores que se enquadravam nas características pretendidas foi realizada a seleção de cada falante. Na entidade das meninas, a própria diretora selecionou quem iria participar da pesquisa, portanto, provavelmente, ela deve ter escolhido meninas com um bom

comportamento e que não fossem causar “problemas” durante o estudo. Já no outro lar, a decisão foi tomada pelos próprios meninos. Foram eles que decidiram entre si quem iria participar das entrevistas.

Tabela 1: Distribuição dos colaboradores segundo fatores extralinguísticos

<b>Tempo de permanência na instituição</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>		<b>TOTAL</b>
	<i>Início do ciclo do ensino fundamental</i>	<i>Fim do ciclo do ensino fundamental</i>	
<i>Menos de 5 anos</i>	2	2	4
<i>Mais de 5 anos</i>	2	2	4
<b>Localidade</b>			
<i>Interior</i>	2	2	4
<i>Capital</i>	2	2	4
<b>TOTAL</b>	8	8	<b>16</b>

Os grupos de fatores extralinguísticos postos em análise foram nível de escolarização (início ciclo do ensino fundamental [1º ao 5º ano] e fim desse ciclo [6º ao 9º ano]), localidade, local onde o colaborador vivia antes de ir para a entidade filantrópica (capital ou interior) e tempo de permanência na entidade filantrópica (menos de 5 anos e mais de 5 anos). Nessa escolha, os grupos de fatores internos, posição do sujeito em relação ao verbo (sujeito anteposto e posposto ao verbo), ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo (ausência de elementos e presença de elementos) e número/pessoa (1ª e 3ª pessoas do singular e do plural) também foram levados em consideração, da mesma forma que para a seleção dos fatores internos, os externos não foram descartados.

Esses grupos de fatores foram selecionados a fim de observarmos se eles exercem influência significativa sobre o uso da variação entre ausência e presença de marcas de CV.

Tabela 2: Distribuição das variáveis linguísticas segundo a variável dependente ‘ausência e presença de marcas de CV’

<i>Variáveis linguísticas</i>	<i>Fatores linguísticos</i>	<i>Exemplos</i> <sup>18</sup>
<i>Posição sujeito em relação ao verbo</i>	Sujeito anteposto ao verbo	(...) <i>a tia disse</i> <sup>19</sup> que vamo mudá mai até agora nada (L1EXC) <sup>20</sup> <i>elas fica</i> falano mal - que a pessoa não fala nada delas e <i>elas fica</i> falano (L2EXC)
	Sujeito posposto ao verbo	(...) <i>ficamos</i> chorano <i>eu e as outra</i> (...) (L3EYI) (...) <i>continua</i> me chateano <i>elas</i> (...) (L1EXC)
<i>Ausência/Presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo</i>	Ausência de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo	de manhã <i>eu</i> vô istudá e de tarde - faço minha tarefa (L2EXC) (...) aí <i>as outra pessoa pega</i> e vai sescondê (...) (L3EYI)
	Presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo	(...) <i>as outras</i> <b>que</b> vai tentá quemá (...) (L6FYC) (...) <i>algumas</i> <b>que</b> são morena - galega (L4FXI)
<i>Número/pessoa</i>	1ª pessoa do singular (sintagma pronominal ‘eu’)	(...) <i>eu</i> faço tarefra extra - de tarde <i>eu</i> secos pratos (...) (L10EXI)
	1ª pessoa do plural (sintagma pronominal ‘nós’)	(...) a última vez foi da coca e <i>nóis</i> gostamos mutcho (L4FXI) foi <i>eu e R</i> que <i>sabe</i> jogá bem também (...) (L12FXC)
	3ª pessoa do singular (sintagmas pronominais ‘ele’, ‘ela’, ‘a gente’ e sintagma nominal)	(...) à tarde <i>a gente</i> faz umas tarefas <sup>21</sup> (...) (L7FYI) (...) aí <i>a gente</i> vamos pá tevê (L8FXC)
	3ª pessoa do plural (sintagmas pronominais ‘eles’ e ‘elas’ e sintagma nominal)	(...) aí quano é depois <i>elas</i> pegam e: e: <i>separam</i> o grupo né (L8FXC) (...) aí <i>elas</i> risca os pontinhos (...) (L8FXC)

<sup>18</sup> Os exemplos apresentados nesta pesquisa são trechos retirados da fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió.

<sup>19</sup> Nos exemplos utilizados neste trabalho, o sujeito aparece em itálico e sublinhado e o verbo aparece em itálico.

<sup>20</sup> As siglas entre parênteses dizem respeito às informações sobre o colaborador: L5 = falante nº cinco na ordem das gravações, e = início do ciclo do ensino fundamental e F = fim desse ciclo, X = possui menos de cinco anos na instituição e Y = mais de cinco anos, C = morava na capital antes de ir para a instituição e I = morava no interior.

<sup>21</sup> A expressão ‘a gente’ pode ser considerada como um pronome que apresenta semanticamente o valor de 1ª pessoa do plural, contudo levamos em consideração o seu valor sintático, pronome de 3ª pessoa do singular.

### 2.3.3 Transcrição e quantificação

A Sociolinguística Quantitativa trabalha com dados empíricos, dados retirados através de uma fala natural. Para analisar esses dados, é preciso um método confiável, uma vez que esperamos alcançar resultados mais fidedignos possíveis. Assim, essa teoria lançou mão da análise quantitativa para dar conta desses dados.

Dessa forma, tendo realizado a coleta dos dados, a próxima etapa foi a transcrição ortográfica dos mesmos. As convenções<sup>22</sup> adotadas para a nossa transcrição seguem a adaptação do modelo da equipe ‘Groupe Aixois de Recherches en Sociolinguistique’ para o português, realizada pela Professora Doutora Maria Denilda Moura para o projeto ‘A língua falada em Alagoas’. Após a transcrição, procuramos realizar uma análise prévia do *corpus* a fim de conhecermos a fala da comunidade em estudo.

Feito isso, passamos a observar no *corpus* os fenômenos linguísticos que pareciam ser recorrentes. Dentre eles, a variação entre ausência e presença de marcas de CV nos parecia ser relevante, devido à frequência de realização. Assim, selecionamos esse fenômeno linguístico para ser posto em análise neste trabalho.

Após a definição do fenômeno a ser estudado, passamos a analisar a variável ausência e presença de marcas de CV com o objetivo de identificar os possíveis fatores linguísticos e extralinguísticos que parecem exercer influência sobre essa variável.

---

<sup>22</sup> Ver as convenções em Anexo 3.

Selecionados os fatores, realizamos a seleção dos dados a serem postos em análise. Em seguida, realizamos a codificação dos dados de acordo com os fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados. Por questões práticas e de acordo com os procedimentos do GOLDVARB X, foi designado um código para cada um desses fatores, que, ao aparecer na sentença, foram devidamente registrados, a saber:

#### Variável dependente

0 – ausência de marcas de concordância verbal

1 – presença de marcas de concordância verbal

#### Variáveis independentes – linguísticas

##### *Posição do sujeito em relação ao verbo*

A – sujeito anteposto ao verbo

P – sujeito posposto ao verbo

##### *Elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo*

N – ausência de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo

M – presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo

##### *Número/Pessoa*

R – 1ª pessoa do singular (sintagma pronominal eu)

S – 1ª pessoa do plural (sintagma pronominal nós)

T – 3ª pessoa do singular (sintagmas pronominais ele, ela, a gente e sintagma nominal)

U – 3ª pessoa do plural (sintagmas pronominais eles, elas, e sintagma nominal)

### Variáveis independentes – extralinguísticas

#### *Escolaridade*

E – início do ciclo do ensino fundamental

F – fim do ciclo do ensino fundamental

#### *Tempo de permanência na entidade filantrópica*

X – menos de cinco anos de permanência na entidade filantrópica

Y – mais de cinco anos de permanência na entidade filantrópica

#### *Localidade*

C – capital

I – interior

Para a identificação das sentenças, colocamos entre parênteses, ao final de cada uma, algumas informações sobre o colaborador, por exemplo, ‘Eu já disse que o que mais quero é que o tio P. me leve com ele’ (L5EYI). Essas siglas nos dizem que a sentença foi pronunciada pelo falante nº 5 na ordem das gravações (L5), que esse falante está no início do ciclo do ensino fundamental (E), possui mais de cinco anos na entidade filantrópica (Y) e vivia no interior antes de ir para a entidade (I).

A fim de facilitar a quantificação dos dados, alguns estudiosos elaboraram modelos matemáticos e programas computacionais que dessem tratamento estatístico a dados sociolinguísticos, contribuindo, assim, com o trabalho do pesquisador nessa área.

Um desses programas é o VARBRUL<sup>23</sup>, Variable Rule Analyses<sup>24</sup>, um modelo logístico de análise de dados, que possui dez programas (Cf. VITÓRIO, 2008, p. 78). O VARBRUL verifica o efeito relativo de cada fator da variável dependente, gerando resultados numéricos com pesos relativos, compostos por números percentuais e por probabilidade (Cf. SCHERRE; NARO, 2003, p. 161).

Assim, reconhecendo a importância desse recurso tecnológico, que contribui para a identificação dos fatores atuantes, fizemos uso do mesmo, utilizando a versão Goldvarb X (SANKOFF et al, 2005), por ser a versão mais recente do VARBRUL.

Igualmente ao VARBRUL, o Goldvarb X<sup>25</sup> obtém a frequência de cada variante em cada grupo de fatores. Para isso, é necessário que os dados sejam codificados. O programa realiza também a montagem das células, os cálculos percentuais e probabilísticos, apontando os fatores estatisticamente significativos e não significativos para o estudo.

O valor de significância é de 0.05, em outras palavras, a probabilidade dos resultados obtidos serem de confiabilidade é de 95%. O Goldvarb X desenvolve também o cruzamento entre as variáveis. No nosso estudo, fizemos uso desse cruzamento, uma vez que as variáveis linguísticas ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ e ‘ausência/presença de elementos intervenientes entre sujeito e verbo’ parecem ter uma relação estreita, assim como as variáveis extralinguísticas ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ e ‘escolaridade’.

Para o cálculo do peso relativo, as variantes devem ser binárias (duas formas), já que o programa só trabalha com esse tipo de análise. Nela, os valores vão de 0 a 1, logo, o valor referencial é (0.50), isto é, o peso acima desse valor é um indicador de que o fator exerce um

---

<sup>23</sup> Ver GUY; ZILLES (2007) para maiores discussões sobre o VARBRUL.

<sup>24</sup> Análises de regras variáveis.

<sup>25</sup> O programa Goldvarb X realiza ainda outros procedimentos. Citamos apenas aqueles que foram de maior importância para esta pesquisa.

condicionamento relevante sobre o uso de uma das variantes e, conseqüentemente, o peso abaixo do valor referido indica que o fator desfavorece o uso. Por exemplo, no nosso caso, aplicamos a variante ‘presença de marcas de CV’ sobre a variável dependente para obtermos seu peso relativo. Assim, o peso maior do que (0.50) favorece esse uso, ao passo que o peso menor do que esse índice desfavorece esse uso, favorecendo, portanto, o uso da variante ‘ausência de marcas de CV’. Quanto maior a diferença entre os pesos relativos de cada fator selecionado, maior é a relevância da variável para a influência da variação. Devemos lembrar que há uma margem de neutralidade, que vai de (.45 a .55). O peso que se apresenta entre esses valores é considerado como não significativo para o estudo.

Falamos anteriormente que a criação de programas computacionais serve para ajudar o pesquisador na análise quantitativa dos dados, todavia a utilização do pacote Goldvarb X, por exemplo, não é nada simples, tendo em vista que esse programa exige uma série de cuidados para se ter um manuseio adequado, como pudemos ver acima. Assim, o pesquisador é o responsável pelo uso adequado desse programa, bem como pela interpretação linguística dos resultados gerados pelo programa em discussão.

## **2.4 Variável dependente e variáveis independentes**

Tendo em vista que a fala é influenciada por fatores internos e externos ao sistema linguístico e a fim de que os dados pudessem ser analisados pelo Goldvarb X, definimos as variáveis a serem estudadas nesta pesquisa. Essas variáveis são de ordem linguística e extralinguística.

Para que haja variação é preciso que haja duas ou mais formas que expressem a mesma coisa. Portanto, a variável linguística dependente apresenta variantes, que, por sua vez, são governadas por fatores que influenciam o uso de uma variante em detrimento da outra durante o processo de variação. Esses fatores são chamados de variáveis independentes e podem ser tanto de ordem linguística, quanto extralinguística.

Temos a morfosintaxe, mais especificamente, a ausência e a presença de marcas de CV como variável dependente, sendo, portanto, uma variável binária. É preciso deixar claro que a variável dependente e as variáveis independentes foram selecionadas a partir de uma análise prévia dos dados coletados e a partir de estudos já realizados sobre a CV.

- (1) L1 - (...) a professora pediu pá gente i vestida sem ropa como é: - com nossa ropa -  
hoje *nóis vai fazê bandeinha - pintá cortá* (...) (L1EXC)
- (2) L1 - *nóis gostamos* mermo é de jogá de bola (...) (L1EXC)

Podemos perceber em (1) a ausência de marcas de CV, enquanto em (2) as marcas de CV estão presentes. A presença dessas marcas é considerada pela GN como a forma padrão e, portanto, a de prestígio. Já aquela é tida como a forma não padrão e, conseqüentemente, ela é a forma estigmatizada.

Para o estudo dessa variável, verbos no infinitivo, gerúndio e particípio não foram analisados. A variante ‘ausência de marcas de CV’ é caracterizada quando o sujeito não apresenta marca de concordância número-pessoal com o verbo, logo a variante ‘presença de marcas de CV’ é caracterizada por ser constituída por sujeitos que apresentam essa marca. Quando o sujeito não estiver exposto, levamos em consideração o contexto linguístico.

Nossos grupos de fatores internos à língua são: posição do sujeito em relação ao verbo, ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo e número/pessoa. Para a variável posição do sujeito em relação ao verbo, selecionamos dois fatores: sujeito anteposto ao verbo e sujeito posposto ao verbo, representados em (3) e (4). Contudo, para essa variável não levamos em consideração a distância do verbo do seu sujeito.

(3) L5 - (...) é bom queu sa:io - conheço cosas nova - é assim bom ele e a mulhé dele me *visitam* mais (L5EYI)

(4) L6 - (...) quando *fica arengando comigo* as minina - ô com minha irmã porque assim (...) (L6FYC)

Nessa variável, analisamos, portanto, se o sujeito anteposto ao verbo condiciona mais a variante presença de marcas de CV do que a ausência dessas marcas e se o sujeito posposto ao verbo condiciona mais o uso desta do que o uso daquela.

Para a variável ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo, selecionamos os fatores ausência de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo, ou seja, quando o sujeito está imediatamente junto do verbo, estando aquele antes ou depois deste, sem que haja qualquer elemento linguístico que interfira na estrutura sujeito-verbo/verbo-sujeito, como podemos ver em (5); e presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo, isto é, quando o sujeito, estando ele antes ou depois do verbo, está separado deste por um ou mais elementos que interferem na referida estrutura, como podemos observar em (6).

(5) L1- (...) aí eu digo que não e continua chateano elas - elas fazem assim (...) (L1EXC)

(6) L3 - (...) eu e as outra **que também** *ficô* com dô (L3EYI)

Investigaremos se o fator ausência de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo condiciona a forma padrão e se o fator presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo condiciona a forma não-padrão. Devemos ressaltar que, para essa variável, não serão levados em consideração os marcadores discursivos (né?, sabe?, certo, entre outros), elementos linguísticos que exercem funções na interação verbal, podendo, por exemplo, estabelecer elos coesivos entre partes do texto e manter a interação falante/ouvinte (Cf. MARCUSCHI, 1989), já que eles não parecem interferir na relação entre sujeito e verbo.

Para a variável número/pessoa, selecionamos quatro fatores: 1ª pessoa do singular (sintagma pronominal eu), 1ª pessoa do plural (sintagma pronominal nós), 3ª pessoa do singular (sintagmas pronominais ele, ela, a gente e sintagma nominal) e 3ª pessoa do plural (sintagmas pronominais eles, elas e sintagma nominal).

(7) L16 - eu *conheço* um amigo em Maceió - um de Maceió um de Rio Largo (...)  
(L16EYI)

(8) L16 - (...) conseguimos um pouco - nóis - só não - *pode fazê* - falta ainda a gente ver  
uns detalhe (L16EYI)

(9) L13 - (...) mai ele num qué acreditá num posso fazê nada - mas quando achá ele *vai* vê  
que não fui eu - e nem tem porque ficá sem falá -- (L13FYC)

(10) L14 - (...) as galinha *dá* cada pitu na pessoa - é resenha (...) (L14EYC)

Com essa variável, pretendemos verificar se os fatores 1ª pessoa do singular e 3ª pessoa do singular condicionam o uso da variante presença de marcas de CV e se os fatores 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural condicionam o não uso dessas marcas.

Tendo esse grupo linguístico em vista, definimos as variáveis sociais: escolaridade; localidade e tempo de permanência na entidade filantrópica para analisarmos se elas influenciam a variação entre ausência e presença de marcas de CV.

As duas primeiras variáveis são bastante investigadas. Contudo, a escolaridade vem sendo apontada como um dos principais fatores que exerce influência significativa sobre a variação de CV. Por outro lado, o mesmo não pode ser dito quando levamos em consideração a variável localidade, que vem sendo apontada como não significativa para o estudo dessa variação. A fim de investigar essas constatações, selecionamos essas variáveis para observar se elas apresentam o mesmo comportamento sobre a variação entre ausência e presença de marcas de CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió.

Para a variável escolaridade, observamos se os falantes que estão no início do ciclo do ensino fundamental tendem a usar mais a forma não padrão e se os falantes que estão no fim do ciclo do ensino fundamental tendem a usar mais a forma padrão. Já para a variável localidade, que se refere ao local em que o colaborador vivia antes de ir para a entidade filantrópica, temos o objetivo de verificar se os colaboradores que viviam na capital antes de irem para a entidade usam mais a variante presença de marcas de CV e se os colaboradores que viviam no interior antes de irem para a entidade usam mais a variante ausência de marcas de CV.

Apesar de os estudos sociolinguísticos apontarem para uma não influência dessa variável sobre a variação já referida, decidimos selecioná-la para este estudo para observarmos se o mesmo pode ser confirmado em relação ao uso dessa variação na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió.

A variável tempo de permanência na entidade foi selecionada por acreditarmos que pode exercer influência significativa sobre a variação entre ausência e presença de marcas de CV, já que antes da institucionalização, essas crianças, provavelmente, conheciam mais a forma popular da língua. Após a entrada na entidade filantrópica, elas são estimuladas a usar mais uma outra forma de falar, a prescrita pela GN, uma vez que essas entidades acreditam que esse conhecimento é importante para que seus membros, ao deixarem a instituição, sejam aceitos pela sociedade. Logo, são inseridos nas escolas e também passam a ter aulas de reforço na própria instituição.

Para essa variável, selecionamos os fatores menos de cinco anos e mais de cinco anos na entidade filantrópica a fim de observarmos se os falantes que estão na instituição a menos de cinco anos tendem a usar mais a forma não-padrão e se os falantes que estão na instituição a mais de cinco anos tendem a usar mais a forma padrão.

Ao definirmos o conjunto das variáveis independentes, queremos observar, portanto, se e como essas variáveis influenciam a variável dependente já citada.

## Considerações

Neste capítulo, apresentamos os objetivos e as hipóteses desta pesquisa, descrevemos a comunidade de fala, bem como a vida que a cerca. Descrevemos também os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da coleta e da quantificação dos dados e apresentamos a variável dependente e as variáveis independentes em estudo.

Acreditamos, portanto, que essas informações são essenciais para que possamos compreender a descrição e a análise dos resultados obtidos por esta pesquisa, que foi desenvolvida de acordo com os princípios metodológicos da Sociolinguística Quantitativa.

### **CAPÍTULO 3 – Descrição e análise dos dados**

No último capítulo desta pesquisa, apresentamos os resultados estatísticos gerados pelo programa computacional Goldvarb X, apontando as variáveis consideradas, por esse programa, como significativas e não significativas para o estudo da variável dependente e realizando as análises quantitativa e linguística desses resultados. Apresentamos, também, os resultados e as discussões sobre os cruzamentos de dados feitos entre algumas variáveis.

#### **3.1 Variável dependente**

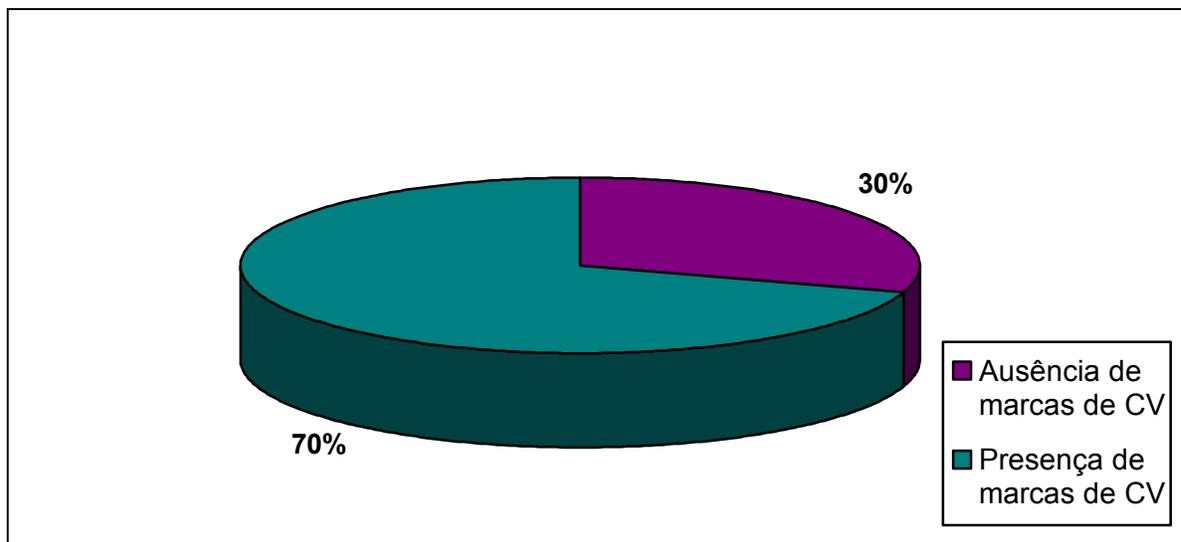
A partir dos dados coletados da fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, analisamos 707 sentenças que apresentam ou não marcas de concordância verbal, como podemos observar na tabela abaixo.

Tabela 3: Resultado total das variantes ausência e presença de marcas de concordância verbal

<b>Variantes</b>	<b>Resultado Total</b>	<b>Percentagem</b>
Ausência de marcas de CV	211	30%
Presença de marcas de CV	496	70%
Total	707	100%

Notamos que os menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió ora realizam sentenças que apresentam marcas de CV (70%), ora realizam sentenças que não apresentam essas marcas (30%), configurando-se, portanto, a variação entre as duas formas, sendo a variante ‘presença de marcas de CV’ a mais usada pelos menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió do que a variante ‘ausência de marcas de CV’, como podemos ver no gráfico abaixo.

Gráfico 1: Resultado total das variantes ausência e presença de marcas de concordância verbal na fala de menores carentes da cidade de Maceió



Esses dados numéricos revelam-se significativos, uma vez que comprovam a existência da variação entre ausência e presença de marcas de CV, corroborando os resultados de várias pesquisas sociolinguísticas já realizadas. Estamos tratando, portanto, de dados como os apresentados abaixo.

- Ausência de marcas de CV

(11) E13 - campeonato? aí foi como?

L13 - a gente ficamos em segundo lugar (L13FYC)

(12) L8 - (...) elas tira impa pá fica todo mun no banco e as últimas que tirô que tirô

impa pá iscolhe cinco pessoas (L8FXC)

- Presença de marcas de CV

(13) L10 - (...) nóis gostamos mermo é de jogá de bola (L10EXI)

(14) L9 - o que eu mai gosto aqui é bincá de bola - a gente binca bem dizê todo dia (...)

(L9EXI)

Procuramos, assim, compreender melhor o uso dessa variável, presente na fala da comunidade em estudo, identificando os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem e desfavorecem essa variação.

### 3.2 Variáveis significativas

As variáveis selecionadas pelo programa computacional Goldvarb X como estatisticamente significativas para a variação entre ausência e presença de marcas de CV foram:

1) Número/pessoa

- 2) Ausência e presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo
- 3) Tempo de permanência na entidade filantrópica
- 4) Posição do sujeito em relação ao verbo
- 5) Escolaridade

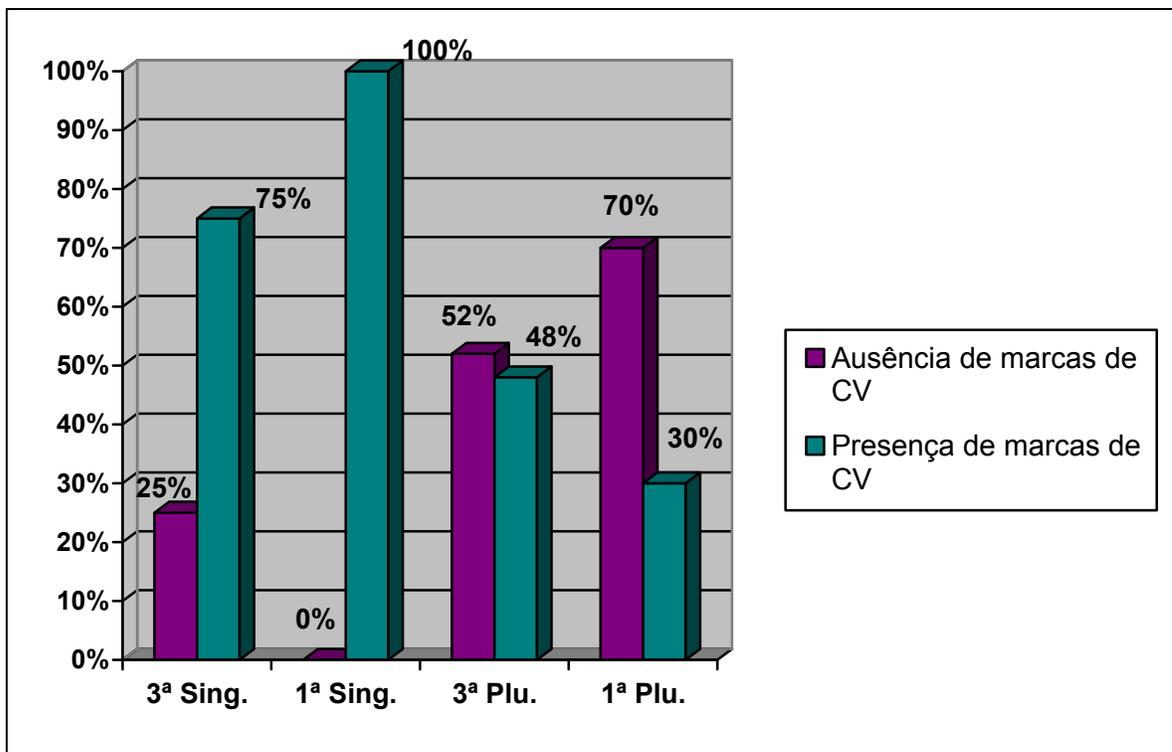
Apresentamos, abaixo, os resultados obtidos de acordo com essa ordem. Em seguida, apresentamos a única variável, a ‘localidade’, que foi considerada como estatisticamente não influente no uso da variação em estudo. Por fim, apresentamos os resultados estatísticos provenientes dos cruzamentos de dados feitos entre algumas variáveis. Tendo em vista que trabalhamos quantitativamente com números, utilizamos tabelas e gráficos para um melhor entendimento dos resultados obtidos.

### **3.2.1 Número/pessoa**

A variável ‘número/pessoa’ foi a primeira a ser selecionada pelo Goldvarb X como variável estatisticamente relevante. Os fatores trabalhados para essa variável foram ‘1ª pessoa do singular’ (sintagma pronominal ‘eu’), ‘1ª pessoa do plural’ (sintagma pronominal ‘nós’), ‘3ª pessoa do singular’ (sintagmas pronominais ele, ela, a gente e sintagma nominal) e ‘3ª pessoa do plural’ (sintagmas pronominais eles, elas e sintagma nominal).

Nossas hipóteses para esses fatores são que o sujeito no singular condiciona a norma padrão (presença de marcas de CV), enquanto o sujeito no plural condiciona mais a norma não-padrão (ausência de marcas de CV).

Gráfico 2: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal tomando por base a variável ‘número/pessoa’



O gráfico acima mostra os percentuais da variável dependente para cada fator. Através de sua leitura, observamos que os fatores que apresentaram maior percentual de ‘presença de marcas de CV’ foram ‘1ª pessoa do singular’ e ‘3ª pessoa do singular’ (100% e 75%), respectivamente. O fator ‘1ª pessoa do singular’, por apresentar 100% de uso dessa variante, tem influência significativa no elevado percentual obtido por essa variante no resultado final, apresentado no Gráfico 1. Por outro lado, os fatores ‘1ª pessoa do plural’ e ‘3ª pessoa do plural’, desfavorecem o uso de marcas de CV (30% e 48%, respectivamente), contudo, vale ressaltarmos que o uso das

duas variantes é mais equilibrado quando se tem o fator ‘3ª pessoa do plural’ (52% de ‘ausência de marcas de CV contra 48% de ‘presença de marcas de CV’).

Tabela 4: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal na variável ‘número/pessoa’ e o peso relativo obtido através da aplicação da variante presença de marcas de CV na referida variável

<i>Número/pessoa</i>	Ausência de marcas de CV	Presença de marcas de CV	Presença de marcas de CV
	Ausência/Total/Perc. <sup>26</sup>	Presença/Total/Perc.	Peso relativo
<b>3ª pessoa do singular</b>	81/ 318/ 25% <sup>27</sup>	237/ 318/ 75%	.36
<b>1ª pessoa do singular</b>	0/ 171/ 0%	171/ 171/ 100%	.97
<b>3ª pessoa do plural</b>	68/ 130/ 52%	62/ 130/ 48%	.15
<b>1ª pessoa do plural</b>	62/ 88/ 70%	26/ 88/ 30%	.10

A tabela acima nos fornece o número de realizações das duas variantes para cada fator, o número total de realização de cada fator, a percentagem das variáveis de acordo com cada fator e o peso relativo a partir da aplicação da variante ‘presença de marcas de CV’ na variável ‘número/pessoa’. Focalizamos, neste momento, nos resultados apresentados através do peso

<sup>26</sup> A abreviatura Perc. significa percentagem.

<sup>27</sup> O número 81, apresentado na Tabela 4, indica que, para o fator ‘3ª pessoa do singular’, houve 81 casos de ausência de marcas de CV dentre os 318 casos em que esse fator foi realizado. Em seguida, apresentamos a percentagem de ausência de marcas de CV. É válido destacarmos que essa orientação serve para a leitura de todas as tabelas.

relativo, já que é através dele que o programa Goldvarb X se baseia para a seleção da ordem de significância.

Observando os pesos relativos apresentados na Tabela 4, percebemos que a variante ‘presença de marcas de CV’ é extremamente condicionada pelo fator ‘1ª pessoa do singular’, que apresenta um índice de (.97), revelando-se como o único fator que exerce influência significativa para o uso dessa variante. Os demais fatores (‘3ª pessoa do singular’, ‘3ª pessoa do plural’ e ‘1ª pessoa do plural’) foram apontados como influenciadores do não uso de marcas de CV (.36, .15 e .10, respectivamente).

Os resultados apresentados na Tabela 4 confirmam, parcialmente, a nossa hipótese inicial de que sujeitos no singular favorecem o uso da variante padrão e que sujeitos no plural desfavorecem o uso dessa variante. Contudo, se levarmos em consideração também os resultados apresentados no Gráfico 2, podemos dizer que nossas hipóteses podem ser totalmente confirmadas.

### **Sujeitos no singular**

- Ausência de marcas de CV

(15) L2 - tê mais minina pá bincá - convesá - assisti mais tevê - a gente também é: - *gostamos* dos projeto - quando tem festa - nós *gostamos* muitcho - ah mais cachorrinho - a gente nem *fiquemo* com os filhotinho da preta --- (L2EXC)

- Presença de marcas de CV

(16) E4<sup>28</sup> - e sai - aí você sai pra: pra casa de sua tia - é? e sai uma vez por a:no - se:mpre

---

<sup>28</sup> A saber: E significa Entrevistadora e o número que segue a letra ‘E’ diz respeito a ordem das gravações.

L4 - não - toda - toda assim que não tivé aula na iscola - feriados assim eu saio dia de férias (L4FXI)

(17) E1 - e porque a M - M - é? foi pro outro orfanato?

L1 - porque ela desobedecia parece (L1EXC)

(18) L2 - gosto de pro brincá de pega - de pulá corda - de brincá de tudo com ar menina -

a gente fica mais reunido (L2EXC)

(19) L6 - é: divide o: grupo de dois gupo grupos - e depois - é: as bola é: fica jogano uma

- é: cada grupo joga uma vez - se a bola saí fo:ra aí vai buscá (...) (L6FYC)

### Sujeitos no plural

- Ausência de marcas de CV

(20) L1 - (...) a professora pediu pá gente í vestida sem ropa como é: - com nossa ropa -

hoje nóis vai fazê bandeinha - pintá cortá (...) (L1EXC)

(21) L8 - porque aqui tem uma tem uma iscala de pontinhos vermelho e: aí quem aí elas

risca os pontinhos é aí quem passa da etapa dos pontinhos aí não vai (L8FXC)

(22) L14 - (...) as galinha dá cada pitu na pessoa - é resenha (...) (L14EYC)

- Presença de marcas de CV

(23) L4 - (...) a última vez foi da coca e nóis gostamos mutcho - foi mutcho divertido -

fica na calma sem briga porque todo mundo qué participá (L4FXI)

(24) E8 - dos mininos? por quê?

L8 - porque eles são mutchuxerido (L8FXC)

(25) L14 - (...) é: é: as galinha são massa pá corrê atrás (L14EYC)

(26) E14 - e o que você mais gosta nos seus amigos?

L14 - -- eles são brincalhão e alguns deles são sincero

Observando os dados que apresentam sujeitos no singular, percebemos que a variante ‘ausência de marcas de CV’ é condicionada apenas pelo sintagma pronominal ‘a gente’. Já o uso da variante ‘presença de marcas de CV’, é condicionado não só por esse sintagma, como também pelos sintagmas nominais e pelos sintagmas pronominais ‘ele’ e ‘ela’. Tendo isso em vista, podemos dizer que sujeitos no singular levam a verbos no singular, exceto quando esse sujeito for formado pela expressão ‘a gente’.

Vale ressaltarmos, ainda, que os sujeitos subtendidos, como podemos ver nos exemplos (27) e (28), apesar de não termos selecionados como um fator linguístico para a rodagem dos dados, parecem condicionar mais o uso da variante padrão, conferindo com os resultados apresentados por Motta (1979, p. 90), relativos a adolescentes semialfabetizados. Parece-nos, portanto, que, quando o sujeito não está explícito, faz-se necessário o uso da flexão verbal para que o sujeito seja identificado. A partir dessa consideração parece compreensível dizermos que a ausência de marcas de CV é mais um caso de se evitar a redundância do que de se cometer “erros”.

(27) L7 - (...) depois vai brincá - umas vão dormí - **vão** fazê - o que qué - **tomam** banho  
depois (L7FYI)

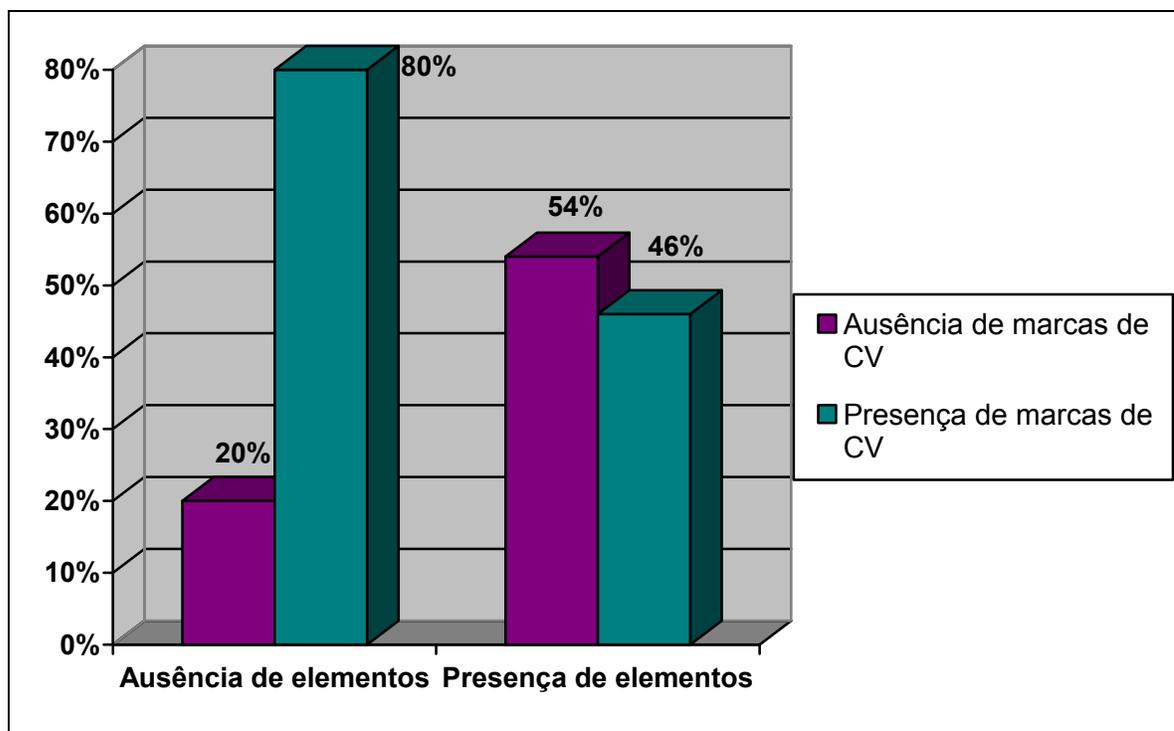
(28) L8 - (...) geralmente as minina escolhe a bola - pá começá quemano - aí **pegam** a  
bola **escolhem** (...) (L8FXC)

Tendo em vista o exposto, podemos afirmar que a variação entre ‘ausência de marcas de CV’ e ‘presença de marcas de CV’ presente na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió é significativamente condicionada pela variável número/pessoa.

### **3.2.2 Ausência/Presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo**

Para a segunda variável, considerada estatisticamente significativa pelo Goldvarb X, a hipótese levantada é que, quando há um ou mais elementos entre o sujeito e o verbo, há uma probabilidade maior do uso da forma não-padrão, enquanto, quando não há nenhum elemento entre o sujeito e o verbo, a variante padrão tende a ser a forma mais usada.

Gráfico 3: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal tomando por base a variável ‘ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’



Analisando o Gráfico 3, que traz os resultados da aplicação da variável dependente na variável independente ‘ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’, podemos dizer que, quando não há elementos entre o sujeito e o verbo, o percentual de presença de marcas de CV (80%) é maior do que o percentual de ausência dessas marcas (20%). Por outro lado, quando há a presença de elementos entre o sujeito e o verbo, o falante ora usa a variante não-padrão (54%), ora usa a variante padrão (46%), gerando uma variação equilibrada.

Tabela 5: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal na variável ‘ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ e o peso relativo obtido através da aplicação da variante presença de marcas de CV na referida variável

<i>Ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo</i>	<b>Ausência de marcas de CV</b>	<b>Presença de marcas de CV</b>	<b>Presença de marcas de CV</b>
	<b>Aplic./Total/Perc.</b>	<b>Aplic./Total/Perc.</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Ausência de elementos</b>	95/ 488/ 20%	393/ 488/ 80%	.60
<b>Presença de elementos</b>	117/ 219/ 54%	102/ 219/ 46%	.29

Conforme os resultados apresentados acima, em que é acrescentado o peso relativo específico da aplicação da regra de CV na referida variável, podemos pontuar que a variante ‘ausência de marcas de CV’ é significativamente condicionada pelo fator ‘presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ (.60), enquanto a variante ‘ausência de marcas de CV’ é mais influenciada pelo fator ‘presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ (.29).

Esses resultados, portanto, confirmam as hipóteses previamente levantadas de que o fato de haver elementos entre o sujeito e o verbo favorece o uso da variante não-padrão e a não existência de elementos entre essa relação favorece o uso da forma padrão, como podemos conferir nos dados abaixo.

#### **Ausência de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo**

- Ausência de marcas de CV

(29) L9 - (...) e uma professora de reforço - que a gente tinha mas agora não -- as aula são

boa nóis tira as dúvida e tal (L9EXI)

(30) E13 - campeonato? aí foi como?

L13 - a gente ficamos em segundo lugar (L13FYC)

- Presença de marcas de CV

(31) E14 - e: o que vocês fazem juntos?

L14 - sai - vezes a gente vai pegá catenga

E14 - [risos]

L14 - às vez a gente vai brincá de ximbra - jogá de bola - vai vai conversa sobre  
nossa vida - só (L14EYC)

(32) L4 - nóis brincamos - é: nóis é: falamos - cosas assim de amigas (L4FXI)

(33) L6 - meus desejos são muitos - tê uma família - uma casa minha pra vivê - sê feliz

(...) (L6FYC)

### Presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo

- Ausência de marcas de CV

(34) L6 - (...) aí é quemado vai pá lá pra: - pra otro lugar - as otras que vai tentá quemá sai

de lá (...) (L6FYC)

(35) L3 - (...) eu e as otra que também ficô com dô (L3EYI)

(36) L2 - tê mais minina pá bincá - convesá - assisti mais tevê - a gente também é: -

gostamos dos projeto - quando tem festa - nós gostamos muitcho - ah mais

cachorrinho - a gente nem fiquemo com os filhotinho da preta --- (L2EXC)

- Presença de marcas de CV

(37) L4 - minhas amigas? é: algumas **que** são morena - galega (...) (L4FXI)

(38) L6 - de manhã eu me aco:rdo me arrumo aí tomo café e vô pro colégio - chegando do colégio a gente **já** vai trocá de roupa (L6FYC)

Observando o *corpus*, percebemos que, quando há o fator ‘ausência de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’, os contextos que mais favorecem a ausência de marcas de CV são os sintagmas pronominais ‘nós’ e ‘a gente’ e os sintagmas nominais no plural. Já os ambientes linguísticos que mais geram a presença dessas marcas são o sintagma pronominal ‘a gente’ e os sintagmas nominais tanto no singular, quanto no plural, formados por um determinante e por um nome. É importante destacarmos que a expressão ‘a gente’ parece levar a uma variação equilibrada entre o uso das variantes.

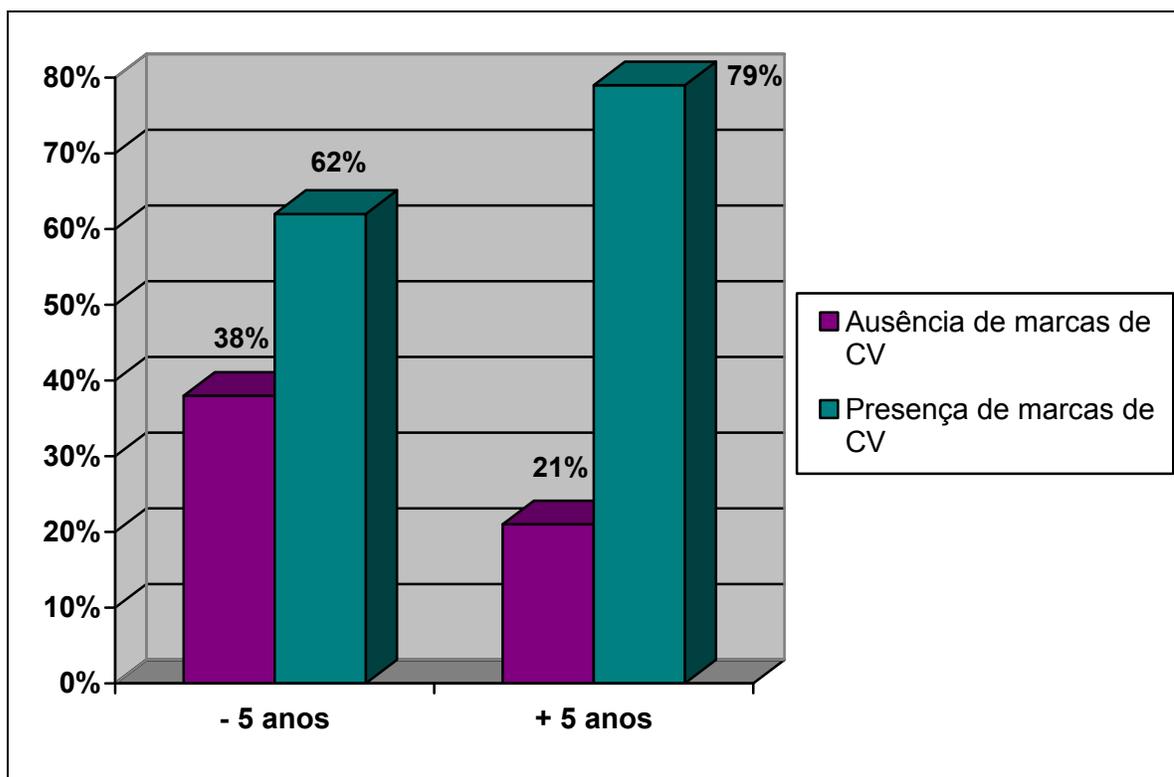
Quando se tem o fator ‘presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’, os elementos que parecem mais interferir nessa relação são o pronome relativo ‘que’ e os advérbios ‘também’ e ‘já’, principalmente quando vêm depois dos sintagmas pronominais ‘nós’ e ‘a gente’. Vale ressaltarmos que os falantes, de forma geral, usam uma quantidade pequena de elementos entre o sujeito e o verbo, chegando, no máximo, a três elementos entre eles. É preferível o uso de nenhum ou apenas um elemento.

### **3.2.3 Tempo de permanência na entidade filantrópica**

A variável ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ foi a primeira variável extralinguística e a terceira variável no total a ser selecionada como estatisticamente relevante para a influência da variação entre ausência e presença de marcas de CV. Como já falamos, essa variável é bem específica da comunidade de fala selecionada para a presente investigação.

Os fatores escolhidos para analisarmos essa variável são ‘menos de cinco anos na entidade filantrópica’ e ‘mais de cinco anos na entidade filantrópica’. Partimos do pressuposto de que os falantes que fazem parte da entidade há mais tempo tendem a realizar mais a norma padrão, enquanto os que estão nela há menos tempo tendem a realizar mais a norma não-padrão. Essas hipóteses foram levantadas tendo em vista o fato de que as crianças, de forma geral, antes do processo de institucionalização, não frequentam a escola. Em outras palavras, estamos partindo do pressuposto “de que o acesso às normas linguísticas determina a escolha das variantes linguísticas, ou seja, quanto maior a escolaridade do usuário da língua, maior o uso da variante conservadora” (VITÓRIO, 2008, p. 101).

Gráfico 4: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal tomando por base a variável ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’



Os resultados da aplicação da variável dependente na variável independente ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’, ilustrados no gráfico acima, mostram-nos que os dois fatores em análise levam mais ao uso da variante ‘presença de marcas de CV’. Contudo, o fator ‘menos de cinco anos na entidade filantrópica’ apresenta um percentual maior de ‘ausência de marcas de CV’ (38%) do que o fator ‘mais de cinco anos na entidade filantrópica’ (21%), provocando uma disputa maior entre as variantes naquele fator do que neste. A tabela abaixo também mostra esses resultados, como também o peso relativo.

Tabela 6: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal na variável ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ e o peso relativo obtido através da aplicação da variante presença de marcas de CV na referida variável

<i>Tempo de permanência na entidade filantrópica</i>	<b>Ausência de marcas de CV</b> Aplic./Total/Perc.	<b>Presença de marcas de CV</b> Aplic./Total/Perc.	<b>Presença de marcas de CV</b> Peso relativo
<b>Menos de 5 anos na entidade filantrópica</b>	144/ 383/ 38%	239/ 383/ 62%	.38
<b>Mais de 5 anos na entidade filantrópica</b>	68/ 324/ 21%	256/ 324 / 79%	.64

Apesar de os dois fatores em análise apresentarem um percentual maior para a realização da norma padrão, o peso relativo nos aponta que apenas o fator ‘mais de cinco anos na entidade filantrópica’ é um condicionante estatisticamente significativo para a realização dessa norma, com peso relativo (.64). Já o fator ‘menos de cinco anos na entidade filantrópica’ foi apontado como um fator que exerce influência significativa sobre a variante não-padrão, com peso relativo (.38). Os resultados obtidos através do peso relativo nos permitem ratificar, portanto, as hipóteses levantadas previamente.

Abaixo, apresentamos alguns dados retirados do *corpus* da fala de menores carentes da cidade de Maceió.

#### **Menos de cinco anos na entidade filantrópica**

- Ausência de marcas de CV

(39) L2 - a rente vamos assistir Chiquititas (...) (L2EXC)

(40) L4 - uma sugestão - deixá as minina da iscola vim pra cá pra brincá cua gente -  
estudá também nóis jura que não *faz* bagunça (L4FXI)

▪ Presença de marcas de CV

(41) L8 - (...) aí vai pra iscola - quando é: doze horas por aí a gente *chega* da iscola  
porque uma metade *istuda* no Dez e otra no Donezete (L8FXC)

(42) L12 - a água que falta todo santo dia - teve dia que quase nem deu pá tomá banho -  
ur minino - o J. - o B o: - que gosta -- otros que não *tomam* banho (L12FXC)

(43) L10 - acho que vô bincá de ximbra com ur minino - futebol - os minino tudinho  
*foram* jogá (L10EXI)

### Mais de cinco anos na entidade filantrópica

▪ Ausência de marcas de CV

(44) L6 - (...) ô com minha irmã porque assim - nóis *vive* no mermo lugá e fica brigano é  
chato (...) (L6FYC)

(45) L5 - - menos gosto quano quando elas *arenga* pô nada (L5EYI)

▪ Presença de marcas de CV

(46) L3 - tava pensando - a gente *podia* tê uma festa de - matuta que nem na iscola  
(L3EYI)

(47) L7 - e nem foi eu sozinha a J. e a R. também *colaram* (...) (L7FYI)

(48) E15 - é - os amigos né? e o que vocês fazem juntos?

L15 - nóis *brincamos* - *estudamos* junto (L15FYC)

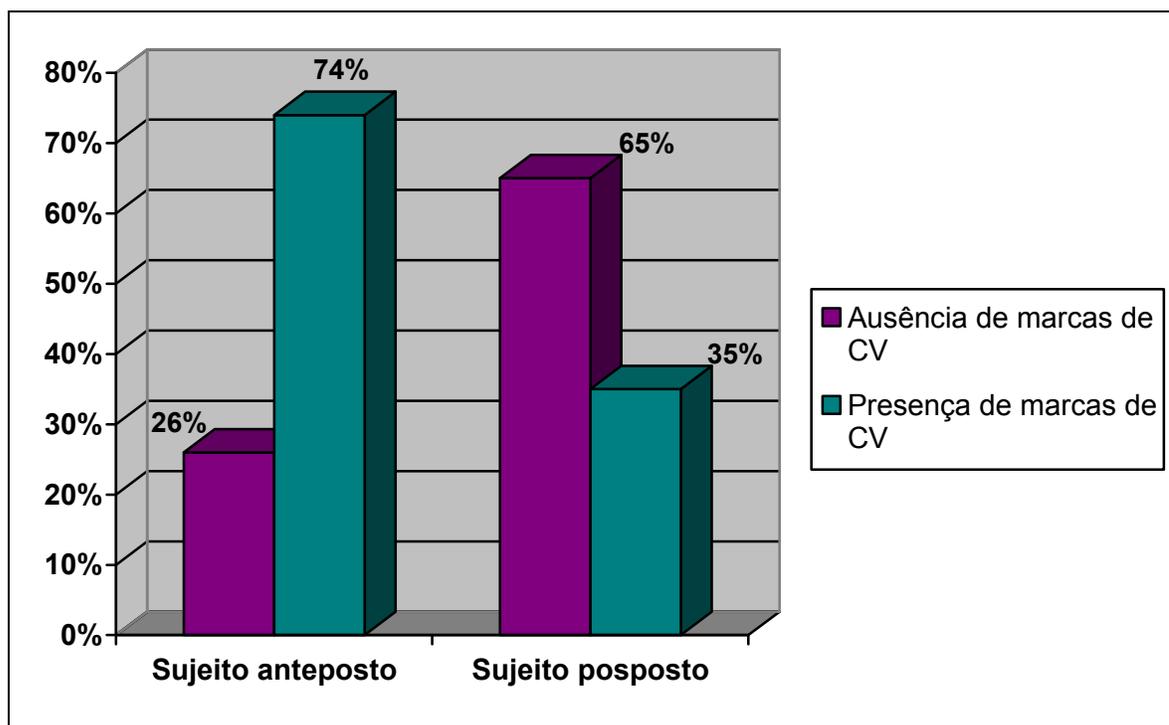
Os resultados obtidos por esta variável podem ser um indício de que as entidades filantrópicas exercem uma contribuição importante no conhecimento da norma padrão por parte dos seus membros, já que é a partir de um convívio maior na entidade que eles passam a usar mais essa norma.

#### **3.2.4 Posição do sujeito em relação ao verbo**

A variável ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ foi a última variável linguística e a quarta variável no total selecionada como influente na variação entre ausência e presença de marcas de CV. Tendo em vista alguns trabalhos sociolinguísticos (SANTOS, 1999, GRACIOSA, 1991, entre outros), levantamos a hipótese de que o sujeito posicionado, imediatamente ou não, antes do verbo exerce uma forte influência sobre o uso da variante ‘presença de marcas de CV’, enquanto o sujeito posicionado, imediatamente ou não, depois do verbo desfavorece esse uso.

A fim de analisarmos essas hipóteses e, antes de tudo, verificarmos se essa variável é significativa para a presente investigação, selecionamo-la e, ao rodarmos os dados, obtivemos os resultados apresentados no Gráfico 5.

Gráfico 5: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal tomando por base a variável ‘posição do sujeito em relação ao verbo’



Observando o gráfico acima, em que são apresentados os resultados referentes à aplicação da variável dependente, levando em conta a variável independente, 'posição do sujeito em relação ao verbo', percebemos que os dois fatores em análise apresentaram resultados opostos. Enquanto no fator 'sujeito anteposto ao verbo', a variante mais usada foi a 'presença de marcas de CV' com 74% contra 26% de uso da variante 'ausência de marcas de CV', no fator 'sujeito posposto ao verbo', obtivemos 65% de uso desta variante contra 35% de uso daquela. Percebemos, portanto, a presença da variação entre as duas variantes e a relevância significativa da influência da variável independente sobre o uso da dependente.

Tabela 7: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal na variável ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ e o peso relativo obtido através da aplicação da variante presença de marcas de CV na referida variável

<i>Posição do sujeito</i>	Ausência de marcas de CV	Presença de marcas de CV	Presença de marcas de CV
	<b>Aplic./Total/Perc.</b>	<b>Aplic./Total/Perc.</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Sujeito anteposto ao verbo</b>	163/ 631/ 26%	468/ 631/ 74%	.52
<b>Sujeito posposto ao verbo</b>	49/ 76/ 65%	27/ 76 / 35%	.33

Analisando, especificamente, o peso relativo gerado a partir da aplicação da variante ‘presença de marcas de CV’ na variável ‘posição do sujeito em relação ao verbo’, podemos dizer que, quando o sujeito aparece depois do verbo, a probabilidade do falante usar a variante não-padrão em vez da padrão é bem maior (.33). Quanto ao fator ‘sujeito anteposto ao verbo’, o peso relativo aponta para uma neutralidade, já que apresentou índice de (.52), indicando que esse fator não é estatisticamente significativo no uso da variação entre ausência e presença de marcas de CV.

Os resultados numéricos apresentados na Tabela 7 são resultados contraditórios aos obtidos pelo peso relativo. O sujeito anteposto ao verbo apresenta números bem maiores para o uso da norma padrão, revelando-se, assim, um fator importante para o estudo. Esses números nos apontam, ainda, uma preferência pela ordem canônica (Sujeito-Verbo), que apresentou realizações bem maiores do que a ordem não canônica (631 e 76 aplicações, respectivamente). Esses resultados vêm sendo apresentados por alguns trabalhos na área da Sociolinguística Quantitativa. Santos (1999, p. 63), por exemplo, em sua pesquisa, concluiu que “a posição do

sujeito em relação ao verbo exerce grande influência na aplicação da regra, significando dizer que, quando o sujeito se localiza antes do verbo, a ordem canônica é propícia para a sua aplicação”.

Vejamos alguns exemplos retirados do nosso *corpus*.

### **Sujeito anteposto ao verbo**

- Ausência de marcas de CV

(49) L14 - rapai - o que o que eu menos gosto é porque: lá o ban o banheiro é sujo os copo  
fica na privada - essas cosas (L14EYC)

(50) L6 - (...) aí é quemado vai pá lá pra: - pra otro lugá - as otras que vai tentá queimá  
sai de lá ô então elas vai deixá que a ca que a brincadera acabe (L6FYC)

- Presença de marcas de CV

(51) L12 - brincadera - qualqué uma?

E12 - qualqué uma

L12 - -- tem um bocado -- eu me *lembro* de uma (L12FXC)

(52) L6 - de manhã eu me *aco:rd*o me *arrumo* aí *tomo* café e *vô* pro colégio - chegando  
do colégio a gente já *vai* trocá de roupa (L6FYC)

(53) L5 - eu já *disse* que o que mais *quero* é que o tio P. me *leve* com ele -- se num fô  
agora quele *venha* mais -- pra nóis *passearmos* otras vezes mais vez (L5EYI)

### **Sujeito posposto ao verbo**

- Ausência de marcas de CV

(54) L1 - (...) elas querem que eu eu - vô brincá na hora destudá - aí eu digo que não e  
*continua* me chateano elas (...) (L1EXC)

(55) F11 - e o que fazem com você?

L11 - - cuida de nós -- comida todo dia - atenção também - *pode* brincá todo dia -  
eu e or minino (L11FXI)

(56) L6 - (...) agora algumas são bem legais mesmo é até - rápido assim - entende - sabe  
entendê mais as cosa - *são toda* boa (L6FYC)

▪ Presença de marcas de CV

(57) L3 - dô na barriga porque comi mutcho na iscola no aniver da V - *ficamos* chorano  
eu e as otra (L3EYI)

(58) E7 - daqui? - e como elas são?

L7 - - *são* legal elas - divertidas. (L7FYI)

Analisando o *corpus* da fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, percebemos que, na maioria das vezes, quando o sujeito é posposto ao verbo, há presença de elementos entre o sujeito e o verbo e, quando o sujeito é anteposto ao verbo, há ausência de elementos nessa relação, contudo, neste caso há uma variação maior entre ausência e presença de elementos intervenientes entre sujeito e verbo.

Vale ressaltarmos, ainda, que a maioria dos sujeitos pospostos ao verbo, usados por nossos colaboradores, é constituída por sintagmas nominais. Os sintagmas pronominais, que aparecem em número bem menor, são representados pelos pronomes ‘ele/ela’ e ‘eles/elas’.

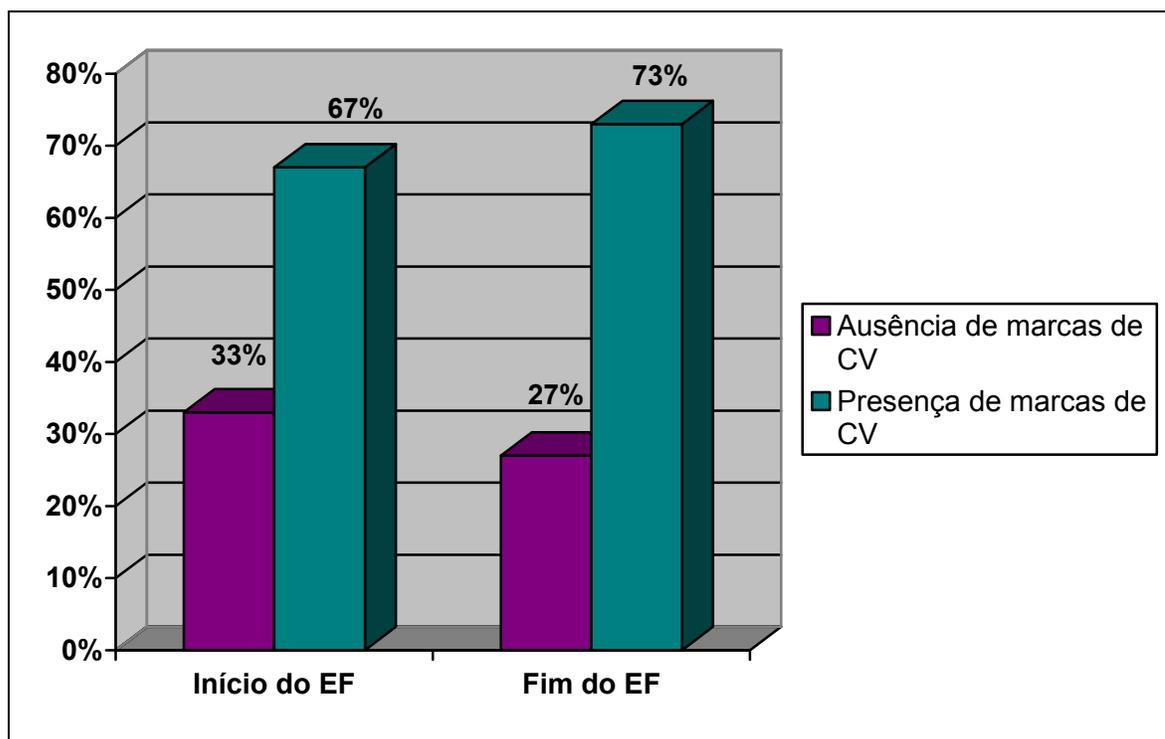
### 3.2.5 Escolaridade

A variável ‘escolaridade’ foi a segunda variável extralinguística e a última variável no total selecionada pelo programa Goldvarb X como variável que exerce influência significativa sobre a variação entre ausência e presença de marcas de CV.

Conforme Bortoni-Ricardo (2008, p. 374-375), o nível escolar “reflete outras variáveis de ordem social e econômica”, por isso, é frequentemente estudado como variável influente nas variações que envolvem variantes de prestígio e de não-prestígio. Ainda segundo a autora, “nas classes menos favorecidas, a incidência da concordância não-padrão é mais alta do que entre os estratos de melhor nível de escolarização” (Idem, p. 370).

A comunidade de fala em investigação nesta pesquisa faz parte de um grupo social pouco favorecido. Partimos, portanto, dos pressupostos de que os falantes com maior nível escolar tendem a usar mais a variante padrão e os falantes com menor grau de escolaridade tendem a usar mais a variante não-padrão, revelando-se, assim, uma variável significativa para o estudo da variação entre ausência e presença de marcas de CV. Verifiquemos, abaixo, se essas hipóteses podem ser confirmada.

Gráfico 6: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal tomando por base a variável ‘escolaridade’



Ao analisarmos os dados apresentados no gráfico acima, percebemos que o uso da variante ‘presença de marcas de CV’ é maior para os dois fatores em análise (67% e 73%). A variante ‘ausência de marcas de CV’ apresentou um percentual maior para o fator ‘início do ciclo do ensino fundamental’ (33%) em relação ao fator ‘fim do ciclo do ensino fundamental’, que apresentou 27% de uso dessa variante.

Resultados parecidos foram obtidos através da análise da variável ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’, em que a variante padrão foi mais utilizada para os dois fatores em análise, mas o fator ‘menos de cinco anos na entidade filantrópica’ apresentou maior uso da variante não-padrão do que o fator ‘mais de cinco anos na entidade filantrópica’. Vale

salientarmos que, como já pontuamos, essas duas variáveis podem ter uma relação estreita, visto que os membros da entidade passam a frequentar diariamente a escola a partir do processo de institucionalização.

Tabela 8: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal na variável ‘escolaridade’ e o peso relativo obtido através da aplicação da variante presença de marcas de CV na referida variável

<i>Escolaridade</i>	Ausência de marcas de CV	Presença de marcas de CV	Presença de marcas de CV
	Aplic./Total/Perc.	Aplic./Total/Perc.	Peso relativo
<b>Início do ciclo do ensino fundamental</b>	119/ 360/ 33%	241/ 360/ 67%	.43
<b>Fim do ciclo do ensino fundamental</b>	93/ 347/ 27%	254/ 347/ 73%	.56

Analisando especificamente a aplicação da variante padrão sobre a variável ‘escolaridade’, podemos pontuar, apesar do peso relativo dois fatores em análise estarem bem próximos da escala de neutralidade, que os falantes que estão no início do ciclo do ensino fundamental, ou seja, no início de sua escolarização, tendem a usar mais a variante não-padrão (.43), ao passo que falantes que estão no fim do ciclo do ensino fundamental tendem a usar mais a variante padrão (.56), ratificando, assim, as hipóteses levantadas previamente.

A seguir, apresentamos alguns dados retirados do *corpus* da fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió.

### **Início do ciclo do ensino fundamental**

- Ausência de marcas de CV

(59) L14 - um dia? foi quando: teve as férias inesquecível - teve as férias aí ur minino tudinho saiu aí só ficô poco minino - a gente: quase ficamo sem um nego um negócio de XXX (...) (L14EYC)

(60) E2 - que tem algumas algumas amigas da gente que de vez em quando faz alguma coisa que a gente não gosta e fica falando mal da gente - algumas cosa assim - tem alguma coisa?

L2 - elas fica falano mal - que a pessoa não fala nada delas e elas fica falano (L2EXC)

(61) L9 - -- é: - tê que lavá os plato - enxugá - essas cosa de minina - é mutto chato XXX - tinha que tê otra bola pá nóis jogá e uma de vôlei - porque furô - faz tempo que a gente num tem mai -- e uma professora de reforço - que a gente tinha mas agora não - as aula são boa nóis tira as dúvida e tal (L9EXI)

- Presença de marcas de CV

(62) L3 - elas são gente fina -- todo mundo é legal (L3EYI)

(63) E14 - e o que você mais gosta nos seus amigos?

L14 - -- eles são brincalhão e alguns deles são sincero (L14EYC)

### **Fim do ciclo do ensino fundamental**

- Ausência de marcas de CV

(64) L6 - - eu mais gosto: é da das explicações que a gente pede que - os professores é: ensina - cu:m paciência - educação e: - mutcho respeito (L6FYC)

(65) L15 - tava dizeno por minino queu quero sê isportista - trabalhá nisso - eu e o R. sabe jogá bem e qué fazê isso (L15FYC)

▪ Presença de marcas de CV

(66) L6 - tê mais comida pá nós comê - ropa - brinquedo -- que o povo viesse aqui vê a gente mais - visitá sabe? - trazê presente - o que a gente mais gosta é de presente - e: carinho - todas nós gostamos -- ficamos felizes (L6FYC)

(67) L12 - (...) a coisa boa a dizê - a acontecê que o P. dexa a gente assistí o jogo do Brasil -- vimos um dia -- nóis comemos pipoca (...) (L12FXC)

(68) L8 - (...) aí vai pra iscola - quando é: doze horas por aí a gente chega da iscola porque uma metade istuda no Dez e outra no Donezete sete de nós istuda no Mata (L8FXC)

Observando o *corpus*, percebemos que os falantes que estão no fim do ciclo do ensino fundamental são os que mais usam sujeitos à direita do verbo e os que mais usam a variante padrão quando se tem elementos entre o sujeito e o verbo. São também os que mais usam o sintagma pronominal ‘nós’ na posição de sujeito. Como vimos, o uso desse sintagma leva a mais casos de ausência de marcas de CV. Contudo, observando esse uso apenas pelos falantes que estão no fim do ciclo do ensino fundamental, percebemos que a variante padrão tende a ser a mais usada, mas a variação parece ser bem equilibrada entre as duas variantes. Quando observamos o uso desse sintagma por parte dos falantes que estão no início do ciclo do ensino fundamental, a variante não-padrão passa a ser a forma mais usada.

Essas constatações parecem nos apontar para uma influência significativa da escola sobre a fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, já que à medida que o nível de escolaridade desses falantes vai aumentando, cresce também o uso de formas que são trabalhadas nas escolas e vistas como as formas “corretas” e de prestígio social.

### **3.3 Variável não significativa**

O programa computacional Goldvarb X considerou que apenas a variável localidade, referente ao local em que o colaborador vivia antes de ir para a entidade filantrópica, é estatisticamente não significativa para o estudo da variação entre ausência e presença de marcas de CV. Logo, apresentamos abaixo os resultados obtidos para essa variável.

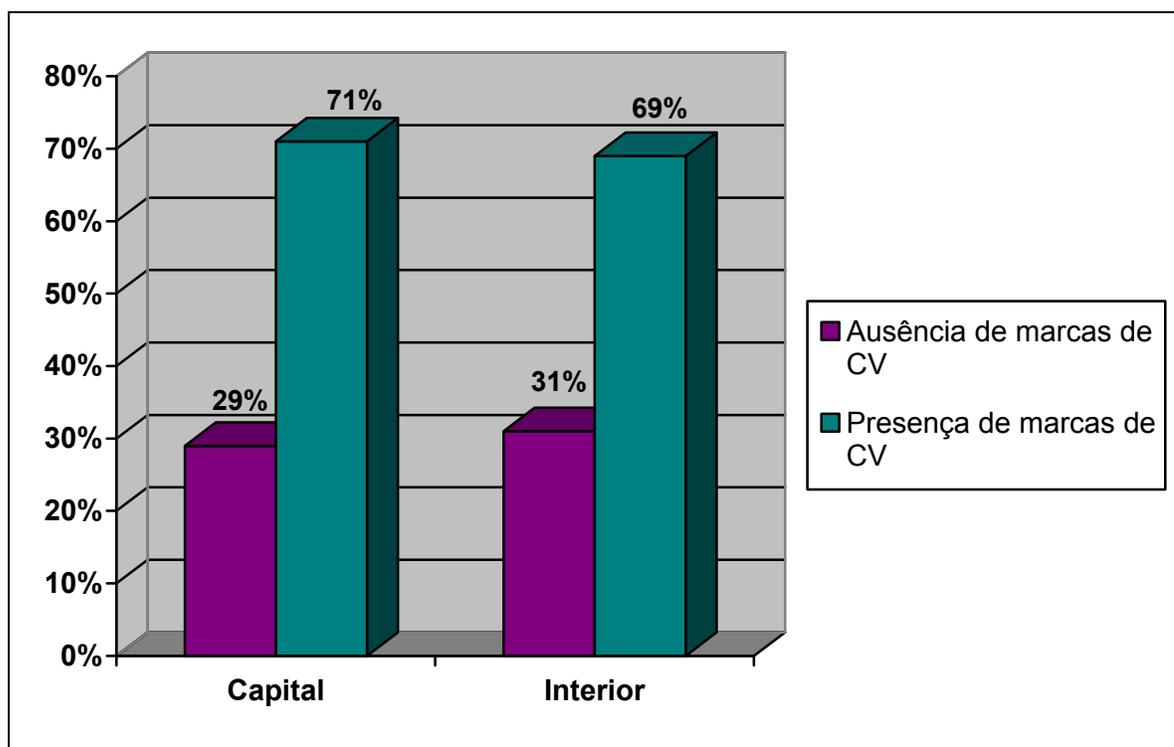
#### **3.3.1 Localidade**

Como podemos ver, a única variável considerada não influente no uso das variantes em investigação é extralinguística. Essa variável foi selecionada tendo em vista o fato de que os membros da comunidade de fala em estudo viviam na capital ou no interior de Alagoas antes de irem para a instituição. Interessamo-nos, portanto, verificarmos se essa variável exerce influência sobre a variação em análise. O Gráfico 7 e a Tabela 9 trazem os resultados sobre a análise dessa variável.

Mas, antes da análise dos resultados, devemos lembrar que nossa hipótese é que falantes que já viviam em Maceió antes de irem para a entidade filantrópica tendem a usar mais a forma

padrão, ao passo que falantes que viviam em cidades do interior de Alagoas antes do processo de institucionalização tendem a usar mais a forma não-padrão.

Gráfico 7: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal tomando por base a variável ‘localidade’



No Gráfico 7, percebemos a preferência pela norma de prestígio (71% e 89% para os fatores ‘capital’ e ‘interior’, respectivamente). Entretanto, essa preferência não elimina a existência de uma alternância entre as variantes em estudo. Observamos também que o uso da variante de não-prestígio é um pouco maior para o fator ‘interior’ (31%) do que para o fator ‘capital’ (29%), apesar dessa diferença não parecer ser significativa. Esses resultados, portanto, refutam a hipótese de que o fator ‘interior’ favorece o uso da forma não-padrão.

Tabela 9: Resultados da ausência e presença de marcas de concordância verbal na variável ‘localidade’ e o peso relativo obtido através da aplicação da variante presença de marcas de CV na referida variável

<i>Localidade</i>	Ausência de marcas de CV	Presença de marcas de CV	Presença de marcas de CV
	Aplic./Total/Perc.	Aplic./Total/Perc.	Peso relativo
<b>Capital</b>	132/ 452/ 29%	320/ 452/ 71%	.50
<b>Interior</b>	80/ 255/ 31%	175/ 255/ 69%	.49

O peso relativo para os fatores em análise (.50 para o fator ‘capital’ e .49 para o fator ‘interior’) demonstra que a variável ‘localidade’ não é estatisticamente significativa para o estudo da variação entre ausência e presença de marcas de CV, uma vez que, para cada fator, o peso relativo se encontra na escala de neutralidade. Assim, o programa considerou que nenhum fator exerce influência sobre as variantes em análise, refutando nossas hipóteses de que o fator capital leva mais ao uso da variante padrão e o fator interior leva mais ao uso da variante não-padrão.

A seguir, apresentamos alguns dados retirados do nosso *corpus*.

### **Capital**

- Ausência de marcas de CV

(69) L15 - tava dizeno pur minino queu quero sê isportista - trabalhá nisso - eu e o R. sabe jogá bem e *qué* fazê isso (L15FYC)

(70) L6 - (...) ô com minha irmã porque assim - nóis vive no mermo lugá e fica brigano é chato (...) (L6FYC)

- Presença de marcas de CV

(71) L6 - meus desejos são muitos - tê uma família - uma casa minha pra vivê - sê feliz (L6FYC)

(72) L12 - a coisa boa a dizê - a acontecê que o P. dexe a gente assistí o jogo do Brasil -- vimos um dia -- nóis comemos pipoca - a R. fez pá gente comê - foi uma farra danada - foi ótimo -- um dos melhores dia (L12FXC)

(73) E15 - ontem? o que foi que aconteceu?

L15 - não a gente ficô todo mundo reunido brincano só (L15FYC)

## Interior

- Ausência de marcas de CV

(74) L9 - (...) e uma pofessora de reforço - que a gente tinha mas agora não -- as aula são boa nóis tira as dúvida e tal (L9EXI)

(75) L7 - hum de manhã tô na iscola - todas nós está na iscola - à tarde a gente faz umas tarefas (...) (L7FYI)

- Presença de marcas de CV

(76) L5 - (...) é bom queu sa:io - conheço cosas nova - é assim bom ele e a mulhé dele me visitam mais (L5EYI)

(77) L4 - nóis brincamos - é: nóis é: falamos - cosas assim de amigas (...) (L4FXI)

(78) L7 - e nem foi eu sozinha a J. e a R. também colaram (...) (L7FYI)

Através da análise do *corpus*, percebemos que a variável ‘localidade’ não parece exercer influência sobre o estudo da variação entre ausência e presença de marcas de CV.

### **3.4 Cruzamentos**

Tendo em vista que algumas variáveis analisadas anteriormente podem ter uma certa relação de influência entre elas, podendo, assim, ter exercido algum tipo de intervenção nos resultados apresentados, decidimos desenvolver o cruzamento de dados feito entre algumas delas para verificarmos melhor a influência de cada uma sobre a variável em estudo.

#### **3.4.1 Cruzamento de dados feito entre as variáveis linguísticas ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ e ‘ausência e presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’**

Através da observação do nosso *corpus*, percebemos que há uma certa relação de influência entre os fatores das variáveis ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ e ‘ausência e presença de elementos entre sujeito e verbo’, uma vez que, de forma geral, observamos que, quando o sujeito é posposto ao verbo, há presença de elementos entre o sujeito e o verbo e, quando o sujeito é anteposto ao verbo, há ausência de elementos nessa relação. Resolvemos, dessa forma, realizar o cruzamento de dados entre essas variáveis para verificarmos se essa relação existe de fato e, assim, para que possamos compreendê-la melhor.

Tabela 10: Cruzamento de dados feito entre as variáveis ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ e ‘ausência e presença de elementos intervenientes entre sujeito e verbo’ em relação à variável dependente<sup>29</sup>

<i>Ausência/presença de elementos</i>	<i>Ausência e presença de marcas de CV</i>	<i>Posição do sujeito em relação ao verbo</i>		
		<b>Sujeito anteposto</b>	<b>Sujeito posposto</b>	<b>Total</b>
<b>Ausência de elementos</b>	<b>Ausência de marcas de CV</b>	15%	29%	19%
	<b>Presença de marcas de CV</b>	85%	71%	81%
<b>Presença de elementos</b>	<b>Ausência de marcas de CV</b>	52%	59%	53%
	<b>Presença de marcas de CV</b>	48%	41%	47%
<b>Total</b>	<b>Ausência de marcas de CV</b>	26%	64%	30%
	<b>Presença de marcas de CV</b>	74%	36%	70%

A tabela acima nos mostra os resultados percentuais obtidos através do cruzamento de dados feito entre as variáveis ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ e ‘ausência/presença de elementos intervenientes entre sujeito e verbo’ em relação à variável dependente.

Através dessa tabela, podemos dizer que quando os sujeitos estão localizados antes e imediatamente próximos ao verbo, temos 15% de ausência de marcas de CV e 85% de presença dessas marcas. Quando os sujeitos estão localizados depois e imediatamente próximos ao verbo,

<sup>29</sup> O Goldvarb X não apresenta o peso relativo quando há cruzamento de dados.

obtivemos os percentuais 29% e 71%, respectivamente. Por outro lado, quando os sujeitos estão localizados antes, mas separados do verbo por um ou mais elementos, temos 52% de ausência de marcas de CV e 48% de presença dessas marcas. Quando os sujeitos estão localizados depois, mas separados por um ou mais elementos, obtivemos os percentuais 59% e 41%, respectivamente.

Percebemos, portanto, que, quando temos a variável ‘ausência e presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’, o uso da variante padrão é maior do que o da variante não-padrão, quando não há elementos entre o sujeito e o verbo, independente de o sujeito estar localizado antes ou depois do verbo. Por outro lado, quando há elementos entre o sujeito e o verbo, o uso da variante não-padrão é maior, independente da localização do sujeito em relação ao verbo, porém, esta variação é mais equilibrada do que aquela. Não podemos dizer o mesmo quando temos os fatores da variável ‘posição do sujeito em relação ao verbo’, em que a variação entre a variante padrão e a variante não-padrão vai ser alterada de acordo com os fatores da variável ‘ausência e presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’.

No total, observamos que os fatores que mais exercem influência significativa sobre o uso da variante padrão são ‘ausência de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ e ‘sujeito anteposto ao verbo’ (81% e 74 % contra 19% e 26% de uso da variante não-padrão, respectivamente). Já os fatores que mais exercem influência significativa sobre o uso da variante não-padrão são ‘sujeito posposto ao verbo’ e ‘presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ (64% e 53% contra 36% e 47% de uso da variante padrão, respectivamente).

Os resultados descritos acima somam-se às conclusões de vários estudos sobre a CV no PB que preconizam que a atuação das variáveis ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ e ‘ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ é relevante para

o estudo da variação entre ausência e presença de marcas de CV. Tendo isso em vista, acreditamos que os fatores de ambas variáveis podem ser observadas de forma conjunta, já que possuem relação de influência entre si.

### **3.4.2 Cruzamento de dados feito entre as variáveis extralinguísticas ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ e ‘escolaridade’**

Os fatores das variáveis extralinguísticas ‘escolaridade’ e ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ também parecem ter relações de influência entre eles, já que é a partir do ingresso na instituição que as crianças passam a frequentar a escola.

A variável ‘escolaridade’ foi apontada como a segunda variável extralinguística relevante para o estudo da variação entre ausência e presença de marcas de CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió. Contudo, acreditamos que ela seja o principal fator extralinguístico, uma vez que a variável ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ pode estar correlacionada ao nível de escolarização. Assim, nos motivamos a realizar o cruzamento de dados entre essas duas variáveis para verificarmos essa hipótese.

Tabela 11: Resultados do cruzamento de dados feito entre as variáveis ‘escolaridade’ e ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ em relação à variável dependente

<i>Tempo de permanência</i>	<i>Ausência e presença de marcas de CV</i>	<i>Escolaridade</i>		
		<b>Início do EF</b>	<b>Fim do EF</b>	<b>Total</b>
<b>Menos de cinco anos</b>	<b>Ausência de marcas de CV</b>	48%	28%	38%
	<b>Presença de marcas de CV</b>	52%	72%	62%
<b>Mais de cinco anos</b>	<b>Ausência de marcas de CV</b>	17%	26%	21%
	<b>Presença de marcas de CV</b>	83%	74%	79%
<b>Total</b>	<b>Ausência de marcas de CV</b>	33%	27%	30%
	<b>Presença de marcas de CV</b>	67%	73%	70%

Através da tabela acima, que nos traz os resultados percentuais obtidos através do cruzamento entre as variáveis ‘escolaridade’ e ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ em relação à variável dependente, percebemos, a partir do resultado total, que a variante ‘presença de marcas de CV’ é a preferida para todos os fatores em análise. Contudo, a variação é mais equilibrada quando os falantes estão no início do ciclo do ensino fundamental e possuem menos de cinco anos na entidade filantrópica (48% de ausência de marcas de CV contra 52% de presença dessas marcas).

No resultado total, obtivemos que os fatores que mais exercem influência significativa sobre o uso da variante padrão são ‘mais de cinco anos na entidade filantrópica’ e ‘fim do ciclo do ensino fundamental’ (79% e 73%, respectivamente). Já os fatores que possuem maiores percentuais para o uso da variante não-padrão são ‘menos de cinco anos na entidade filantrópica’ e ‘início do ciclo do ensino fundamental’ (38% e 33%, respectivamente).

Esses dados, portanto, revelam-se significativos para nosso estudo. Logo, algumas considerações devem ser feitas. Primeiro, podemos dizer que tanto a escola, como a entidade filantrópica, que além de dar a oportunidade do ingresso em uma instituição escolar, também oferece aulas de reforço, parecem exercer um papel importante no condicionamento do uso da variação entre ausência e presença de marcas de CV.

Segundo, mas não menos importante, está relacionado com o desenvolvimento da coleta dos dados. Como vimos no capítulo sobre a fundamentação metodológica, a coleta foi feita através de entrevistas e narrativas. Apesar de termos nos preocupado com procedimentos que evitassem ao máximo um desenvolvimento de entrevistas e narrativas formais, em que os falantes se preocupassem menos com suas falas, não contamos com um fato que pode ter ido de encontro a esse objetivo: a habitualidade de realizações de entrevistas relacionadas ao processo de adoção, em que as crianças são estimuladas a demonstrar uma boa imagem, de pessoa educada, estudiosa, responsável, entre outras características, para que o interessado em adotar fosse convencido, de fato, a realizar a adoção.

Sendo assim, acreditamos que esses fatores possam ter contribuído para um maior uso da variante de prestígio. Sugerimos, desde logo, para trabalhos futuros, o desenvolvimento de gravações de conversas entre os próprios colaboradores, se possível, sem a presença do pesquisador, que por mais que tente se familiarizar com a comunidade de fala, não é um membro dela, sendo considerado, portanto, um visitante.

Tendo em vista o exposto, apesar de a variável ‘escolaridade’ ter sido apontada como a última variável considerada relevante para o estudo da variação entre ausência e presença de marcas de CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, não podemos desconsiderar a influência significativa que ela exerce sobre o estudo.

## Considerações

Neste capítulo, conhecemos as variáveis apontadas como estatisticamente significativas para o estudo da variação entre ausência e presença de marcas de CV e pudemos ratificar ou não as hipóteses previamente levantadas. Realizamos também o cruzamento de dados feito entre algumas variáveis que, a partir da análise dos dados, pudemos constatar que seus fatores exerciam influências entre si.

Devemos lembrar que os princípios teóricos e metodológicos discutidos nos capítulos 1 e 2 foram essenciais para a construção deste terceiro capítulo. Foram eles que nos permitiram coletar e descrever os dados e compreender melhor o uso da variação entre ausência e presença de marcas de CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió.

A seguir, tecemos algumas considerações acerca de toda a pesquisa e alguns apontamentos para trabalhos futuros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como principal objetivo analisar o comportamento da variação entre ausência e presença de marcas de CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió. Para isso, selecionamos a Sociolinguística Variacionista, de Labov (2008 [1972]), como pressuposto teórico e metodológico, visto que acreditamos que essa corrente linguística nos oferece os pressupostos necessários para o desenvolvimento de uma investigação que tem como hipótese principal que a variação em estudo é condicionada por motivações internas e externas ao sistema linguístico.

Para o desenvolvimento deste trabalho, realizamos entrevistas e narrativas a fim de coletarmos a fala de dezesseis crianças e adolescentes que vivem nas entidades filantrópicas Lar Batista Marcolina Magalhães e Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O’Neal, localizados no bairro do Tabuleiro dos Martins.

Do *corpus* levantado a partir do registro da fala dessa comunidade, extraímos setecentos e sete dados, os quais foram submetidos à análise quantitativa através do programa computacional Goldvarb X, que nos forneceu resultados numéricos, percentuais e probabilísticos e nos apontou os fatores estatisticamente atuantes no uso da variável em análise nesta pesquisa.

Para o manuseio desse programa, guiamo-nos a partir dos trabalhos de Sankoff et al (2005), Guy e Zilles (2007) e Vitória (2008). Os trabalhos de Labov, (2008 [1972]), Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), Campoy e Almeida (2005) e Oliveira e Silva (2003) nos orientaram para que pudéssemos desenvolver os procedimentos metodológicos adequados para alcançarmos nossos objetivos.

Já os estudos de Labov, (2008 [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), Lucchesi (2004) e Moura (2007) nos forneceram embasamentos importantes para a construção do capítulo sobre o referencial teórico.

Os resultados dos trabalhos de Scherre, Naro e Cardoso (2007), Naro e Scherre (2007), Moura (2007), Lucchesi (2006), Santos (1999), entre outros foram fundamentais para que pudéssemos compreender o quadro sociolinguístico da CV, o que nos possibilitou a construção das nossas hipóteses e, conseqüentemente, dos nossos objetivos. Esta pesquisa, portanto, se desenvolveu em torno das hipóteses previamente levantadas a fim de alcançarmos os objetivos pretendidos.

Tendo em vista que os estudos sociolinguísticos comprovam que o uso da variável ausência e presença de marcas de CV é influenciado por contextos linguísticos e extralinguísticos, realizamos a análise desse uso na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió de acordo com cada contexto. Através dos estudos sociolinguísticos, do perfil social dessa comunidade e do *corpus* levantado a partir da fala dessa comunidade, selecionamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas.

A fim de tentarmos tornar os resultados obtidos por este estudo os mais claros possíveis, inserimos tabelas e gráficos. Os trabalhos de Santos (1999) e Vitória (2008) serviram como modelos para o desenvolvimento do último capítulo desta pesquisa.

No que diz respeito às motivações linguísticas, as variáveis estatisticamente apontadas pelo Goldvarb X como significativas para o estudo da referida variação foram: ‘número/pessoa’, ‘ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ e ‘posição do sujeito em relação ao verbo’.

Para a primeira variável, ‘número/pessoa’, considerada como a mais importante para a referida análise, constatamos que ‘1ª pessoa do plural’ e ‘3ª pessoa do plural’ apresentaram uma

percentagem maior para a forma não-padrão (52% e 70%, respectivamente). Todavia, o peso relativo nos mostrou que apenas o fator ‘1ª pessoa do singular’ exerce influência significativa para o uso da variante padrão (.97). Os demais fatores (‘3ª pessoa do singular’, ‘3ª pessoa do plural’ e ‘1ª pessoa do plural’), portanto, foram apontados como influenciadores do uso da variante não-padrão (.36, .15 e .10, respectivamente). Através não só da análise desses resultados, mas também da observação do *corpus*, percebemos que sujeitos no singular levam mais ao uso da variante padrão, com exceção do sintagma ‘a gente’, que parece gerar uma variação equilibrada entre as variantes, e que sujeitos no plural levam mais ao uso da variante não-padrão, confirmando, portanto, nossas hipóteses.

Para a variável ‘ausência e presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’, constatamos que o fator ‘ausência de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ condiciona o uso da variante padrão, ao passo que o fator ‘presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ condiciona mais o uso da variante não-padrão. Esses resultados ratificam nossas hipóteses e vão ao encontro de estudos sociolinguísticos sobre a CV.

A variável ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ apareceu em quarto lugar na ordem de significância para o estudo da variável dependente, ficando na última posição em relação às variáveis linguísticas. Para essa variável, verificamos que o fator ‘sujeito anteposto ao verbo’ leva mais ao uso da variante ‘presença de marcas de CV’, enquanto o fator ‘sujeito posposto ao verbo’ leva mais ao uso da variante ‘ausência de marcas de CV’ (74% e 65%, respectivamente). Contudo, os resultados obtidos a partir do peso relativo foram diferentes para o fator ‘sujeito anteposto ao verbo’, que apresentou o índice (.52), revelando-se como fator estatisticamente não significativo para o estudo da variação entre ausência e presença de marcas de CV, já que esse é um índice que se encontra na escala de neutralidade. Através da análise do nosso *corpus* e dos

dados numéricos, percebemos que os números de realizações relacionados ao fator ‘sujeito anteposto ao verbo’ são bem maiores para o uso da norma padrão, revelando-se, assim, um fator importante para o estudo.

Quanto aos contextos extralinguísticos, as variáveis ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ e ‘nível de escolaridade’ foram selecionadas como influentes na variação entre ausência e presença de marcas de CV. Já a variável ‘localidade’ foi a única variável não selecionada como significativa para o uso dessa variação.

A variável ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’ foi a primeira variável não linguística e a terceira variável no total a aparecer na ordem de significância. Para essa variável, observamos que os dois fatores em análise apresentaram um condicionamento maior para a variante padrão do que para a não-padrão (62% e 69% contra 38% e 21%). Esses resultados apresentam-se diferentes dos obtidos a partir do peso relativo, que nos apontam que o fator ‘mais de cinco anos na entidade filantrópica’ condiciona mais o uso da variante padrão (.64), e que, por outro lado, o fator ‘menos de cinco anos na entidade filantrópica’ condiciona mais o uso da variante não-padrão (.38). Esses resultados juntamente com a análise do *corpus* nos permitem ratificar nossas hipóteses de que falantes que possuem menos de cinco anos na entidade filantrópica tendem a usar mais a forma não-padrão e os falantes que possuem mais de cinco anos nessa entidade tendem a usar mais a forma padrão.

Igualmente ao que ocorreu com os resultados obtidos para a variável ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’, ocorreu com os resultados obtidos para a variável ‘escolaridade’, segunda variável extralinguística e quinta variável no total a ser considerada relevante para o estudo da variação entre ausência e presença de marcas de CV. Os resultados percentuais apontaram que os dois fatores em análise condicionam mais o uso da variante ‘presença de marcas de CV’, enquanto que o peso relativo apontou que o fator ‘fim do ciclo do

ensino fundamental' gera mais o uso dessa variante (.56) e o fator 'início do ciclo do ensino fundamental' gera mais o uso da variante 'ausência de marcas de CV' (.43), confirmando, assim, as hipóteses levantadas previamente.

A variável extralinguística 'localidade', referente ao local onde os colaboradores viviam antes de irem para a entidade filantrópica, foi a única variável não selecionada como estatisticamente significativa para o uso da variável dependente. De acordo com a análise dessa variável, os fatores em análise apresentaram percentuais maiores para o uso da variante padrão e o peso relativo mostrou que nenhum dos fatores exerce influência significativa sobre as variantes em análise, refutando nossa hipótese de que o fator 'capital' leva a mais casos de presença de marcas de CV e corroborando com as pesquisas sociolinguísticas que apontam que a regionalidade não é uma variável relevante para o estudo da CV.

A partir da realização do cruzamento de dados feito entre as variáveis 'posição do sujeito em relação ao verbo' e 'ausência e presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo', verificamos que os fatores que mais exercem influência significativa sobre o uso da variante padrão são 'ausência de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo' e 'sujeito anteposto ao verbo'. Os fatores que mais exercem influência significativa sobre o uso da variante não-padrão são 'sujeito posposto ao verbo' e 'presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo'. Tendo isso em vista, podemos dizer que a atuação das variáveis 'posição do sujeito em relação ao verbo' e 'ausência e presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo' podem ser associadas, já que os fatores de ambas podem ser estudados como um único fator, por exemplo, 'sujeito imediatamente anteposto ao verbo' e 'sujeito não imediatamente posposto ao verbo'.

Os dados das variáveis 'escolaridade' e 'tempo de permanência na entidade filantrópica' também foram cruzados, uma vez que essas variáveis parecem ter relações de influência entre si,

já que é a partir do ingresso na instituição que as crianças passam a frequentar a escola. Através do cruzamento dos dados, constatamos que os fatores que mais exercem influência significativa sobre o uso da variante padrão são ‘mais de cinco anos na entidade filantrópica’ e ‘fim do ciclo do ensino fundamental’. Já os fatores que possuem maiores percentuais para o uso da variante não-padrão são ‘menos de cinco anos na entidade filantrópica’ e ‘início do ciclo do ensino fundamental’. Esses resultados revelam-se importantes para o nosso estudo e indicam que a análise da variável ‘escolaridade’, apesar de ter aparecido em último lugar na ordem de significância, é fundamental para o estudo da variação entre ausência e presença de marcas de CV.

Percebemos, portanto, que os resultados obtidos nesta pesquisa podem comprovar a existência da variação entre ausência e presença de marcas de CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, como também a existência de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos exercendo influência significativa sobre essa variação, confirmando nossa hipótese de que, na fala dessa comunidade, as marcas de CV ora são realizadas, ora não.

A descrição procedida nesta pesquisa, em que analisamos as variáveis uma por uma, foi essencial para que pudéssemos alcançar nossos objetivos e para a tentativa de deixarmos nossa análise o mais evidente possível, pois assim acreditamos que o encaixamento das variantes em estudo no sistema linguístico torna-se mais fácil. Ter traçado o perfil da comunidade de fala que trabalhamos nesta pesquisa também foi importante, uma vez que nos permitiu conhecer e caracterizar melhor a fala dessa comunidade.

Acreditamos, portanto, que este trabalho possa contribuir para a descrição do uso da variação entre ausência e presença de marcas de CV e, conseqüentemente, para a descrição do Português Brasileiro.

Contudo, essa descrição, apesar de ter nos possibilitado alcançar os resultados mencionados acima, também demonstra algumas limitações, que vão além deste trabalho, tornando-se, portanto, possíveis desdobramentos para uma continuidade deste estudo. A saber:

- Tornar o estudo mais amplo, incluindo na análise outras variáveis linguísticas e extralinguísticas que são consideradas relevantes para a investigação da variação entre ausência e presença de marcas de CV, já que, devido ao tempo, tivemos que nos limitar a seis variáveis, e aumentando o número de colaboradores e, conseqüentemente, de entidades filantrópicas.

- Aprofundar o estudo sobre as variáveis linguísticas ‘número/pessoa’, ‘ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ e ‘posição do sujeito em relação ao verbo’, já que estas se revelaram importantes neste trabalho, como também em outros estudos. Para isso, realizaremos, por exemplo, a separação de pronomes de terceira pessoa do singular da expressão ‘a gente’, que se tornará um outro fator para a análise, e a divisão do fator ‘presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’ de acordo com a quantidade de elementos encontrados entre sujeito e verbo. Deverão ser separados também da análise os dados em que há sujeito pronominal ‘eu’ e os sujeitos subtendidos deverão ser incluídos.

- Aprofundar também o estudo da variável extralinguística ‘escolaridade’, uma vez que as demais variáveis extralinguísticas frequentemente estudadas sobre a referida variação parecem estar relacionadas ao nível de escolarização.

- Analisar o uso da variação entre ausência e presença de marcas de CV na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió. Como a escola trabalha com a escrita, valorizando a língua culta e estigmatizando a popular, faz-se necessário observarmos a influência do nível de escolaridade sobre esse comportamento na escrita dessa mesma comunidade, tanto em contextos informais, como formais, a fim de verificarmos se a referida

variação se limita à fala ou também aparece na escrita. Portanto, a comparação desse fenômeno nas duas modalidades da língua, como também a verificação de que a escola exerce um papel significativo sobre a escolha de uma variante em detrimento da outra serão fundamentais.

- Comparar o uso da variação de marcas de CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió com o uso na fala de menores carentes que vivem nas ruas e, ainda, com esse uso na fala de crianças e adolescentes, cujos pais possuem um nível econômico mais alto.

- Buscar explicações linguísticas para o fenômeno descrito e analisado nesta pesquisa. Como a Sociolinguística se preocupa “apenas” com a descrição e a análise dos dados, faz-se necessário recorrermos a outras teorias que nos ofereçam subsídios para tal desenvolvimento.

- Vale salientarmos, por fim, que os tópicos apresentados acima se complementam, podendo ser realizados de forma conjunta, tendo em vista, é claro, o tempo destinado para tal desenvolvimento e os recortes necessários exigidos por toda pesquisa científica.

Essas inquietações, que vão além das limitações deste trabalho, nos instigam a continuar buscando um maior conhecimento sobre o uso da variação entre ausência e presença de marcas na CV. Por outro lado, acreditamos que elas não diminuem o esforço do presente trabalho em alcançar os objetivos previamente pretendidos.

Esperamos, portanto, que este estudo possa ter contribuído, não só para uma compreensão de como ocorre a variação de CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, como também para um possível avanço de estudos sobre a CV e sobre a Sociolinguística Variacionista, quando somado a outros estudos.

Em proporções gerais, esperamos também que esta pesquisa possa ter contribuído, de alguma forma, para se evitar possíveis estigmatizações no que diz respeito à fala de comunidades, economicamente e socialmente menos assistidas da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALKIMIN, T. M. Sociolinguística: parte 1. In MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Linguística I. Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

BAGNO, M. *Evanildo Bechara ou a educação pela direita*. 2008. Disponível em: <[http://www.marcosbagno.com.br/conteudo/arquivos/art\\_carosamigos-abril.htm](http://www.marcosbagno.com.br/conteudo/arquivos/art_carosamigos-abril.htm)>. Acesso em 14 de jul. de 2009.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. A concordância verbal em Português: um estudo de sua significação social. In VOTRE, S.; RONCARATI, C. *Anthony Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7letras, 2008. p. 362-380.

CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, R. G. O formal e o informal na teoria variacionista. In: ABRAÇADO, J.; RONCARATI, C. (orgs.) *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade linguística e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 55-65.

CAMPOY, J. M. H.; ALMEIDA, M. *Metodología de la investigación sociolingüística*. Málaga: Editorial Comares, 2005.

CASTRO, L. A. *Entidades filantrópicas*. Disponível em <<http://www.uff.br/direito/artigos/artigo11.htm>>. Acesso em 27 de jan. de 2009. Não paginado.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Haia: Mouton, 1957.

COSTA, A. P. M. *População em situação de rua: contextualização e caracterização*. Revista Virtual Textos & Contextos. 2005. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/993>>. Acesso em 27 de jan. de 2009.

COSTA, M. A. As definições de sujeito e seus traços de caracterizadores. O traço de concordância. *Anais do I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino*. Universidade Federal de Alagoas. Coordenação do mestrado em Letras – Maceió: EDUFAL, p. 315-320, 1994.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

DIAGNÓSTICO GRATUITO. *Capacitação na Gestão de Entidades do TERCEIRO SETOR*. Disponível em <<http://www.convergenciasocial.com.br/capacitacao.htm>>. Acesso em 13 de nov. de 2008. Não paginado.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

ECKERT, P. *Language Variation as social Practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1975.

FIGUEROA, E. *Sociolinguistic metatheory*. Oxford: Pergamon, 1994.

GRACIOSA, D. M. D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRABALHO E SOCIEDADE. *Um diagnóstico socioeconômico do Estado de Alagoas a partir de uma leitura dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (1992-2004)*. Disponível em <[http://www.iets.org.br/biblioteca/Um\\_diagnostico\\_socioeconomico\\_do\\_Estado\\_de\\_Alagoas.pdf](http://www.iets.org.br/biblioteca/Um_diagnostico_socioeconomico_do_Estado_de_Alagoas.pdf)>. Acesso em 19 de mai. de 2009. Não paginado.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

\_\_\_\_\_. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: *Sociolinguistics Working Paper*. Texas, n. 44, 1978. p. 1-13.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in society*, n. 7, 1978. p. 171-182.

LEITE, Y.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LUCCHESI, D. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. *Revista da Abralín*, v. 5, n. 1 e 2, 2006, p. 83-112. Disponível em <[http://www.abralin.org/revista/RV5N1\\_2/RV5N1\\_2\\_art4.pdf](http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art4.pdf)>. Acesso em 9 de jun. de 2009.

\_\_\_\_\_. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.

MACHADO, R. H. B. *Instituições caras nas vozes e silêncios de meninos e meninas de rua*. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2000.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. (org). *Português Culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989. p. 281-318.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. Desenvolvimento social. Disponível em <<http://www.mds.gov.br/institucional/secretarias/secretaria-nacional-de-assistencia-social-snas-1>>. Acesso em 27 de jan. de 2009. Não paginado.

MILROY, J. Probing under the tip of the iceberg: phonological ‘normalization’ and the shape of speech communities. In: ROMAINE, S. (ed.). *Sociolinguistic Variation in Speech Communities*. London: Edward Arnold, 1982.

MILROY, L. Social Network. In: CHAMBERS, J.K.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.), *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 549-571.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MOREIRA, J. C. *Geografia para o ensino médio: geografia geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2002.

MOURA, D. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. In: MOURA, D. (org) *Leitura e escrita: a competência comunicativa*. Maceió: EDUFAL, 2007. p. 11-26.

MOTTA, E. C. M. *Escolarização e variação linguística*. 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*. LSA, 1981. p. 63-98.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. Sobre o princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, D. (org) *Os Múltiplos Usos da Língua*. Maceió: EDUFAL, 1999. p. 26-37.

\_\_\_\_\_. Disfluences in the analysis of speech data. *Language Variation and Change*. v. 8, n. 1, p. 1-12, 1996.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Coleta de dados. In MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 117-133.

OLIVEIRA, M. S. *Variação na concordância verbal: os contextos linguísticos*. Disponível em <[http://www.mundoalfal.org/cdcongresso/cd/historia\\_portugues/oliveira.swf](http://www.mundoalfal.org/cdcongresso/cd/historia_portugues/oliveira.swf)>. Acesso em 9 de jun. de 2009.

PEDROSA, J. L. R.; HORA, D. A ordem sujeito/verbo na comunidade de João Pessoa: encaixamento linguístico. *Revista Leitura* do PPGLL da UFAL. Número temático: Teoria e análise linguística, n. 25 – jan./jun. Maceió: EDUFAL, p. 89-117, 2000.

PEIXOTO, M. E. *Germil – Notas etnográficas e linguagem*. Licenciatura em filologia românica – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1968.

PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J. L. (org) *Introdução à Linguística*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 11-24.

RODRIGUES, E. *Crianças de Alagoas são as mais pobres, desnutridas e têm o segundo pior IDI do país: Pesquisa do Unicef mostra a dura realidade das crianças brasileiras*. 2008. Disponível em <<http://www.tudonahora.com.br/noticia.php?noticia=8226>>. Acesso em 27 de jan. de 2009. Não paginado.

SÁ, E. J. *Estudos de variação linguística: o que é preciso saber e por onde começar*. São Paulo: Textonovo, 2007.

SANKOFF et al. *GOLDVARB X: A multivariate analysis application*. 2005. Disponível em <<http://www.projetoaspa.org/cristofaro/pesquisa/goldvarb/manualvarbrul.doc>>. Acesso em 3 de jul. de 2009.

SANTOS, M. B. *A concordância sujeito-verbo na língua falada por crianças de 1ª à 5ª série da cidade de Maceió-AL*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. Trad. Antônio Chelini, José Paulo e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 2004 [1916].

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; CARDOSO, C. R. O papel de tipo de verbo na concordância verbal no Português Brasileiro. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica Aplicada*, v. 23, n. spe. São Paulo, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244502007000300012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244502007000300012&script=sci_arttext)>. Acesso em 27 de jun. de 2009.

SCHERRE, M. P. M.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147-177.

\_\_\_\_\_. Sobre a concordância verbal de número no português falado no Brasil. In: OLIVEIRA, M. dos S. *Variação na concordância verbal: os contextos linguísticos*. 1998. Disponível em <[http://www.mundoalfal.org/cdcongreso/cd/historia\\_portugues/oliveira.swf](http://www.mundoalfal.org/cdcongreso/cd/historia_portugues/oliveira.swf)>. Acesso em 9 de jun. de 2009.

SILVA, E. V. da. Norma, variação e ensino: a concordância verbal. *Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, 2008, p. 31-41. Disponível em <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo2.pdf>>. Acesso em 9 de jun. de 2009.

VANIN, A. A. Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’. In *Acta Scientiarum language and culture*. Vol. 31, nº 2, Maringá, 2009. p. 147-153.

VIANA, S. de A. Comunidade linguística e comunidade de fala: discutindo conceitos. *Artigo eletrônico*. Disponível em <[http://docs.google.com/View?docID=dc8dj3kp\\_88d23wf5&revision=\\_latest](http://docs.google.com/View?docID=dc8dj3kp_88d23wf5&revision=_latest)>. Acesso em 3 de set. 2008. Não paginado.

VIEIRA, S. R. Aspectos da concordância verbal em dialetos populares. *Anais do I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino*. Universidade Federal de Alagoas. Coordenação do mestrado em Letras – Maceió: EDUFAL, p. 323-327, 1994.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. *Ter/haver existenciais na escrita de alunos dos ensino fundamental e médio da cidade de Maceió/AL*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-57.

WEINER, E.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *J. Linguistic*, n. 19, 1983. p. 29-58.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1975].

WIEDEMER, M. L. *As faces da comunidade de fala*. 2008. Disponível em <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/viewPDFInterstitial/810/865>>. Acesso em 29 de mai. de 2008.

## ANEXOS

### 1. Ficha social

#### Lar Batista Marcolina Magalhães e Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O'Neal

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Tempo de permanência:

Motivo de estar na Instituição:

Contato externo:

Localidade:

## 2. Roteiro-guia

### Lar Batista Marcolina Magalhães e Lar Evangélico Masculino Pastor Boyd O'Neal

#### **Entrevista**

- Você tem amigas/amigos?
- De onde você conhece elas/eles?
- Como elas/eles são?
- O que vocês fazem juntas/juntos?
- O que você mais gosta nelas/neles?
- O que você menos gosta nelas/neles?
- Você gosta da sua escola? (justificar)
- O que você mais gosta na sua escola?
- O que você menos gosta na sua escola?
- O que você mais gosta de fazer no Lar? (justificar)

#### **Narrativa**

- Dia inesquecível (feliz ou triste)
- Vida no Lar
- Brincadeiras

#### **Narrativa**

- Inquietações e desejos que da colaboradora/do colaborador em relação à vida e ao orfanato e o que ela/ele gostaria que mudasse no Lar e na própria vida

### 3. Convenções de transcrição

Convenções adotadas do Modelo utilizado no PRELIN (Programa de estudos linguísticos),  
vinculado à PGLL/FALE/UFAL

As transcrições não têm pontuação e as letras maiúsculas só são utilizadas para os nomes próprios. Os falantes são mencionados pela inicial L e um número: L1, L2, à margem do texto, e o entrevistador pela inicial E e um número: E1, E2, também à margem do texto.

O texto comporta um mínimo de símbolos tipográficos, que correspondem a três rubricas:

#### 1. Convenções gerais para todas as transcrições.

##### 1.1 Notação das pausas e interrupções, por aproximação, sem medida técnica:

- pausa curta

-- pausa média

--- pausa longa

//// interrupção bastante longa

##### 1.2 Notação das dificuldades de escrita:

X símbolo para uma sílaba incompreensível

XXX sequência de sílabas incompreensíveis

##### 1.3 Notação das alternâncias auditivas, que fornecem diferentes possibilidades de transcrição:

/bairro, barro/

Entre barras oblíquas, separadas por uma vírgula, são notadas as diferentes transcrições possíveis, a primeira sendo julgada a mais provável.

/bairro, Ø/

Com a mesma notação, hesitação entre uma escrita e nada.

#### 1.4 O cruzamento de vozes:

E1. sim

L1. concordo

Os enunciados pronunciados pelo entrevistador e pelo falante ao mesmo tempo são sublinhados.

#### 2. As notas de rodapé.

Assinala-se em notas de rodapé os fatos destacados de pronúncia ou de cortes ou alguns acontecimentos da situação sejam significativos como os gestos, risos, ruídos etc.

#### 3. Convenção particular para as observações fônicas.

fé:

O alongamento de uma vogal é marcado com dois pontos. Quando esse alongamento tem uma duração maior, colocamos esse sinal de pontuação duas vezes, por exemplo: fé::

O Protocolo de Transcrição deve conter todos os critérios adotados para a transcrição de fitas gravadas, destacando-se os aspectos pertinentes da fala para as análises a serem realizadas, na perspectiva de deixar o texto legível, segundo à ortografia oficial, mas procurando recuperar, nas transcrições, o máximo de questões características da fala local.